



A Cella como Espaço de Habitar

Análise Espacial dos Sistemas de Encarceramento

Rafaela Filipa Dias Oliveira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
Mestrado Integrado

Orientador: Prof. Doutor Luís Miguel de Barros Moreira Pinto

junho de 2025

Declaração de Integridade

Eu, Rafaela Filipa Dias Oliveira, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 40335 do Mestrado Integrado de Arquitetura da Faculdade de Engenharia, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 11 / 06 / 2025

Rafaela D. Oliveira

Aos meus pais.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à minha mãe e ao meu pai, que sempre me incentivaram a seguir este sonho de ser arquiteta, e pelo apoio incondicional que demonstraram em todas as minhas escolhas, das mais incertas às mais coerentes.

À minha irmã, que foi sempre o meu equilíbrio, e à restante família que esteve presente ao longo da minha evolução.

Aos que fizeram parte deste percurso académico, obrigada a cada um de vocês. Um especial agradecimento à Diana, à Cátia e ao Rui.

Ao Adam, por todas as videochamadas de estudo, por toda a dedicação e preocupação. Obrigada por me ajudares a manter o foco até ao fim. Obrigada Simone, Sasha e Kevin.

Ao meu orientador, Professor Luís Moreira Pinto, pela disponibilidade e pelo contributo determinante para o processo evolutivo da dissertação.

Resumo

O espaço prisional está inserido no contexto social, político e judicial que atuam diretamente no estado mental e bem-estar dos reclusos. A presente dissertação reflete a relação entre o desenho arquitetônico e a psicologia ambiental, na medida em como a cela é também um lugar de habitar.

Partindo da análise comparativa de casos de estudo de modelos arquitetônicos de encarceramento europeus, este estudo pretende investigar os elementos espaciais relevantes dos projetos de arquitetura com o objetivo de propor um modelo conceptual que contribua para uma reinserção em sociedade mais eficaz.

Neste sentido, a investigação procura oferecer diretrizes importantes para melhorar os futuros projetos arquitetônicos, reforçando a importância da arquitetura no processo de reabilitação dos espaços prisionais, contribuindo para o debate e implementação da reforma das instituições penais num momento em que o tema continua a ser controverso e não dar a devida importância.

Palavras-chave

Arquitetura prisional; Reintegração social; Reclusos; Encarceramento; Cela.

Abstract

Prisons are part of a social, political and judicial that directly impacts the mental state and well-being of inmates. This dissertation explores the relationship between architectural design and environmental psychology, emphasising the notion that the prison cell is also a place of dwelling.

This is achieved through a comparative analysis of case studies regarding European architectural models of incarceration. These studies investigate the relevant spatial elements of architectural projects to propose a conceptual model that contributes to a more effective reintegration into society.

In this regard, the dissertation seeks to recommend important guidelines. The guidelines will, firstly, improve future architectural projects by highlighting the importance of architecture in the process of rehabilitating prison spaces. Secondly, the guidelines will contribute to the debate and implementation of penal reform institutions at a time when the subject remains controversial and not given due importance.

Keywords

Prison architecture;Social reintegration;Inmates;Incarceration;Cell.

Índice

I Introdução	23
1.2. Objetivos.....	25
1.3. Estrutura e Metodologia do trabalho	26
II Enquadramento histórico	29
2.1. Gênese do espaço.....	31
2.1.1. Arquitetura de poder	35
2.1.2. Ideologia Humanista	38
2.1.3. Espaço de correção.....	41
2.2. Tipologias.....	53
2.2.1. Radial	53
2.2.3. Ferradura ou concêntrica	63
2.2.4. Espinha ou poste telefónico	65
2.3. A Persistência da Evolução	68
2.4. Punição vs Reabilitação	73
2.5. A cela como espaço de habitar	85
III Casos de estudo	99
3.1. Referências	100
3.1.1. Fortaleza de Peniche.....	106
3.1.2. Convento de la Tourette.....	122
3.1.3. Prisão de Halden.....	134
3.4. Matriz de análise	143
3.5. Tabela de análise	144
3.6. Caracterização dos contrastes espaciais e funcionais- Análise crítica.....	146
IV Modelo conceptual	151
4.1. Estudo sensorial	153
4.1.1. Espaço	154
4.1.2. Forma.....	158
4.1.3. Psicologia da cor	162
4.1.4. Forma e cor	166
4.1.5. Luz e Sombra.....	170
4.1.6. Materialidade.....	174
4.2. Modelo Conceptual	178
4.2.1. Cela individual	183
4.2.2. Cela partilhada	185
V Considerações finais	189
Referências bibliográficas	194

Lista de Figuras

Fig. 1- Ruínas da Desmotherion, Atenas

Fig. 2- Corte da igreja de San Giuseppe dei Falegnami, Roma

Fig. 3- Ilustração do Tullianum, Roma

Fig. 4 - Gaiolas de ferro em Saint-Michel, França

Fig. 5 - Newgate prison, Londres

Fig. 6- Execução fora da Newgate Prison, perto de 1800's

Fig. 7 – Esquema do funcionamento das prisões durante o Renascimento

Fig. 8 – Palácio de Bridewell, Londres

Fig. 9 – Zuchthaus, Alemanha

Fig. 10 – Rasphuis, Amesterdão, 1663

Fig. 11 – Spinhuis, Amesterdão, 1664

Fig. 12 – Corte longitudinal e planta da Casa de Correção de San Michele, 1704

Fig. 13 – Alçado e planta da Casa de Correção de Milão, séc. XVIII

Fig. 14 – Vista do interior da Casa de Correção de Milão, 1969

Fig. 15 – Vista da Maison de Force, por volta do séc. XIX

Fig. 16 – Secção da planta de Maison de Force

Fig. 17 – John Howard numa prisão a observar uma família pobre e presa, por Francis Wheatley, 1790

Fig. 18 – Modelo do panótico por Jeremy Bentham

Fig. 19 - Castelo de Lancaster, onde é possível observar o modelo do panótico reservado à ala feminina

Fig. 20- Perspetiva da Prisão de Millbank, 1862

Fig. 21- Planta da Prisão de Millbank, 1828

Fig. 22- Perspetiva da Prisão de Pentonville, 1844

Fig. 23- Bancadas da capela, 1862, por Henry Mayhew e por John Binny

Fig. 24- Prisioneiros com máscara enquanto se exercitavam, 1862, por Henry Mayhew e por John Binny

Fig. 25- Planta da Casa de Correção de Gloucester, 1789

Fig. 26- Vista exterior do Cárcere Borbonico di Santo Stefano, Ventotene

Fig. 27- Planta de Wormwood Scrubs

Fig. 28- Entrada para o Estabelecimento Prisional, 2023

Fig. 29- Vista da prisão de Fresnes

Fig. 30- Capela da prisão, 1913

Fig. 31- “Corpos doces”

Fig. 32- “Ortopedia ou a Arte de prevenir e corrigir” por Nicolas Andry, 1749

Fig. 33- EP de Viseu, 2016, por Luís Barbosa

Fig. 34- Quarto partilhado no Estabelecimento de Santa Cruz do Bispo (feminino), 2017, The portuguese prison photo project

Fig. 35- Quarto partilhado no Estabelecimento Prisional do Porto, 2022, Peter Schulthess

Fig. 36- Quarto no Estabelecimento Prisional do Porto, 2022, Peter Schulthess

Fig. 37- Quarto partilhado no Estabelecimento Prisional de Izeda, 2017, Peter Schulthess

Fig. 38- Gráfico da taxa de sorelotação em Portugal no ano de 2023

Fig. 39- Faixa etária dos indivíduos nos estabelecimentos em 2023

Fig. 40- Tipo de crimes cometidos nos anos de 2017, 2020 e 2023

Fig. 41 – Planta e Corte de uma cela standard em Portugal (esc:1:50)

Figuras 42 e 43- Quarto num espaço correcional na Suíça, 2006, Peter Schulthess

Fig. 44- Quarto no Estabelecimento de Santa Cruz do Bispo (feminino), 2017

Fig. 45 e 46- Cela na Penitenciária de Lisboa, 2024

Fig. 47- Espaços de reclusão do EP de Lisboa, 2017, The portuguese prison photo project

Fig. 48- Fortificações

Fig. 49- Hotel Dieu (hospital), 1774

Fig. 50- Sanatório das Penhas da Saúde

Fig. 51- Convento de Gensterbloem, urbex

Fig. 52- Museu Nacional Resistência e Liberdade, Peniche, 2024

Fig. 53 e 54- Vista aérea e muralha, 1992 – SIPA

Fig. 55- Planta geral da Fortaleza de Peniche – SIPA

Fig. 56 e 57- Parlatório

Fig. 58- Planta do bloco C

Fig. 59- Corredor do bloco C, 2024

Fig. 60- Janela do corredor do bloco C, 2024

Fig. 61- “Olho de Judas”

Fig. 62 e 63- Cela do bloco C, 2024

Fig. 64 e 65- Celas disciplinares, 2024

Fig. 66 e 67- O lugar das casamatas

Fig. 68- Fortim Redondo, 2012 - SIPA

Fig. 69- Fortim Redondo - SIPA

Fig. 70 e 71- Desenho técnicos do Fortim Redondo - SIPA

Fig. 72- Convento de la Tourette

Fig. 73- Vista do Convento de la Tourette

Fig. 74- Entrada principal do convento “caixa dos milagres” com o Modulor

Fig. 75- Altar da igreja

Fig. 76- Área destinada ao público

Fig. 77- Altares secundários

Fig. 78 – Aberturas de iluminação para os altares

Fig. 79- Planta do piso 0

Fig. 80- Cela monástica

Fig. 81- Corredor com as janelas com vista para o pátio

Fig. 82- Vista exterior das janelas horizontais

Fig. 83- Rampas com o átrio no centro

Fig. 84- Janelas inspiradas pelos quadros de Piet Mondrian

Fig. 85- Vista superior do Convento de la Tourette

Fig. 86- Fachada da Prisão de Halden

Fig. 87- Vista aérea da prisão

Fig. 88- Muro na zona do pátio

Fig. 89- Espaço exterior

Fig. 90- Exterior do Departamento A

Fig. 91- Zona de exercícios do Departamento A

Fig. 92 e 93- Quarto em regime celular

Fig. 94- Espaço comum do regime celular

Fig. 95- Espaços verdes entre o departamento B e C

Fig. 96- Planta do Departamento B

Fig. 97- Espaço de oração

Fig. 98- Biblioteca

Fig. 99- Ginásio

Fig. 100- Espaço de oficina

Fig. 101- Imagem de Herman Hertzberger - Lesson for Students in Architecture (2005, pp. 7-8)

Fig. 102- Ilustração de Mathew Borret

Fig. 103- Coliseu de Roma, 2023

Fig. 104- A forma através dos cheios e vazios do Coliseu de Roma

Fig. 105- Ilha de Burano, Veneza, 2021

Fig. 106- Representação do contraste da cor

Fig. 107- Fotomontagem de Bauhaus

Fig. 108- Ilustração do inquérito realizado por Kandinsky

Fig. 109- Vocação de São Mateus (1600) por Caravaggio

Fig. 110 e 111- Termas de Vals de Peter Zumthor, por Fernando Guerra, 2016

Fig. 112- Capela do Monastério Beneditino de Las Condes, 2022, Fabian Dejtiar

Fig. 113- Termas de Vals - Peter Zumthor. Por Fernando Guerra, 2016

Fig. 114- Imagem intervencionada - Aatoria

Fig. 115- Cheios e vazios de sobreposições entre Piet Mondrian e Le Corbusier – Aatoria

Fig. 116, 117, 118, 119, 120- Modelo conceptual da cela individual - Aatoria

Fig. 121, 122, 123, 124- Modelo conceptual da cela partilhada - Aatoria

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Tabela de análise dos casos de estudo – Autoria

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
DGRSP	Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
RASI	Relatório Anual de Segurança Interna
DR	Diário da República
APAR	Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso

I |

Introdução

A perspetiva comum contemporânea sobre os estabelecimentos prisionais defende que estes devem promover a reabilitação de forma a facilitar a reintegração dos reclusos em sociedade e evitar reincidências. No entanto, a realidade é que os estados atuais dos espaços de encarceramento continuam centrados na punição não só através do estado mental, mas também no meio da própria arquitetura. Como resultado, muitos reclusos saem das prisões com uma fragilidade mental mais agravada do que quando foram inicialmente detidos.

A escolha deste tema surge assim na necessidade de repensar o papel da arquitetura nos sistemas prisionais contemporâneos, um assunto frequentemente controverso e negligenciado pela população, sobretudo por incidir sobre indivíduos que cometeram delitos. Ao longo desta dissertação, constatou-se que, dos 49 estabelecimentos prisionais existentes em Portugal, três deles foram construídos há mais de um século e apenas nove foram erguidos após 1990.

Mais do que as intervenções de reabilitação previstas nos estabelecimentos em Portugal, é necessário enfrentar as condições de desumanização e sobrelotação para que os indivíduos privados de liberdade tenham os princípios básicos de dignidade para uma reabilitação social sem reincidências. Neste contexto, a arquitetura prisional pode assumir um papel ativo como um elemento transformador no processo de reintegração.

O estudo da cela, enquanto espaço onde o recluso passa maior parte da sua vivência diária, carrega consigo não apenas funções de contenção, mas também implicações psicológicas, sociais e até espirituais. É, por isso, um objeto de estudo fundamental para refletir sobre como o espaço arquitetónico pode condicionar ou favorecer a mudança de comportamento e a redução da reincidência.

Pretende-se, assim, encontrar uma intersecção entre a ética e a arquitetura, desenvolvendo um modelo conceptual da cela que atenda aos critérios espaciais e funcionais que valorizem a dignidade e saúde mental, e promovam o imperativo ético na medida em que a arquitetura seja um instrumento de mudança.

Importa salientar que esta dissertação não pretende a criação de um espaço luxuoso, contudo procura desmistificar a ideia enraizada de que a punição está associada à degradação física e emocional. Reconhece-se, no entanto, que nem todos os indivíduos respondem da mesma forma aos estímulos espaciais, especialmente em casos graves mais específicos ou ligados a perturbações de saúde mental. Ainda assim, defende-se que a qualidade espacial pode atuar como um fator potenciador de mudança e tornar a arquitetura uma ferramenta relevante como parte da estratégia da reabilitação social.

1.2. Objetivos

Os principais objetivos para este trabalho envolvem:

- Compreender, antes de mais, o enquadramento histórico que levou à transformação espacial dos sistemas prisionais;
- Comparar modelos arquitetónicos prisionais: investigar diferentes estudos e abordagens de espaços de encarceramento e como estas se interligam;
- Identificar elementos positivos de design: determinar que características arquitetónicas contribuem para uma melhor vivência nos centros prisionais para ajudar na reabilitação e reintegração dos reclusos;
- Desenvolver orientações de desenho projetual: apresentar ideias arquitetónicas baseadas nas evidências apresentadas para a construção e adaptá-las nos espaços prisionais que melhorem a reabilitação e reduzam a reincidência.

1.3. Estrutura e Metodologia do trabalho

A presente dissertação desenvolve-se em três fases distintas, mas que se correlacionam: o enquadramento histórico, os casos de estudos e o modelo conceptual, respetivamente.

A primeira fase corresponde ao enquadramento histórico, cujo objetivo é compreender a génese e a evolução do espaço prisional desde a Antiguidade até à contemporaneidade. Neste capítulo, investigam-se os principais marcos da história europeia da prisão que procuram em conjunto compreender a abordagem do surgimento e evolução da cela. Ao mesmo tempo, são analisadas as principais ideologias associadas ao encarceramento – nomeadamente a punição e a reabilitação –, e o lugar físico da cela como experiência humana de habitar.

A segunda fase diz respeito à análise comparativa de três casos de estudo – dois europeus e um caso português – que foram escolhidos com base em abordagens distintas ao encarceramento: o regime militar, o regime espiritual e um regime humanizado. Estes exemplos procuram representar diferentes contextos históricos, sociais e arquitetónicos que permitem uma reflexão crítica sobre o papel da arquitetura na vivência dos indivíduos privados de liberdade e na sua possível reintegração social.

A terceira fase envolve a elaboração de um modelo conceptual da cela prisional, que foi estudada através da premissa dos principais elementos sensoriais num espaço de encarceramento. Este modelo propõe projetar uma cela que atenda aos problemas que dificultam o bem-estar e a reabilitação dos reclusos.

A metodologia adotada para esta dissertação baseou-se essencialmente na revisão bibliográfica de autores relevantes na área da arquitetura prisional, da filosofia e perceção que se mostraram fundamentais neste contexto. A análise dos casos de estudo combinou um conjunto de material gráfico e textual, assim como visitas ao local português. Assim, a investigação resultou no desenvolvimento de uma proposta conceptual que corrobora com os estudos dedicados a este tema.

II | Enquadramento Histórico

2.1. Gênese do espaço

As origens do espaço de encarceramento remontam à Antiguidade, época em que já se observava uma tentativa de privar os seres humanos de liberdade como forma de punição. Os locais utilizados para a detenção eram muitas vezes improvisados, o que refletia a ausência de um sistema penal estruturado.

Os primeiros indícios de sistemas prisionais com organização espacial dedicada ao encarceramento surgem no Antigo Egito, por volta de 1900 a.C, onde se verificava a existência de grandes estruturas destinadas ao confinamento. Estas incluíam áreas divididas entre espaços de detenção e compartimentos reservados a estrangeiros. Muitos dos detidos eram convertidos em escravos do Estado, sendo forçados a trabalhar em grandes projetos - como as construções de Gizé. Apesar da existência de várias celas, não havia qualquer separação entre os reclusos, sendo que indivíduos que aguardavam julgamento partilhavam o mesmo espaço com prisioneiros condenados, sendo todos eles submetidos a trabalho forçado. (Rothman & Morris, 1995)

Na Grécia Antiga, os espaços prisionais localizavam-se normalmente no centro das cidades e serviam não apenas como forma de castigo, mas também como medida preventiva. O objetivo principal era manter os acusados detidos até que fossem julgados ou pagassem as suas dívidas para retornarem à liberdade. Platão descreve no seu livro “*Laws*” sobre a injustiça dos sistemas de punição e descreve uma comunidade ideal intitulada de *Magnesia* onde propõe três leis de encarceramento:

“O primeiro, um edifício público perto do mercado, destinava-se aos delinquentes em geral e devia albergar um grande número deles, embora nenhum por mais de dois anos. A segunda classe de prisão, chamada centro de reforma, destinava-se aos que tinham cometido infrações mais graves (...). Estes deviam ser confinados por um período não inferior a cinco anos (...). O terceiro tipo de prisão era para os incorrigíveis e devia situar-se longe da cidade (...). Não eram permitidas visitas e os reclusos, que deviam ser presos para toda a vida, eram guardados e alimentados por escravos.” (Rothman & Morris, 1995, p.8)¹

¹ Original: The first, a public building near the marketplace, was for general offenders and was expected to hold a large number of these, although none for longer than two years. The second class of prison, called a reform center, was for those who had committed more serious offenses (...). They were to be confined for no less than five years (...). The third kind of prison was for incorrigibles and was to be located far from the city (...). No visitors were allowed, and the inmates, who were to be imprisoned for life, were guarded and fed by slaves.”

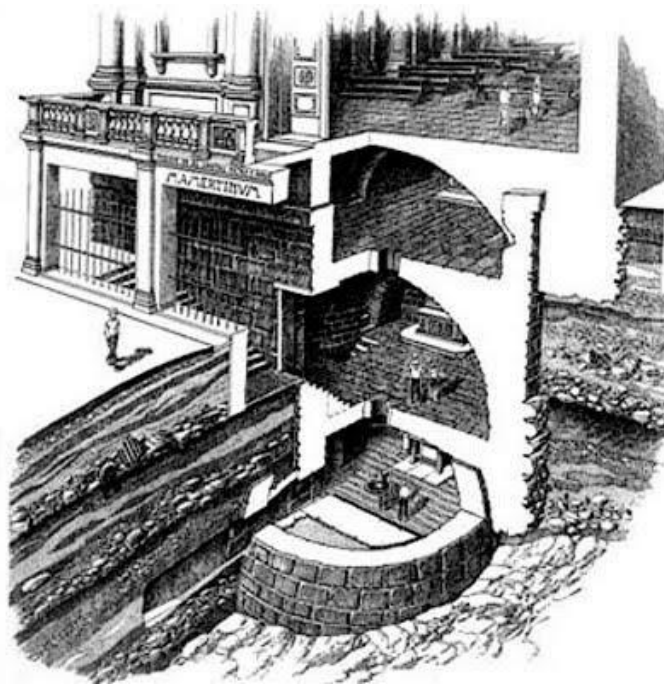
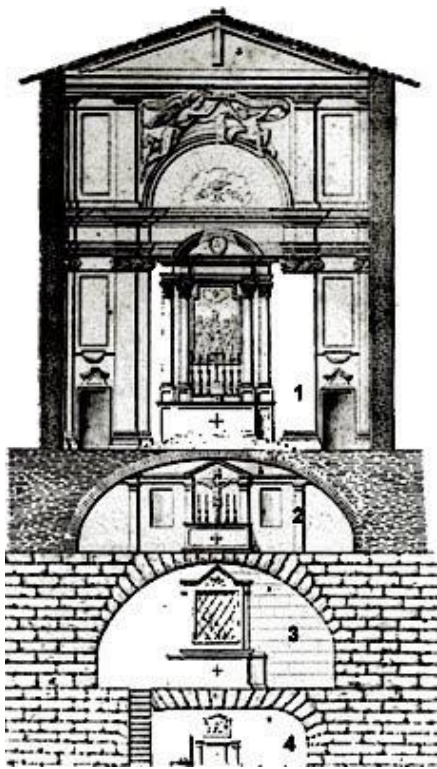


Fig. 1 - Ruínas da Desmotherion, Atenas

Fig. 2- Corte da igreja de San Giuseppe dei Falegnami, Roma (1 igreja; 2 capela; 3 Mamertinum; 4 Tullianum)

Fig. 3 - Ilustração em corte do Mamertinum, Roma

Por volta dos anos 400 a.C, em Atenas, foi construída a *Desmotherion* ou *Lugar das Correntes*, um dos primeiros edifícios prisionais conhecidos da Grécia Antiga. Este espaço, localizado num nível subterrâneo, continha pequenas aberturas gradeadas, o que dificultava a luz e ventilação no local. Foi neste espaço que o filósofo Sócrates esteve encarcerado antes de ser condenado à morte (fig. 1). (Rothman & Morris, 1995)

Em Itália, mais precisamente em Roma, há registos de dois espaços prisionais: o *Mamertinum* e o *Tullianum*, construídos perto da colina do Capitólio. A mais conhecida, a *Carcer Mamertinum* foi construída no século VII a.C, por *Ancus Marcious*, junto ao fórum romano. Um século depois, o rei *Servius Tullius* ampliou a estrutura, transformando-a numa masmorra subterrânea composta por dois níveis sobrepostos como mostra na figura 2. (Ferreira, 2018)

Composto por dois níveis sobrepostos, o edifício apresentava características distintas em cada piso: o *Mamertinum*, no nível superior, apresentava uma planta trapezoidal, com uma cobertura de abóboda e destinava-se à detenção de indivíduos que aguardavam julgamento; já o *Tullianum*, no piso inferior, apresentava uma planta circular (com 60m²) e o teto quase plano, era reservado aos condenados à pena de morte. Este último local também provia do sistema de esgotos da cidade e portanto, a ventilação era praticamente inexistente e apenas uma pequena abertura no pavimento para a iluminação natural. (Ferreira, 2018)

A localização da prisão era estrategicamente pensada para se inserir na base do Monte Capitolino, em frente ao Fórum Romano - no coração da cidade. Esta posição central visava manter a população constantemente alerta pela justiça exercida em Roma.

Figuras históricas viveram ali os seus momentos finais, como *Jugurtha*, rei da Numídia, e *Vercingetorix*, rei dos gauleses derrotado por Júlio César. O espaço também possui um forte simbolismo para os cristãos, já que São Pedro e São Paulo, entre outros pregadores do cristianismo, terão estado presos ali entre os anos 65 e 70 d.C.

Atualmente, o local — preservado como sítio histórico — ainda exhibe vestígios do seu passado abaixo da igreja de *San Giuseppe dei Falegnami*. Muitos historiadores descrevem-no como um espaço de sofrimento e humilhação, marcado pelo terror vivido por aqueles que ali foram encarcerados.



Fig. 4- Gaiolas de ferro em Saint-Michel, França

2.1.1. Arquitetura de poder

Durante a Idade Média, assistiu-se a um período de transformação na estratégia espacial do encarceramento, com maior ênfase nas defesas exteriores e no afastamento físico dos reclusos. As prisões eram frequentemente localizadas em caves de castelos, masmorras e fortalezas, onde o ambiente hostil servia para afastar os possíveis criminosos e delinquentes do crime.

A prática da utilização das torres, castelos e fortalezas como espaços carcerários tornou-se comum, apesar de essas estruturas não terem sido concebidas com esse propósito. Normalmente as celas eram distribuídas por dois a quatro pisos e tinham péssimas condições – como a ausência de ventilação, iluminação natural e espaços sanitários. Os acessos para estes espaços eram rudimentares, sendo frequentemente feito por escadas exteriores das paredes das torres, ou por alçapões no pavimento superior, o que obrigava os prisioneiros a entrar e sair pelo teto. (Johnston, 2000)

Estas estruturas defensivas funcionavam também como centros administrativos e políticos, muitas vezes edificadas em colinas ou zonas rochosas para ter vantagens estratégicas, como é o caso do Monte *Saint-Michel*. A abadia ali construída no século XI, inicialmente um destino de peregrinação religiosa, foi convertida a prisão durante os conflitos armados, ficando conhecida pelas suas "gaiolas de ferro"², algumas suspensas no teto de pequenas salas. (Johnston, 2000)

Com a queda do Império Romano e a divisão do poder político na Europa, a justiça foi dividida entre o Estado e a Igreja, cada um impondo os seus próprios ideais e métodos de punição. As celas, que serviam apenas de espaços transitórios, passaram a ser utilizadas para penas prolongadas, especialmente em mosteiros e castelos. Nessas estruturas – agora convertidas em prisões eclesiásticas e masmorras – eram encarcerados qualquer um que infringisse a lei, fossem eles criminosos, opositores políticos ou hereges. Apesar de muitas destas prisões se situarem em pleno centro urbano, a sua aparência reforçava a percepção pública de um lugar sombrio e inescapável. (Johnston, 2000)

O início do século XIII foi um período marcado por mudanças na estrutura militar. À medida que as cidades cresciam em torno dos castelos, tornou-se necessário reforçar torres e muralhas para garantir a segurança.

² As gaiolas de ferro eram geralmente suspensas em praça pública, muralhas ou torres e serviam para prender os criminosos ou já cadáveres, para tentar chamar o olhar da população a fim de provocar o terror.

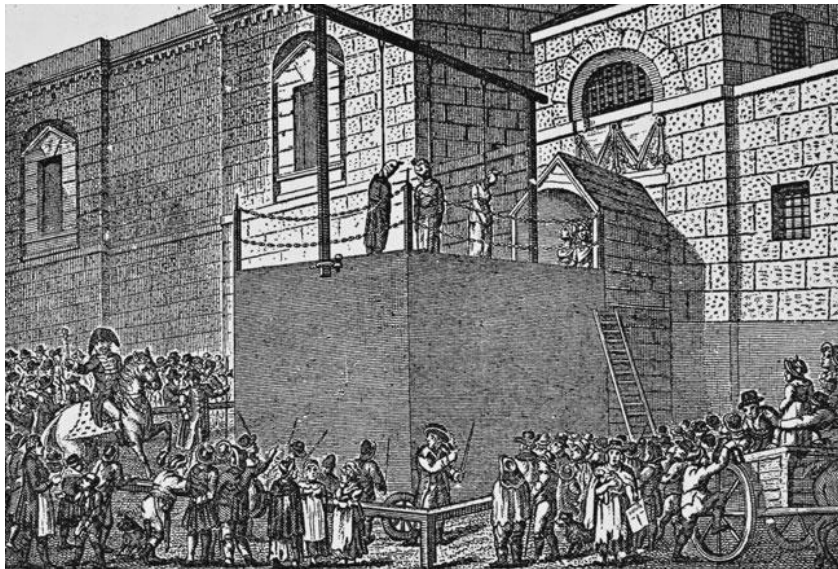
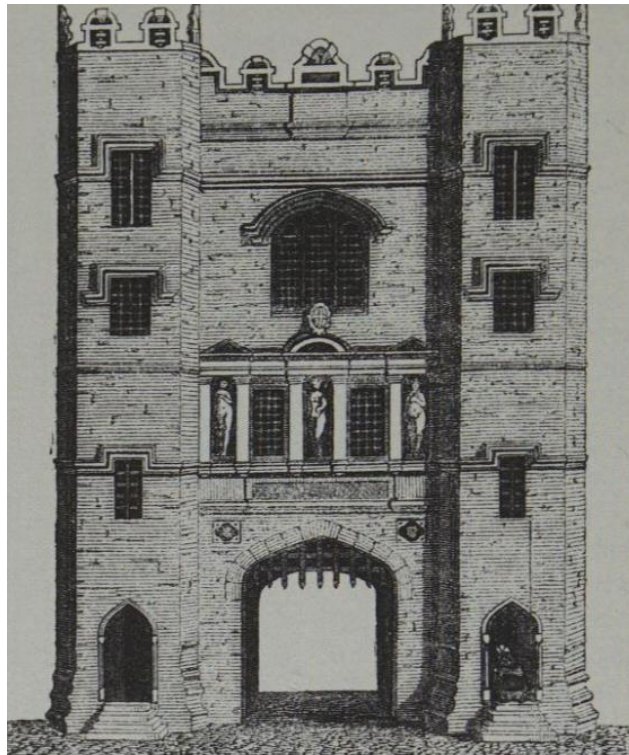


Fig. 5- Newgate Prison, Londres, 1862

Fig. 6- Execução fora da Newgate Prison, perto de 1800's

Foi nesse contexto que surgiu a *Newgate Prison*, construída na muralha de Londres, sendo o primeiro edifício a assumir formalmente a função prisional. Entre 1423 e 1432, o antigo portão foi demolido para dar lugar a uma prisão capaz de albergar um maior número de reclusos. Quem pagasse, tinha acesso a melhores condições, enquanto os restantes permaneciam em celas escuras e insalubres, uns “buracos” sem luz ou ventilação. (Johnston, 2000)

As torres sofreram vários episódios de destruição e reconstrução. Em 1666, foi parcialmente consumida pelo Grande Incêndio de Londres, e novamente em 1780 durante os Motins de Gordon³, quando os manifestantes incendiaram edifícios políticos relevantes, incluindo o banco de Inglaterra. Reconstruída novamente em 1782 com um novo desenho, passou a contar com celas individuais e uniformes, marcando um avanço no sistema prisional da época. Manteve-se em funcionamento até ser encerrada em 1902. O seu legado influenciou a arquitetura de prisões posteriores, como a *Wormwood Scrubs Prison*. (Louped 2024)

Durante este período, os reclusos permaneciam detidos em castelos, fortalezas ou muralhas enquanto aguardavam julgamento. Embora a detenção não integrasse o tempo de sanção, era uma medida provisória até o recluso ser punido. No entanto, as condições eram tão severas que, por vezes, a sobrevivência até ao julgamento já era, por si só, uma punição.

Foi apenas no final da Idade Média que o encarceramento começou a adquirir critérios mais definidos, sobretudo com a influência da Igreja Católica, que se tornou a primeira instituição no Ocidente a utilizar a prisão com um papel mais humano nas decisões judiciais. Com base na prática dos mosteiros e conventos, a detenção passou a ser orientada por uma ideologia ético-disciplinar, onde os castigos se transformavam em oportunidades de reabilitação através do trabalho, do isolamento e da reflexão. A punição visava, assim, a correção moral do indivíduo, propiciando o arrependimento e o perdão. Como defendeu *Jean Mabillon* (citado por Johnston, 2000, p.17):

“A caridade, a compaixão e a misericórdia devem governar. É por isso que, na escolha dos castigos que os juízes eclesiásticos devem empregar, estes são

³ Motins de Gordon foram protestos que aconteceram em Londres em 1780, liderados por Lord George Gordon. A manifestação ia de encontro à oposição de leis que concedia mais direitos aos católicos, mas rapidamente tornou-se numa guerra anticatólica.

obrigados a preferir aqueles que são mais capazes de encher os corações dos pecadores com um espírito de comiseração e penitência.”⁴

2.1.2. Ideologia Humanista

Devido à ligação entre Igreja e Estado, tornou-se um desafio de distinguir os conceitos entre pecado e delito. Assim, entre meados dos séculos XIV e XVI, os espaços de reclusão situavam-se muitas vezes em conventos, com o objetivo de renunciar os pecados, enquanto as casas de correção se destinavam àqueles que infringiam as leis civis. Esta indeterminação do espaço prisional prolongou-se até à segunda metade do século XVIII, altura em que surgiu a formação da instituição do sistema prisional. (Blumenschein, 2023)

A ideologia ética por melhores condições de vida para os reclusos teve início no Renascimento. A função da prisão deixou de ser um momento efémero, passando a integrar o pensamento humanista. Esta ideia defendia a reabilitação do indivíduo como parte essencial da punição que posteriormente levou à mudança ideológica dos sistemas prisionais do século XIX, promovendo a substituição de penas como a morte e a tortura pela prisão perpétua. (Ferreira, 2018)

Durante a Idade Moderna, algumas prisões leigas começaram a ser projetadas por arquitetos. No início da década de 1460, o arquiteto e teórico renascentista italiano *Antonio di Pietro Averlino* (1400–1469), conhecido como *Filarete*, apresentou uma proposta inovadora no *Trattato di Architettura*, onde explorava os princípios arquitetónicos com valores humanistas. A sua visão refletia uma clara evolução renascentista, que valorizava a funcionalidade, a racionalidade e a dignidade dos espaços. (Johnston, 2000)

Filarete concebia a prisão como uma instituição autónoma, estrategicamente localizada no centro político da cidade, em proximidade com os edifícios governamentais, de modo a integrar-se na malha urbana da cidade. A estrutura incluiria diferentes tipos de celas, de acordo com o comportamento e a evolução dos reclusos ao longo da pena, permitindo-lhes, progressivamente, oferecer melhores condições habitacionais. Durante esse período, para além da separação de reclusos pelos delitos cometidos, destacava-se a possibilidade de as mulheres dos prisioneiros habitarem com eles após

⁴ Original: “Charity, compassion and mercy should rule... That is the reason why, in the choice of punishments, which the ecclesiastical judges should employ, the latter are obliged to prefer those which are most capable of filling the hearts of sinners with a spirit of compunction and penance.”

sete anos de reclusão, possibilitando assim a convivência familiar e a permanência dos filhos no mesmo espaço. (Ferreira, 2018)

Simultaneamente, os defensores renascentistas começaram a influenciar cada vez mais a reorganização dos espaços prisionais, propondo melhorias concretas nas condições de vida dos reclusos. Defendia-se assim, uma nova disposição e orientação das celas para que estas fossem adaptadas corretamente a ambientes mais saudáveis e funcionais, bem como a introdução de sistema de fossos ao redor das celas com o objetivo de atenuar os maus odores. Esta abordagem marcou uma viragem na forma como a arquitetura prisional era concebida, no entanto, apenas com o Movimento Iluminista⁵ estas propostas seriam verdadeiramente aprofundadas, contribuindo para a evolução de sistemas prisionais mais racionais e humanizados. (Ferreira, 2018)

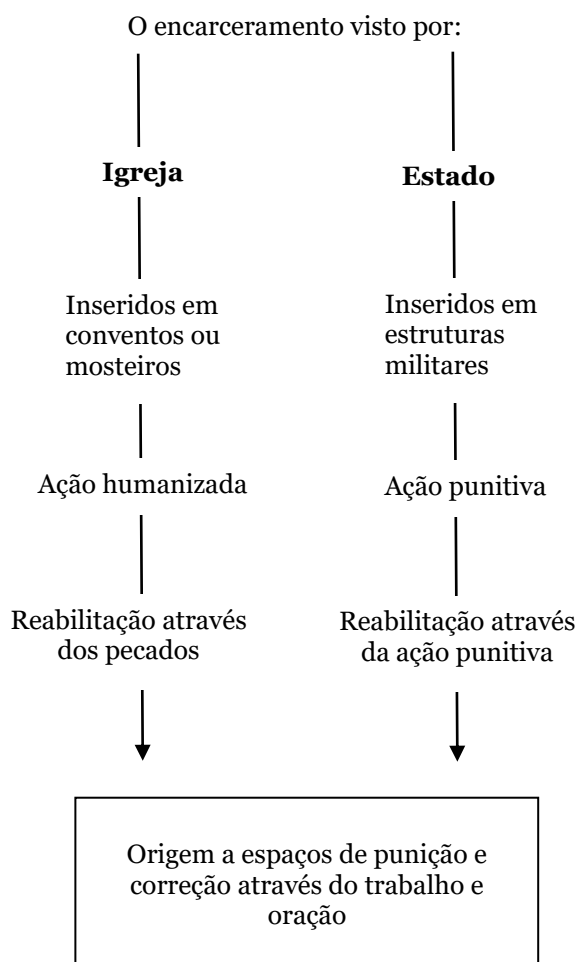


Fig. 7 – Esquema do funcionamento das prisões durante o Renascimento

⁵ Movimento Iluminista foi um movimento cultural que defendia a razão, os direitos individuais e a liberdade como progresso da sociedade.

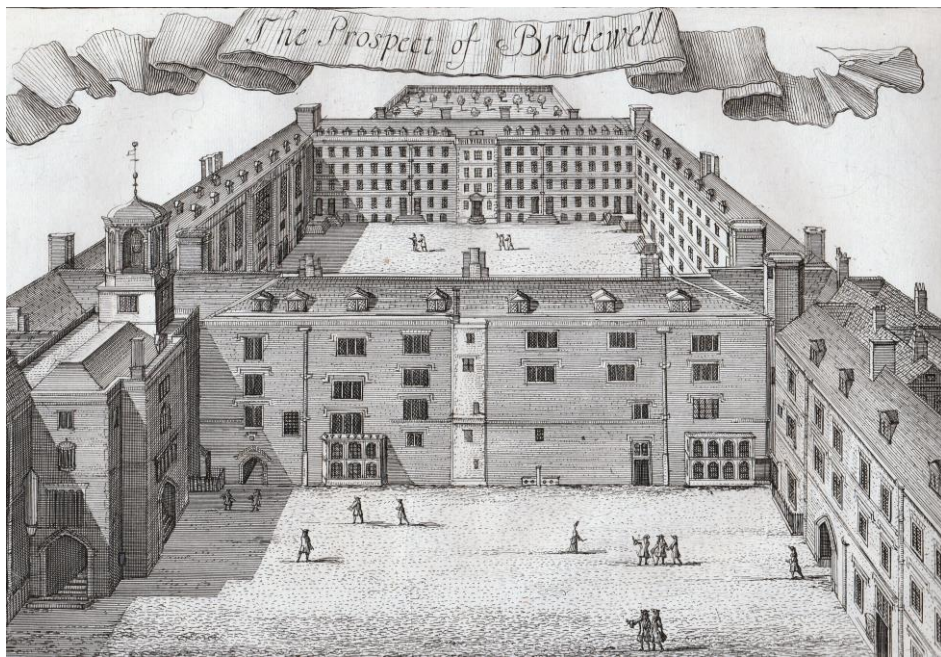


Fig. 8 – Palácio de Bridewell, Londres

Fig. 9 – Zuchthaus, Alemanha

2.1.3. Espaço de correção

Durante o período do sistema feudal, o poder concentrava-se nas mãos dos senhores feudais e as leis não se baseavam na lógica, o que acabava por ser ditada conforme a posição social de cada indivíduo. Com a transição para o capitalismo comercial⁶ nos séculos XV e XVI, a sociedade europeia sofreu grandes transformações e a população começou a viver na miséria.

Como resposta ao aumento de vagabundos e delinquentes, surgiram em Inglaterra as "*Houses of Correction*" ou "*Workhouses*", que tinha como objetivo de disciplinar os criminosos e marginalizados considerados improdutivos. Estas instituições tinham uma função punitiva e corretiva: por um lado, punir os que não se empenhavam a trabalhar e, ao mesmo tempo, reeducar os detidos através do trabalho forçado, com o objetivo de os reintegrar na sociedade.

A primeira casa de correção conhecida foi estabelecida no antigo *Palácio de Bridewell*, em Londres por volta de 1515 como residência do Rei Henrique VIII. Entre 1555 e 1557, o local foi transformado numa instituição completamente nova, que se tornaria o modelo para várias casas de correção espalhadas pelo país ao longo do século seguinte. (Webb, 1922)

As casas de correção eram, muitas vezes, construídas longe dos centros urbanos como forma de isolar aqueles considerados inaptos para o convívio social. Assim, as *workhouses* também começaram a albergar vagabundos e mendigos para serem postos a trabalhar, porém, estes espaços demonstravam-se pouco humanos, já que os detentores eram submetidos a condições severas de trabalho exaustivo e muitas delas ainda crianças. (Webb, 1927)

Na última década do século XVI, um novo modelo prisional com o mesmo objetivo de tirar os vagabundos das ruas é apresentado por parte da Alemanha, as chamadas de *Zuchthäuser* (Zucht+häuser que significa casas de disciplina), em que a disciplina era imposta pelo trabalho forçado – definição posteriormente utilizada também na Holanda. (Rothman & Morris, 1995)

⁶ Capitalismo comercial é um sistema económico que alterou significativamente a estrutura social. A extrema pobreza acumulou-se nos séculos XV e XVI e havia um grande número de trabalhadores expropriados, o que agravou a pobreza e a criminalidade nas cidades.

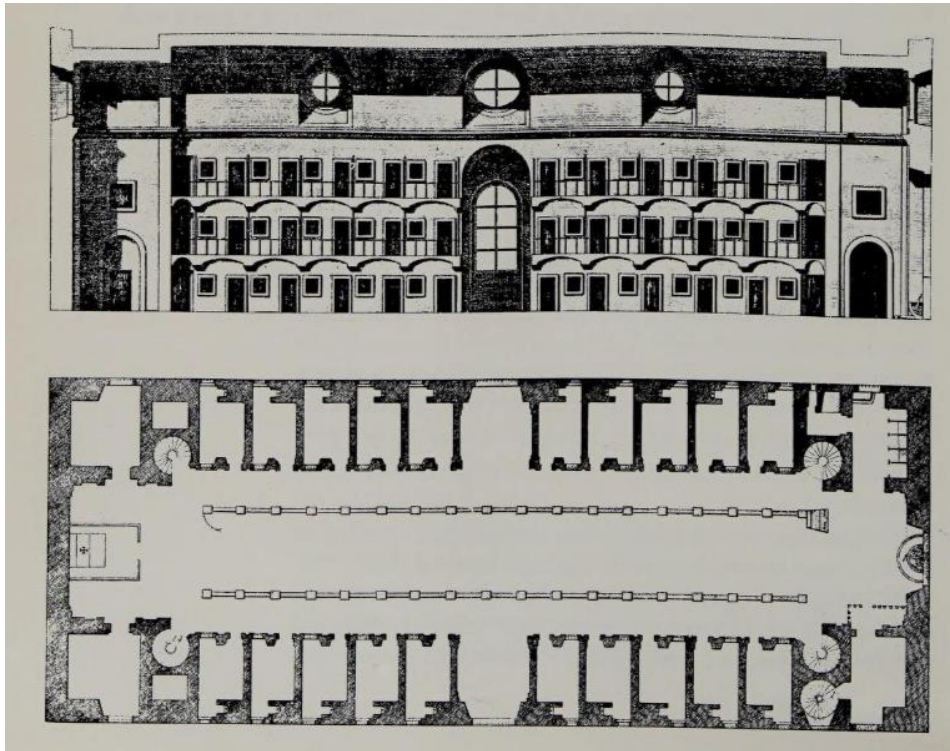
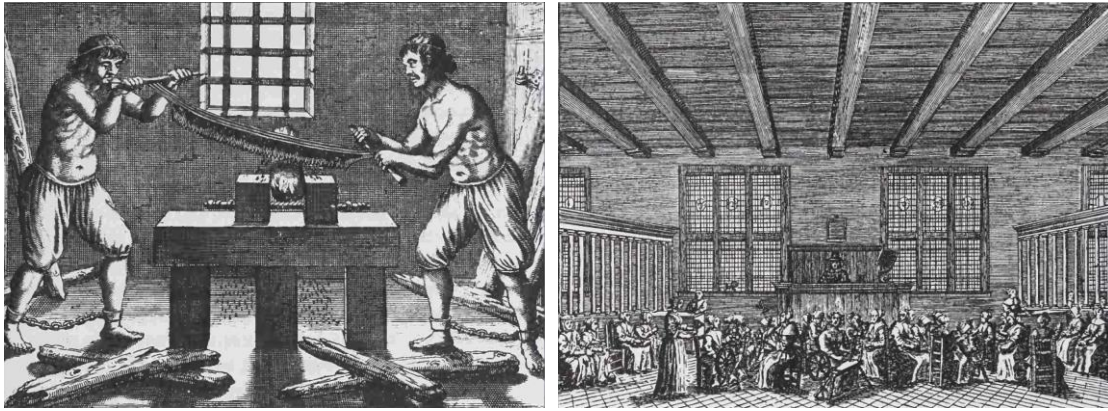


Fig. 10 - Rasphuis, Amesterdão, 1663

Fig. 11 - Spinhuis, Amesterdão, 1664

Fig. 12 - Corte longitudinal e planta da Casa de Correção de San Michele, 1704

Em Amesterdão, em 1596, foi aberta a *Rasphuis* (rasp+huis, que significa casa do ralador) onde os homens trabalhavam com madeira e a *Spinhuis* (que significa casa da tecelagem) para as mulheres onde o trabalho era mais virado para os têxteis, o que foi uma evolução no sentido de haver a separação de géneros e o trabalho dentro dos espaços prisionais. (Johnston, 2000)

Ainda que no final do século XVI já existisse esta lógica de separação de géneros e pela gravidade dos crimes cometidos, a arquitetura prisional permanecia um pouco debilitada. A configuração espacial era delimitada, com poucas celas dispostas – sem uma linha arquitetónica coerente - e sem instalações sanitárias ou qualquer tipo de vigilância entre os guardas para com os presos.

Conforme afirmam alguns estudiosos, o desenvolvimento da arquitetura penitenciária começou com o estabelecimento *Carceri Nuove*, uma construção iniciada em 1655, ordenada pelo Papa Inocêncio X. Este edifício foi projetado com 18 celas para homens, padres, judeus e mais tarde para pessoas com doenças de pele causada pela peste negra - medida ordenada pelo Papa Alexandre VII, sucessor do anterior. (Johnston, 2000)

Por ter sido encomendado por um elemento da religião católica, este modelo prisional foi influenciado pela lógica da penitência cristã, ou seja, havia práticas espirituais e rituais instituídos pela Igreja que visavam a reconciliação com Deus através do arrependimento.

Uma versão melhorada desse modelo foi a prisão de *Kassel*, na Alemanha, em 1720, onde se começa a observar uma maior atenção ao design interior. A prisão continha 24 celas, distribuídas de igual forma por três andares, sendo o último reservado às mulheres. (Johnston, 2000)

O avanço da arquitetura prisional e do programa penal tornou-se mais evidente no século XVII, como é o caso da *Casa de correção de San Michele* em Roma, projetada pelo arquiteto Carlo Fontana a pedido do Papa Clemente XI. Com uma estrutura retangular (42,00m x 15,55m por 14,00m de altura), o edifício dispunha de trina celas exteriores (2,67m x 2,22m) distribuídas em três pisos e cada uma com varandas ou galerias.

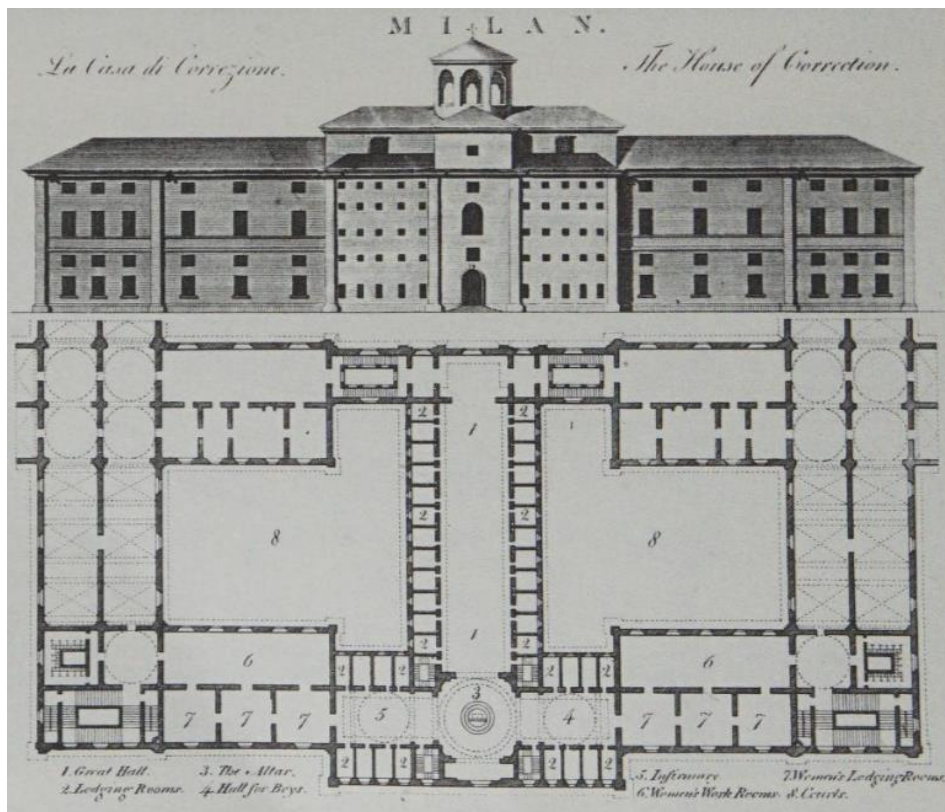


Fig. 13 – Alçado e planta da Casa de Correção de Milão, séc. XVIII
 Fig. 14 – Vista do interior da Casa de Correção de Milão, 1969

“Cada cela continha uma latrina, janelas exteriores e interiores, um colchão, uma porta sólida e uma pequena abertura para as varandas, que podia ser fechada pelo exterior com uma porta pequena. As janelas exteriores eram de vidro, uma prática pouco habitual na época.” (Johnston, 2000, p.36)⁷

A janela no interior de cada cela dava acesso visual para o hall central com cerca de 10,00m de largura, que era utilizado como sala de trabalho, refeitório e momentos de oração. Quanto ao trabalho, este devia de ser feito em silêncio, acorrentados pelas pernas para não haver qualquer fuga e os artigos confeccionados eram levados para o Vaticano. (Johnston, 2000)

Esta premissa de condições básicas de vida e vigilância mais eficiente deram inspiração aos próximos edifícios no mesmo século, como é o caso da prisão de Milão. De facto, foi no qual Howard a caracterizava como uma melhoria de San Michelle.

Inaugurada em 1750's com o intuito de ser uma casa de correção para acomodar os criminosos da comuna de Lombardia, o arquiteto *Francesco Croce* inspirou-se em elementos de *San Michele* e combinou com elementos mais tradicionais encontrados em hospitais e igrejas italianas. A zona principal, no meio do edifício, tinha uma configuração em forma de T onde abrigava 120 celas quadradas (2,50m x 2,50m) ao longo dos três pisos. Nesse meio, eram onde os trabalhos eram realizados enquanto estavam acorrentados aos bancos. As estruturas de apoio eram posteriormente feitas à volta de duas torres de cada lado. (Johnston, 2000)

Como é possível observar na fig. 12, a casa de correção de Milão começa a apresentar o que será uma época de tipologias arquitetónicas através da geometria, dando uma importância superior à centralidade dos edifícios, refletindo assim as reformas penais iluministas da época.

Em 1771, o conde belga *Jean Philippe Vilain* pediu aos arquitetos *Malfaison* em colaboração com um padre jesuíta com o nome de *Kluchman* para preparar um projeto que melhorasse o sistema penal, a *Maison de Force* - que significa “Casa da Força”. Foi então que marcou o início do modelo radial, juntamente com o isolamento noturno e a separação pelos delitos cometidos categorizados pela idade, sexo, grau de criminalidade e duração da pena.

⁷ Original: “Each cell contained a latrine, exterior and interior windows, a mattress, a solid door, and a small aperture opening onto the balconies that could be closed from without by a small door. Glass was used for the outside windows, an unusual practice for the time.”

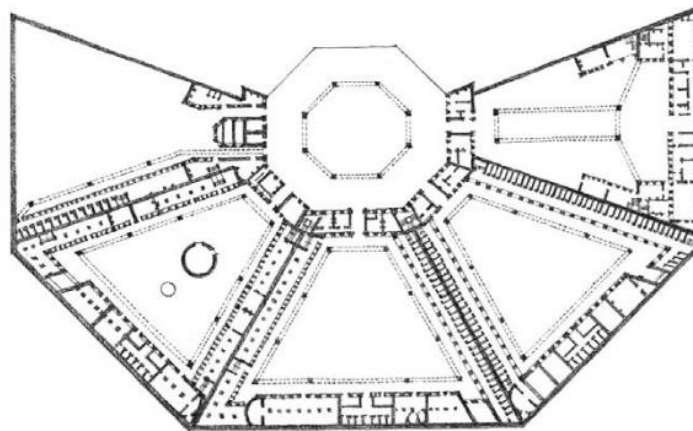
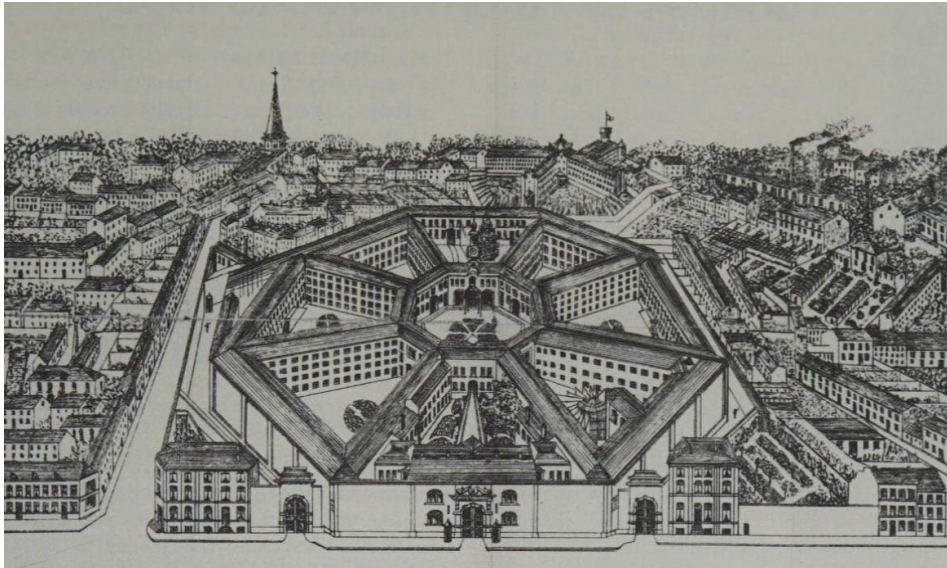


Fig. 15 – Vista da Maison de Force, por volta do séc. XIX
Fig. 16 – Secção da planta de Maison de Force

A construção situava-se fora da cidade de *Ackerghem*, nos subúrbios de *Ghent*, e foi uma das prisões a albergar uma grande escala de adultos. Inicialmente, a construção começou em 1772, mas foi prolongada até 1775. Porém, em 1773, já existiam quatro secções que abrigavam mulheres, desempregados e crianças abandonadas.

Correspondendo a uma planta octógona de grande dimensão, esta contava com oito braços trapezoidais autónomos para cada tipo de crime e classe dos prisioneiros. Isso fazia com que grupos específicos de crimes – como mulheres, criminosos do sexo masculino ou vagabundos – estivessem em secções diferentes.

Cada unidade tinha celas para dormirem e encontravam-se adjacentes às oficinas de trabalho, promovendo a reabilitação através do trabalho. O centro octogonal era formado pelas entradas a cada uma das unidades e continha instalações de apoio e entrada para cada um dos pátios entre os volumes.

No interior de cada unidade, era possível observar celas em toda a sua extensão com uma dimensão de 2,00m x 3,00m, aberturas exteriores e a galeria com cerca de 1,80m de largura. Nas oficinas de trabalho houve uma evolução em relação ao tipo de disciplina: não havia correntes a prender os trabalhadores, fazendo com que estes apenas fizessem o seu trabalho atarefado sem esse fardo.

Apesar de toda a organização espacial e os avanços dos sistemas penais, a situação piorou com a Revolução Francesa no país, levando a novas reformas anos mais tarde, mas foi infelizmente bombardeada na 2ª Guerra Mundial. Apesar desse desfecho, este estabelecimento prisional foi um começo de novas plantas tipológicas com uma geométrica mais complexa. (Johnston, 2000)

Este começo do estudo de modelos tipológicos foi avançando no final da Idade Moderna. Os projetos começaram a ser planificados mais minuciosamente com arquitetos e governadores, a própria estrutura da prisão começou a ser planeada apenas com o objetivo de um tempo penal consoante o crime cometido, assim como a separação pela categoria de cada delito. Os filósofos e historiadores começaram a questionar o porquê de as pessoas cometerem crimes e como a prisão podia ser um ato de reabilitação para se reintegrarem em sociedade. Os delitos cometidos eram responsabilidade das pessoas embriagadas, pela falta de educação, atos ilícitos e a alta diferença de riquezas. E como vemos, isso não mudou muito até aos dias que correm.



Fig. 17 – John Howard numa prisão a observar uma família pobre e presa. Por Francis Wheatley, 1790

Com o início da abolição da pena de morte na Europa e a defesa dos direitos humanos, os prisioneiros começaram a ficar mais tempo confinados e posteriormente, houve uma preocupação por parte da sociedade - pois começou a haver um grande número de criminosos no mesmo espaço e isso causava rebeliões dentro dos estabelecimentos - porque apesar de haver grandes espaços para eles estarem e em mais quantidade, a segurança e vigilância ainda não eram suficientes para tanta gente. Foi então que começou a haver estudos de como as poucas autoridades conseguiam vigiar os tantos presos, e estas formas arquitetônicas foram sendo exploradas de múltiplas formas ao longo do tempo.

O grande pioneiro de investigação da história das prisões foi *John Howard* com a sua obra "*The states of prison in England and Wales*" (1777) onde expôs os seus pensamentos e publicou fotografias das condições das prisões das quais visitou em Inglaterra, o que despertou a atenção e interesse da população. Tal discurso relatava o que vira:

“os prisioneiros estavam doentes e as regras não eram respeitadas. A prisão simbolizava a antítese da caridade cristã. (...) os prisioneiros que tinham sido absolvidos continuavam confinados porque não podiam pagar os honorários do carcereiro”. (Rothman & Morris, 1995, p.87)⁸

John Howard foi um reformista britânico que tinha o sentido de explorar as condições dos espaços carcerários. Enquanto visitava Portugal aquando do terramoto de 1755, foi feito prisioneiro e viu-se confrontado com as precárias condições das prisões francesas. Essa vivência moldou a sua consciência crítica e despertou-lhe ainda mais o interesse pela reforma do sistema prisional. (Gonçalves, P. 2009)

Neste contexto, Howard dedicou-se a visitar todas as prisões em Inglaterra para compreender as condições prisionais e os métodos de confinamento que praticavam e, posteriormente, expandiu o seu percurso por diversos países do mundo. A sua missão de investigação e denúncia das injustiças e insalubridade nas instituições prisionais culminou tragicamente com a sua morte em 1791, durante uma visita a uma prisão na Rússia. (Rothman & Morris, 1995)

⁸ Original: “Prisoners were ill, and rules went unobserved. The prison symbolized the antithesis of Christian charity. (...) prisoners who had been acquitted were still confined because they could not pay the jailer's fees.”

Segundo a sua obra, Howard (1777, p.43) descreve:

*“desejo ter tantos quartos ou cabinas pequenas quantos forem necessários para que cada criminoso possa dormir sozinho. A solidão e o silêncio são favoráveis à reflexão; a privacidade e as horas de introspeção são necessárias.”*⁹

Para o reformista, os reclusos deveriam receber um salário para, ao reintegrarem-se em sociedade, poderem recomeçar a vida com alguma quantia e evitar a reincidência. A vigilância prisional deveria ser mais constante e assídua para promover o cumprimento justo das regras sem recorrer ao abuso de poder. (Howard, 1777)

Embora o trabalho forçado fosse entendido como um modo de punição na altura, Howard antecipava uma perspectiva mais coerente de reabilitação como reintegração na sociedade, exigindo também melhores condições físicas e higiene e saúde adequadas como parte do principal processo para a reabilitação. (Rothman & Norris, 1995)

Ainda assim, deixou o legado de inúmeras pesquisas reunidas e exaustivas das prisões inglesas, criticando e recomendando novas práticas prisionais. Ainda que a sua vida na prisão fosse como visitante, percebia que o confinamento, da forma que era praticada, não levava à correta reabilitação dos reclusos e para isso, começou a idealizar um novo tipo de instituição prisional.

Em partilha com outros reformistas, tal como *William Blackstone* e *William Eden*, levaram o parlamento inglês a aprovar a legislação “*The Penitentiary Act*” em 1779, que procurou estabelecer um sistema reforçado e inclusivo de reabilitação e não de apenas punição – modelo que até ao momento era aceite pela lei britânica pelas penas físicas e insalubres. Inspirado pelas visitas aos estabelecimentos prisionais por Howard, este conjunto de artigos integrava, no geral, o confinamento entre reclusos, a inclusão da religião e moral, um regime de trabalho árduo, o uso de um uniforme prisional e uma dieta rigorosa. (Rothman & Norris, 1995)

A legislação previa um sistema progressivo de trabalho, onde os reclusos, consoante o empenho diligente e conduta exemplar, alcançavam a obtenção de uma remissão parcial das suas penas. Com isso, essas bases foram criadas a fim de reformar os próximos estabelecimentos prisionais, onde o foco não é apenas no confinamento, mas a evolução do recluso para a reintegração em sociedade.

⁹ Original: “I wish to have so many small rooms or cabins that each criminal may sleep alone. Solitude and silence are favourable to reflection; privacy and hours of thoughtfulness are necessary.”

Enquanto John Howard se centralizava em acelerar a reforma dos sistemas penitenciários, o seu arquiteto de referência, *William Blackburn*, construiu cerca de dezanove jaulas e prisões - e influenciou tantas outras - que marcou a exuberância das reformas prisionais da época.

Randall McGowen (citado em Rothman & Morris, 1995, p.91) comenta:

*“Blackburn expressou a ambição de utilizar o espaço e a pedra para moldar a natureza humana. Os seus projetos revelavam a crença implícita de que a arquitetura podia promover os objetivos do confinamento. A geometria e a simetria triunfaram nestes projetos, que visavam a saúde, a ordem e condições mais equitativas. Os seus projetos também procuravam reforçar a posição do carcereiro dentro da prisão, promovendo a inspeção.”*¹⁰

Apesar de Blackburn ser apelidado de “pai” do plano radial, *Jeremy Bentham*, filósofo e jurista inglês, foi o que emergiu essa evolução prisional que oferecia um tipo de vigilância peculiar pela sua forma central raiada sobre as atividades dos reclusos e os restantes guardas. (Johnston, 2000)

¹⁰ Original: Blackburn expressed the ambition to use space and stone to shape human nature. His designs revealed the implicit belief that architecture could promote the goals of confined. Geometry and symmetry triumphed in these designs, which pursued health, order, and more equal conditions. A rationally organized space, he believed, would foster the development of reason and self-regulation in its inmates. His plans also sought strengthening the position of the jailer within the prison by promoting inspection. Above all Blackburn sought to secure classification and separation; he set the main task of prison architecture as the regulation of human sociability.

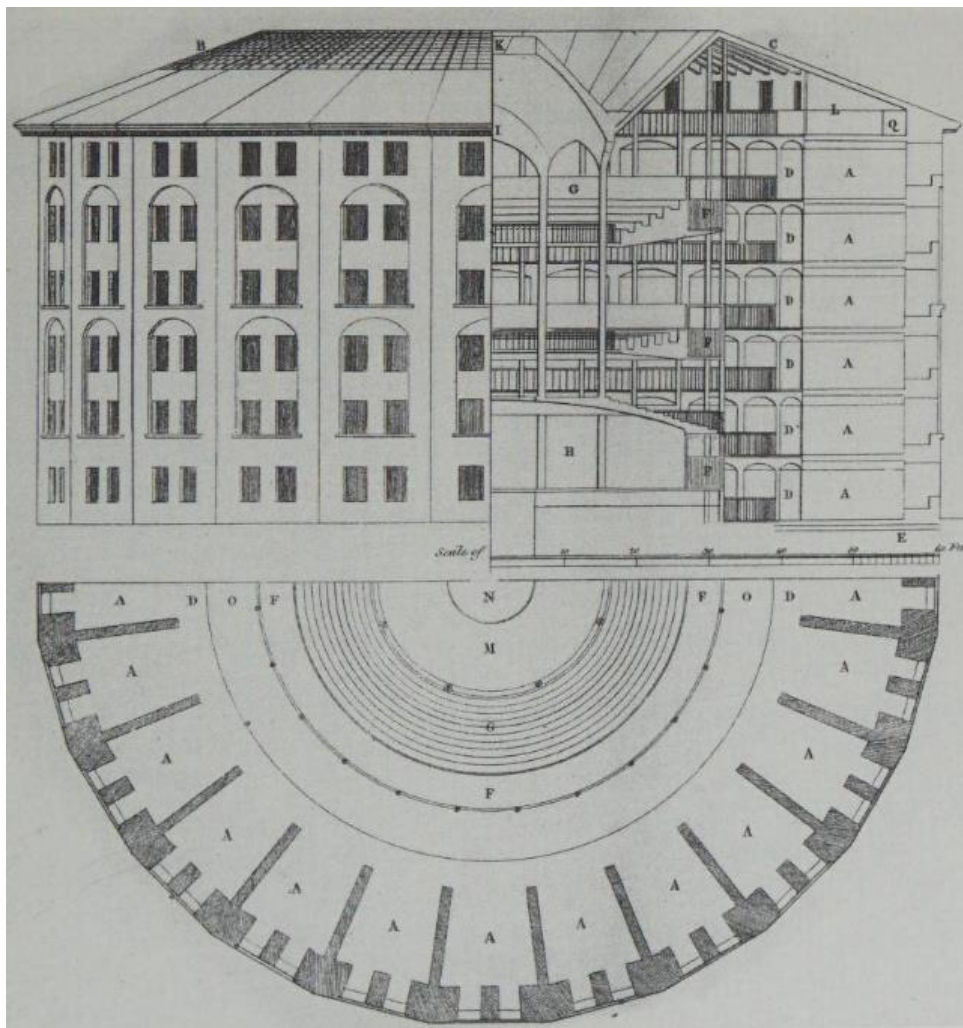


Fig. 18 – Modelo do panótico por Jeremy Bentham.

2.2. Tipologias

2.2.1. Radial

A planta radial é descrita no livro *“Forms of Constraint: a History of Prison Architecture”* (2000, p.55) como:

“qualquer disposição de edifícios de celas que convergem para um centro, ligados ou separados. As alas podem ser em forma de T simples, cruciforme ou dispostas em forma de leque ou em círculo completo à volta de um centro.”¹¹

Esta resposta foi dada à ineficiência dos edifícios com plantas retangulares, levando os arquitetos a desenvolver um movimento reformista, mais precisamente em Inglaterra e Irlanda, que começaram a investigar vários conceitos arquitetónicos, adaptando a forma circular, radial e poligonal aos edifícios prisionais, sendo também referência para hospitais e salas de lazer e entretenimento. (Johnston, 2000)

“A centralidade de uma forma circular possibilita que esta atue como um ponto central e unifique formas de geometrias ou orientação ao seu redor”
(Ching, 2007, p.74)

Jeremy Bentham partilhava das mesmas intervenções de John Howard no ramo do Direito Penal, no qual pretendia “reformular e corrigir os presos, para que quando saíssem em liberdade não constituíssem uma desgraça para (...) a sociedade.” (Gonçalves, P. 2009, p.15)

Assim, Bentham idealizou um projeto inovador e revolucionário que sintetizava os princípios anteriormente estudados e analisados pelos recentes reformistas, a criação do panóptico em 1785. Esta proposta ajudou a criar uma visão mais clara e mais detalhada dos sistemas arquitetónicos prisionais. Bentham defendia que as celas deviam ser individuais, funcionando como espaços privativos de disciplina. Acreditava que esta configuração favoreceria uma reabilitação mais eficaz, ao permitir ao indivíduo tempo para reflexão dentro de um sistema ordenado. Também “afirmava que os criminosos só poderiam internalizar hábitos de trabalho produtivos se estivessem sob constante supervisão.” (Davis, 2018, p.40)

¹¹ Original: “any arrangement of cell buildings that converge on a center, attached or separate. The wing may be in a simple T-form, a cruciform, or a disposed in a fan shape or in a complete circle around a hub.”

A palavra origina do grego “*pan*”, que significa “tudo”, e “*óptico*” que se refere à “visão”, ou seja, o conceito arquitetônico partia de um desenho circular em que o *observador* - neste caso o guarda prisional - conseguisse observar, de forma radial, todos os detidos. Portanto, Bentham apelidou o seu projeto de panótico pois “as celas deveriam irradiar em torno de um ponto central a partir do qual um supervisor ‘que tudo vê’ as monitorizaria.” (Rothman & Morris, 1995, p.274)¹²

A arquitetura deixa de ser apenas um lugar para a punição e torna-se um instrumento ativo de controlo social. É nesse sentido que Michel Foucault analisa o panótico como se tratasse de uma máquina de experimentação e normalização dos corpos e das condutas.

“O Panótico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos. Experimentar remédios e verificar seus efeitos. Tentar diversas punições sobre os prisioneiros, segundo seus crimes e temperamento, e procurar as mais eficazes.” (Foucault, 1999, p.227)

O edifício deveria ter uma forma circular ou poligonal, com um diâmetro entre trinta e cinquenta e cinco metros, inicialmente com dois andares – e mais tarde ampliado para seis pisos. No interior, as celas – com menos de cinco metros quadrados e ocupadas por um ou mais reclusos – eram dispostas ao longo da circunferência exterior, permitindo uma vigilância contínua e centralizada. Cada cela possuía dois vãos: um com abertura para o exterior e outro para o centro do edifício, que é composto por barras de ferro para assegurar a visibilidade total aos guardas posicionados tanto nas galerias quanto na torre central. (Johnston, 2000)

As galerias de inspeção, que serviam dois andares, incluíam acessos verticais em ferro, permitindo uma circulação eficiente dos guardas prisionais sem a necessidade de deslocamentos excessivas entre pisos. No interior das celas, Bentham manteve o princípio da separação dos reclusos por categorias, prática que já tinha adotado anteriormente por mostrar ser uma melhoria dos sistemas carcerários, pois evitava qualquer propagação negativa. O objetivo da individualização das celas era evitar influências para possíveis fugas, conspirações, comportamentos indesejáveis ou até mesmo contágio de doenças. (Johnston, 2000)

¹² Original: “the cells were to radiate around a central point from which an ‘all-seeing’ supervisor would monitor them.”

Já no centro, uma torre era projetada com uma capela e o alojamento do diretor ou responsável da prisão. Esse monumento central era abrigado por um vigia, que conseguia observar todas as celas ao seu redor. A iluminação, proveniente da luz solar feita através da cobertura, criava um efeito de contraluz em relação à torre, impossibilitando que os detidos observassem o seu interior uma vez que as sombras projetadas atuavam como um obstáculo visual para as celas, enfatizando, assim, o sentimento de vigilância permanente. Para tornar ainda mais indecifrável, Bentham pensou em colocar “não só persianas nas janelas da sala central de vigia, mas, por dentro, separações que a cortam em ângulo reto e, para passar de um quarto a outro, não portas, mas biombos: pois a menor batida, uma luz entrevista, uma claridade numa abertura, trairiam a presença do guardião.” (Foucault, 1999, p.225)

Este efeito de vigilância constante remetia a um estado psicológico de pressão contínua sobre o indivíduo, induzindo-o a um comportamento mais contido e controlado. Ainda que a supervisão não precisasse de ser realizada incessantemente, a incerteza de estar a ser vigiado faria com que este se comportasse como tal.

Em 1791, Bentham publicou “*The Inspection House*”, onde detalhava os princípios e vantagens do seu modelo arquitetônico. Nessa obra, argumentava que o panóptico não era apenas uma estrutura para o confinamento, mas um mecanismo social que era aplicável não só em prisões, mas também em escolas, hospitais e fábricas. Defendia que a vigilância invisível proporcionava disciplina e eficiência, diminuindo a necessidade de punições físicas. A publicação da sua obra serviu para convencer o governo britânico da viabilidade de como o seu projeto poderia ser um manifesto positivo para outras edificações. (Rothman & Morris, 1995)

Contudo, a proposta do panóptico foi sucessivamente adiado devido a burocracias e divergências económicas entre departamentos governamentais. Apesar do seu descontentamento, Bentham maravilhava-se do seu projeto estrutural como algo “leve”, onde a presença sombria das grades, correntes e fechaduras pesadas se podem tornar dispensáveis, com separações nítidas e uma distribuição de aberturas. (Rothman & Morris, 1995)

Prevaleceu assim um design pautado, com divisões e aberturas estrategicamente bem posicionadas, assegurando a vigilância e a ventilação. O “panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente”. (Foucault, 1999, p.224) Um espaço racional de geometria e eficiência teoricamente funcional, concebido para intensificar a vigilância e a disciplina através da própria disposição arquitetónica.

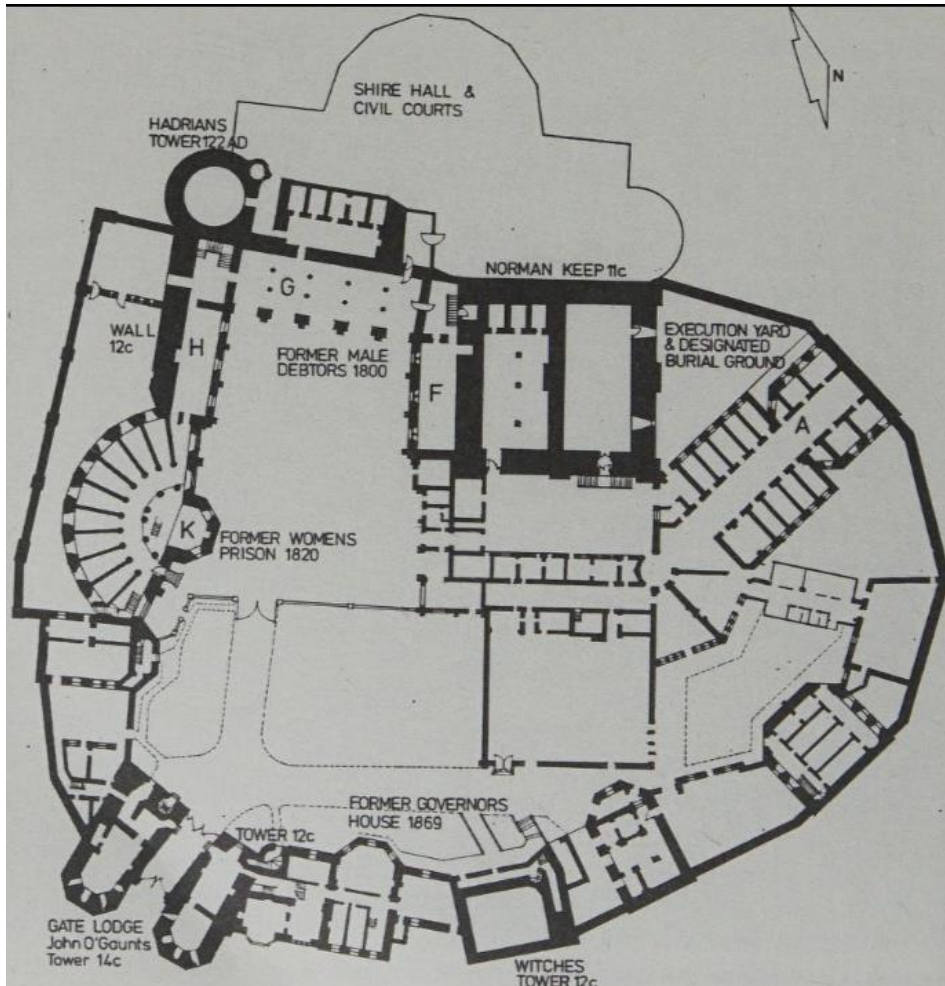


Fig. 19 - Castelo de Lancaster, onde é possível observar o modelo do panótico reservado à ala feminina

Embora inovadora para o século XVIII, o modelo do panótico apresentava limitações do ponto de vista da habitabilidade. As celas projetadas eram de pequenas dimensões e a constante observação incerta levantava preocupações de perturbações psicológicas.

Contudo, a influência do panótico foi evidente ao redor do mundo. Estabelecimentos como o *Millbank Penitentiary* contruído em 1812 e *Devizes County House of Correction* em 1810, em Inglaterra e a *Prisão Autun Circular*, construída em 1855 em França, foram reflexo dos princípios ideológicos do panótico, revelando um progresso de um pensamento mais humanizado nas instituições prisionais.

Destaca-se também um modelo panótico similar destinado à ala feminina construído em 1820, no recinto do *castelo de Lancaster*, no Reino Unido. Foram edificados dois blocos em pequena escala dentro do castelo: um dos blocos destinado aos homens e o outro destinado às mulheres. (Johnston, 2000)

A secção feminina mantinha o conceito circular de observação permanente, onde não tinham a certeza de quando estavam a ser vigiadas. Assim como as ideologias do panótico, essas incertezas fomentavam um estado psicológico de controle individual e disciplina, e tinha o mesmo intuito de reduzir as punições físicas e intervenções diretas dos guardas.

O interior da ala continha “seis níveis de oito a dez celas em cada patamar, dispostas em semicírculo, com janelas de cela que abriam para o exterior do edifício e uma frente gradeada – rara nas prisões europeias – que dá para as varandas de cada nível.” (Johnston, 2000, p.52)¹³

Destaca-se *Elizabeth Fry*, a primeira mulher a lutar pelos direitos das reclusas numa época em que o sistema prisional negligenciava totalmente as necessidades específicas das mulheres. Fry não só defendeu a separação entre prisioneiros e prisioneiras, como também propôs melhorias concretas nas condições das celas femininas — incluindo mobiliário mais digno e atividades educativas e laborais que promovessem a autonomia e a reabilitação. A sua abordagem introduziu uma dimensão humanista e prática ao quotidiano das reclusas:

¹³ Original: “six tiers of from eight to ten cells on each landing, arranged in a semicircle, with cell windows opening to the outside of the building and barred fronts – rare in European prisons – facing balconies on each level.”

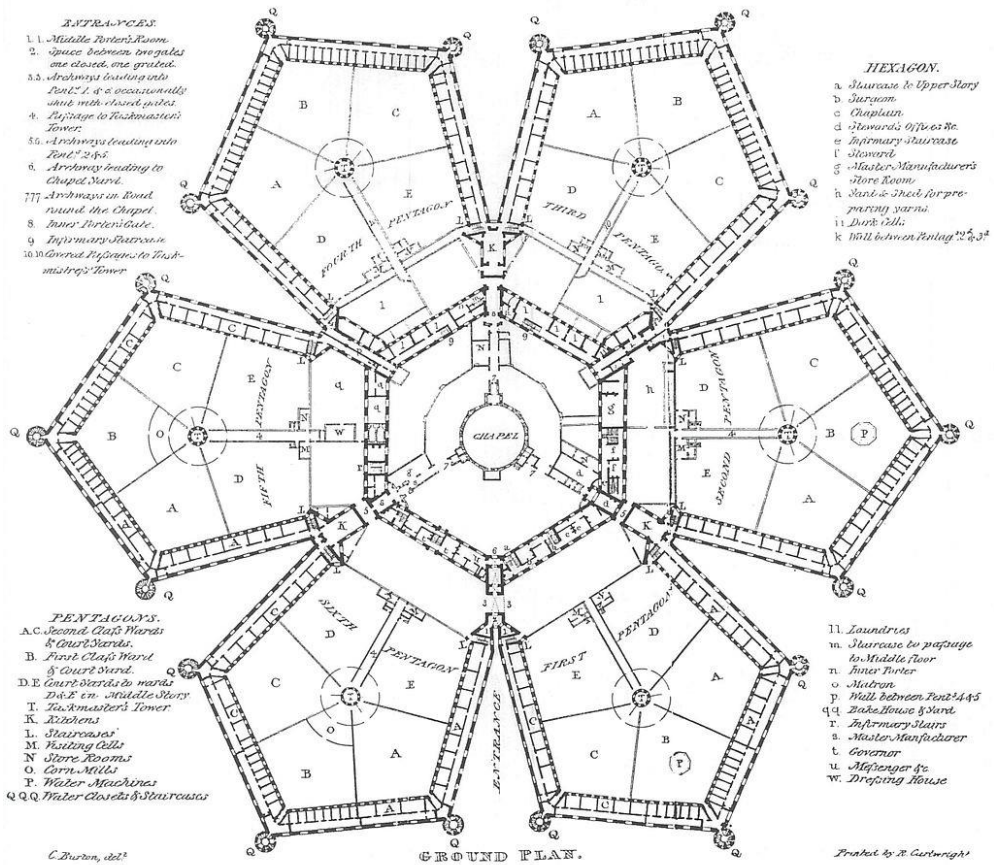
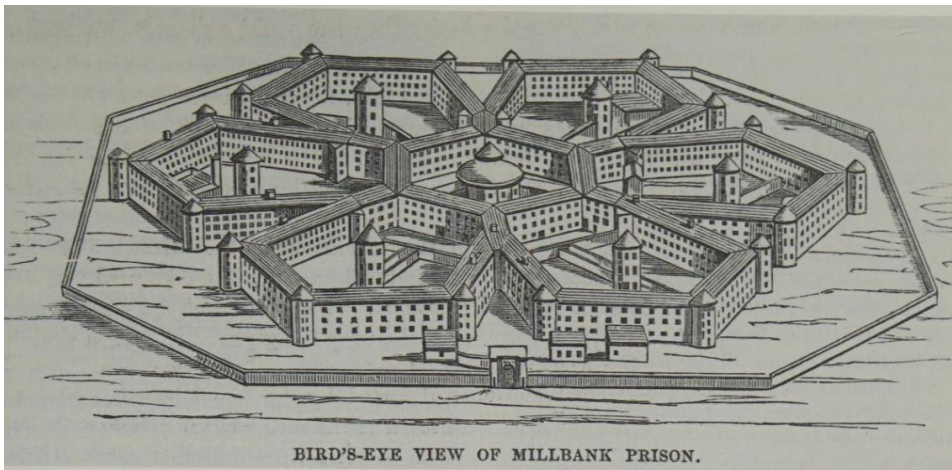


Fig. 20- Perspetiva da Prisão de Millbank, 1862

Fig. 21- Planta da Prisão de Millbank, 1828

“Em vez de passarem o seu tempo a lutar e a desfazer coisas, passavam-no a coser, a tricotar, etc., a fazer coisas que seriam vendidas em seu benefício.”
(Fry, 1916, p.175)¹⁴

A reformista acreditava que a ocupação produtiva e o ambiente digno eram essenciais para restaurar a autoestima e preparar as mulheres para a reinserção na sociedade, antecipando preocupações contemporâneas com a justiça de género e a reabilitação pelo espaço.

No final da Idade Moderna, eventos como a Revolução Industrial (1760) e a Revolução Francesa (1789) marcaram profundas transformações sociais, económicas e políticas, que levaram a uma reconfiguração das prisões. Com a Idade Contemporânea, o pensamento iluminista e o liberalismo jurídico impulsionaram uma nova visão da justiça, substituindo punições físicas por um sistema prisional centrado na disciplina moral e na reabilitação.

“A arquitetura das prisões europeias ao longo do período baseou-se num pequeno repertório de formas que apontavam para uma filosofia penal comum e internacional e para ideias partilhadas sobre a forma de alcançar objetivos de segurança, condições sanitárias e reabilitação”. (Rothman & Morris, 1995, p.202)¹⁵

Entretanto, na Grã-Bretanha, surgiu o modelo da planta radial modificada, aplicado na prisão de *Millbank*, em Londres. Inaugurada em 1816, a prisão tinha capacidade para mais de mil reclusos. (Rothman & Morris, 1995)

“Rodeado por um fosso e por uma muralha octogonal que circundava cerca de dezasseis hectares, Millbank tinha um centro hexagonal formado pelos lados interiores de seis pentágonos circundantes.” (Johnston, 2000, p.62)¹⁶

No núcleo central hexagonal da prisão encontrava-se uma capela de planta circular, rodeada por espaços dedicados a escritórios, alojamentos dos responsáveis, uma enfermaria e uma lavandaria. Cada um dos blocos pentagonais, com três pisos, dispunha de seis alas compostas por 36 celas, destinadas a diferentes classes de

¹⁴ Original: “Instead of spending their time in fighting and pulling things to pieces, they spent it in sewing, knitting, etc., making things which were to be sold for their benefit”

¹⁵ Original: “The architecture of European prisons throughout the period drew on a small repertoire of forms that pointed to a common and international penal philosophy and on shared ideas of how to achieve goals of security, sanitary conditions, and rehabilitation.”

¹⁶ Original: “Surrounded by a moat and an octagonal wall enclosing sixteen acres, Millbank had a hexagonal center formed by the inner sides of six surrounding pentagons.”

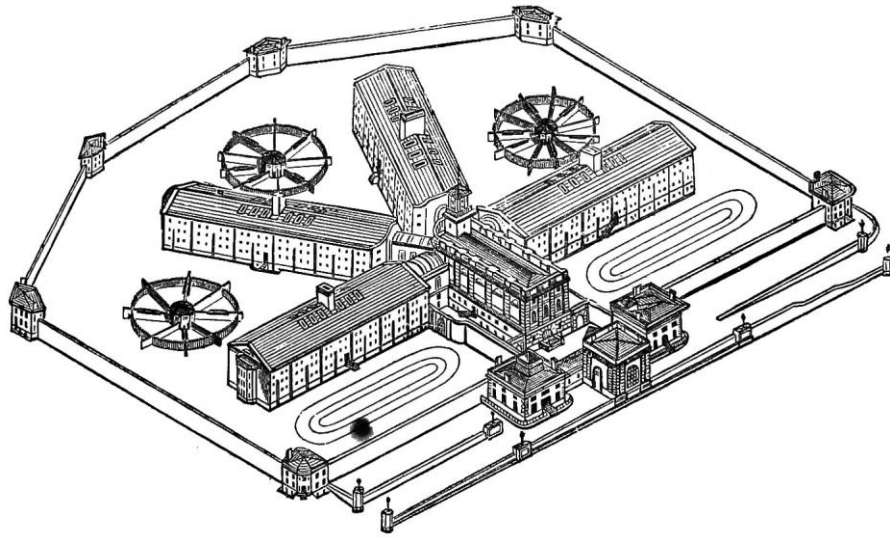


Fig. 22- Perspetiva da Prisão de Pentonville, 1844

Fig. 23- Bancadas da capela, 1862, por Henry Mayhew e por John Binny

Fig. 24- Prisioneiros com máscara enquanto se exercitavam, 186, por Henry Mayhew e por John Binny

prisioneiros. As celas abriam para um corredor junto à parede exterior, e cada piso dispunha de instalações sanitárias comuns. Nos seis pátios interiores, havia torres de vigia que garantiam o controlo visual. (Johnston, 2000)

No entanto, a dimensão do edifício revelou-se um obstáculo à sua eficácia: o número reduzido de guardas tornava difícil o controlo total da prisão, o que limitava a sua capacidade funcional a cerca de 600 reclusos. Além disso, doenças graves causadas pela proximidade do rio poluído de Tamisa e uma epidemia obrigou ao encerramento temporário da prisão por um ano. Apareceram também diversos problemas relacionados com a gestão e os custos elevados de manutenção que levaram ao seu encerramento e demolição em 1893. (Johnston, 2000)

Surgiu outro modelo radial em 1840, a prisão de *Pentonville* em Inglaterra. Os blocos retangulares irradiavam num semicírculo e em torno de um centro de inspeção central também ele retangular, o que permitia uma separação facilitada entre reclusos. Cada uma das suas alas de três pisos contava com cerca de 520 celas de 2,10m x 4,00m, onde os reclusos dormiam e trabalhavam, saindo apenas para atividades físicas, religiosas ou escolares. No interior continha uma sanita e uma torneira de água, e enquanto a iluminação natural era feita através de uma janela alta o suficiente para os reclusos não conseguirem olhar para o exterior, a iluminação artificial era feita por um queimador de gás. As paredes entre celas tinham cerca de 0,45m para desencorajar os indivíduos de escapar. (Johnston, 2000)

Foi um dos modelos mais inspirados para vários países europeus na segunda metade do século XIX, como a Alemanha, Espanha, Suíça e Portugal. (Johnston, 2000). Ainda que os custos de manutenção fossem elevados, “a crueldade e a dureza do isolamento total dos prisioneiros foram objeto de ataques frequentes, uma vez que as estatísticas revelavam taxas mais elevadas de morte, suicídio e loucura entre as populações isoladas.” (Rothman & Morris, 1995, p.202)¹⁷

¹⁷ Original: “The cruelty and harshness of total isolation of prisoners came under frequent attack as statistics revealed higher rates of death, suicide, and madness among isolated populations.”

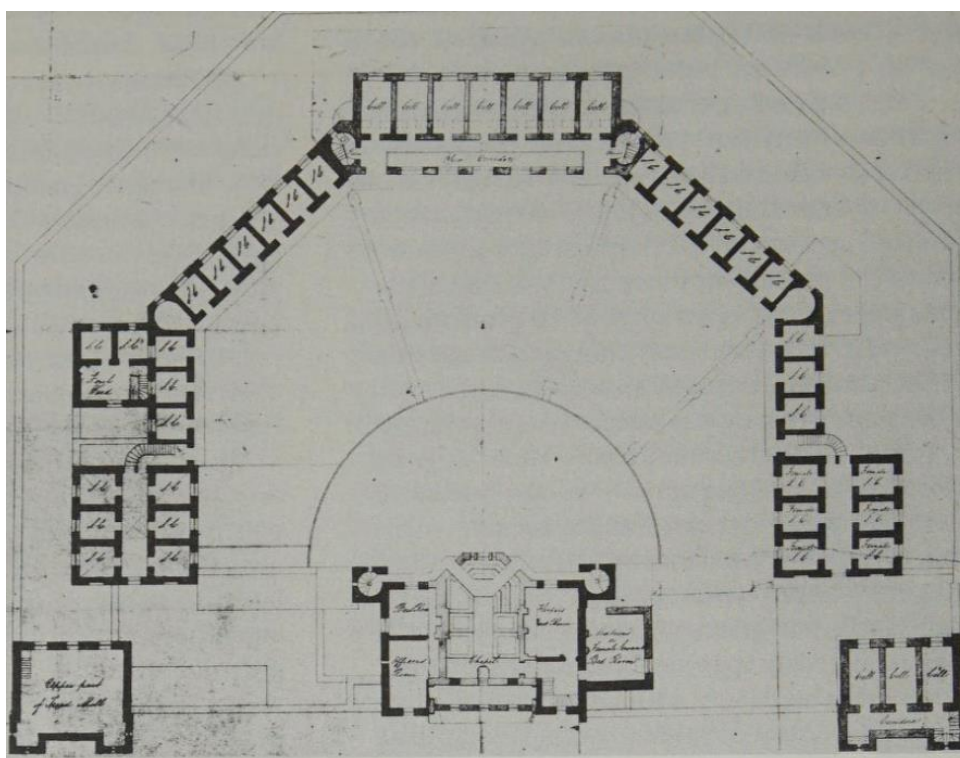


Fig. 25- Planta da Casa de Correção de Gloucester, 1789

Fig. 26- Vista exterior do Cárcere Borbonico di Santo Stefano, Ventotene

2.2.2. Semicircular

As prisões semicirculares emergiram como uma evolução arquitetônica direcionada para a uma vigilância constante dos indivíduos. Estas passaram a incorporar uma forma curva, que permitia uma supervisão mais eficaz a partir de uma posição central.

Uma das primeiras instituições semicirculares foi a “*Casa de Correção de Gloucester*”, construída entre 1789 e 1797, em *Northleach*, Inglaterra, segundo os projetos de William Blackburn. O edifício era caracterizado por cinco edifícios angulares que foram estrategicamente posicionados em forma de arco em torno de uma estrutura central com dois andares, onde o primeiro piso estava situado a residência do diretor e o piso superior a existência de uma capela, juntamente com as galerias de inspeção que propiciavam uma visão direta para o pátio do estabelecimento. As celas do edifício principal estavam orientadas para as varandas externas e eram posicionadas para a parte traseira da moradia do governador. (Johnston, 2000)

2.2.3. Ferradura ou concêntrica

Os estabelecimentos prisionais que surgiram das plantas semicirculares evoluíram para o modelo em ferradura, também conhecido como *horseshoe*. Como o nome indica, os volumes formavam as peças para os cascos dos cavalos, adotada por uma disposição em forma de “U”. Inspirado no modelo radial, estes estabelecimentos permitiam alguma supervisão a partir de um ponto central, mas com maior flexibilidade espacial. As alas dispostas em curva facilitavam a entrada de luz e ventilação, promovendo melhores condições de habitabilidade. (Johnston, 2000)

Na ilha de Ventotene, próxima a Nápoles, foi construída em 1795 a *Carcere Borbonico di Santo Stefano* encomendada pelo rei Bourbon Fernando IV, que ficou concluída em 1797. As celas individuais eram voltadas para um pátio na curva da estrutura, enquanto que as celas partilhadas se abriam para dentro do pátio interior. Na zona central situava-se uma pequena capela, e os volumes retangulares na base da ferradura albergavam os serviços administrativos e alojamentos dos funcionários. (Johnston, 2000 & Imam, 2022)

A prisão manteve-se em funcionamento até acolher presos políticos antifascistas, sendo encerrada em 1965. Atualmente, o governo italiano propõe a requalificação do edifício com o objetivo de albergar um centro acadêmico dedicado à formação de futuros líderes europeus e transformar a ilha num destino turístico. (Imam, 2022)

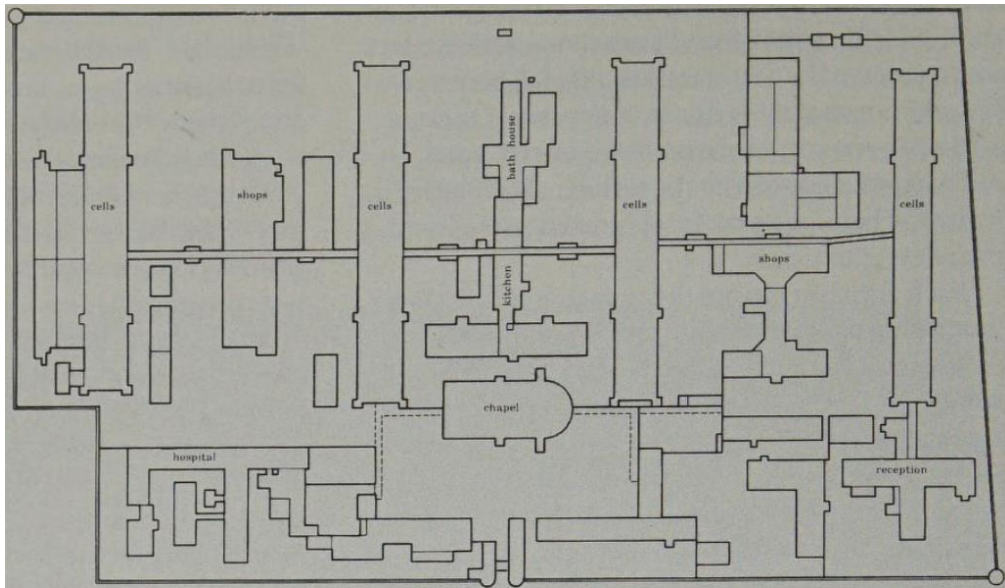


Fig. 27- Planta de Wormwood Scrubs

Fig. 28- Entrada para o Estabelecimento Prisional, 2023

2.2.4. Espinha ou poste telefónico

Tal como a planta em ferradura, a planta em espinha desenvolveu-se a partir do modelo radial. Estes novos modelos – que já usavam esta disposição anteriormente em hospitais no século XVIII - apresentavam uma organização mais fluida e racional, composta por volumes retangulares dispostos em filas paralelas, interligados por um corredor perpendicular que ligava todo o conjunto do estabelecimento.

A primeira prisão a adotar este modelo foi em *Wormwood Scrubs*, situada nos arredores de Londres e construída entre 1874 e 1891. Concebida para substituir a disfuncional prisão de *Millbank*, *Wormwood Scrubs* foi influenciada, em termos formais, pelo portão da antiga *Newgate Prison*.

“Afastando-se da tradição radial, DuCane concebeu uma disposição de quatro pavilhões paralelos ou blocos de celas ligados por uma passagem coberta ou arcada. A arcada era aberta ao exterior de um lado e dividia cada um dos blocos a meio.” (Johnston, 2000, p.95)¹⁸

Quando foi inaugurada, a prisão tinha capacidade para acolher cerca de 1244 reclusos, sendo considerada, na altura, a maior da Europa em termos de população prisional. A construção acabou por ser de baixo custo, uma vez que os tijolos foram fabricados no próprio local e outros materiais de construção foram produzidos pelos próprios prisioneiros. Cada bloco dispunha de quatro andares com quarenta e seis celas, constituindo, durante muitos anos, o estabelecimento prisional mais extenso da Europa, a seguir à prisão de *Fresnes*, em Paris. (Johnston, 2000)

¹⁸ Original: “In departing from the radial tradition, DuCane devised a layout of four parallel pavilions or cellblocks connected by a roofed passageway or arcade. The arcade was open to the weather on one side and bisected each of the blocks at midpoint.”

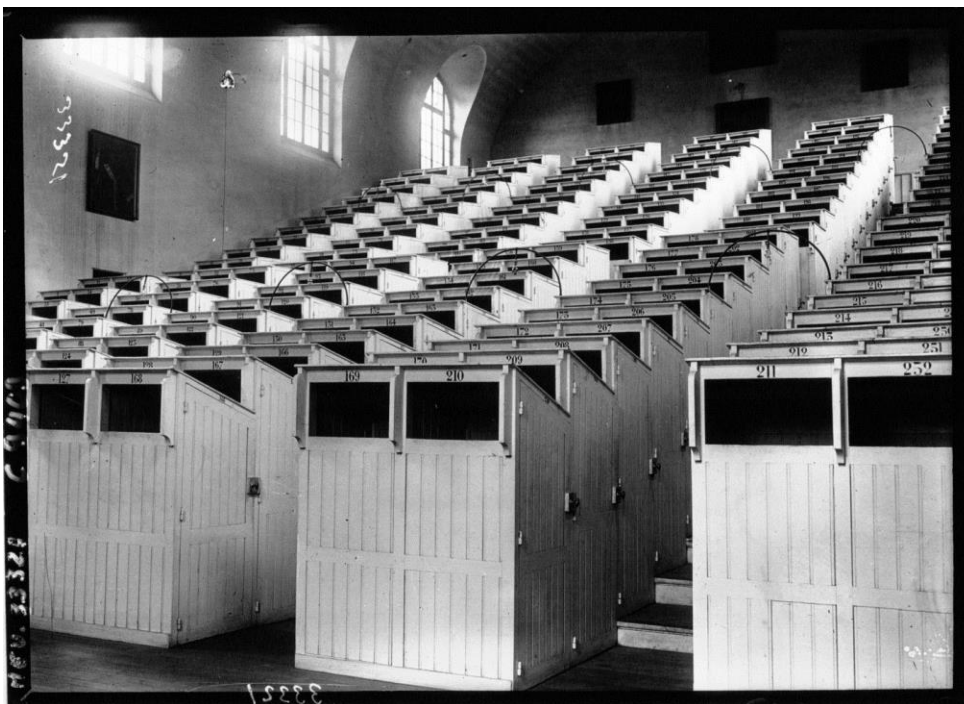


Fig. 29- Vista da prisão de Fresnes
Fig. 30- Capela da prisão, 1913

A prisão de *Fresnes*, nos arredores de Paris, foi construída em 1898 pelo arquiteto *Francisque Henri Poussin* com o intuito de acolher 1500 reclusos em celas individuais. A estrutura prisional era composta por seis volumes longitudinais paralelos, separados por um corredor central. Cada cela era equipada com o mobiliário essencial e dispunha de instalações sanitárias próprias. Os pátios situavam-se entre os blocos, mas ao contrário de *Wormwood Scrubs*, a capela e os serviços administrativos encontravam-se distantes das celas. (Johnston,1973)

“Embora uma prisão francesa, a de Fresnes, seja geralmente considerada como o protótipo da prisão com postes telefônicos e tenha sido, sem dúvida, a inspiração para algumas instituições atuais, a difusão deste plano não está tão bem documentada como a da prisão radial (...).” (Johnston, 1973, p.42)¹⁹

No entanto, este modelo trouxe uma nova liberdade espacial que as plantas radiais não permitiam. A disposição linear dos blocos, organizados paralelamente possibilitava uma maior fluidez na circulação, facilitando a organização interna e a supervisão. Além disso, a separação física entre os diferentes pavilhões permitia uma divisão mais clara entre as diversas categorias de reclusos, contribuindo para um maior controlo e especialização funcional dos espaços.

¹⁹ Original: "Although a French prison, Fresnes, is generally regarded as the prototype telephone-pole prison and without doubt was the inspiration for some latter-day institutions, the diffusion of this plan is not as well documented as the radial (...)"

2.3. A Persistência da Evolução

A arquitetura das prisões europeias foi, durante muito tempo, uma experiência prática de ideias tipológicas penais. Através dessa experiência procurava-se traduzir uma filosofia comum orientada para a segurança, condições sanitárias e para a reabilitação dos reclusos.

Apesar das intenções de reforma, muitos dos modelos implementados foram alvo de críticas. Prisões como a de *Millbank* e a de *Blackburn* foram consideradas mal-adaptadas para a vigilância necessária, pela mesma razão que não aprovaram os modelos semicirculares. Porém, as únicas prisões que tiveram mais sucesso na Europa foram os modelos radiais.

“A era dos ‘sistemas de tratamento penal’ estava ultrapassada.” (Johnston, 1973, p.41)²⁰

Cada país na Europa começou a desenvolver os seus próprios sistemas prisionais, embora em muitos casos coexistissem diferentes abordagens dentro do mesmo território. Porém, no geral, o século XIX refletia uma filosofia comum centrada na criação de prisões seguras e higiénicas, com a esperança de que estas condições favorecessem a reabilitação dos indivíduos privados de liberdade. (Johnston, 2000)

Neste contexto, o século XIX pode ser entendido como um período de transição entre uma lógica punitiva e uma abordagem mais reabilitadora, refletida tanto na sua organização espacial como nas suas intenções ideológicas.

“O trabalho era o fator central e organizador da vida quotidiana da penitenciária do século XIX.” (Johnston, 2000, p.203)²¹

O trabalho tornou-se o elemento central da vida quotidiana nas penitenciárias do século XIX, onde o trabalho forçado foi gradualmente substituído pelo trabalho produtivo e realizado quer para o mercado externo, quer para a própria instituição prisional – como vestuário, calçado, lençóis, etc. Algumas prisões tinham os fins lucrativos nos quais partilhavam uma espécie de salário para os reclusos, já outras também tinham tarefas domésticas dentro das prisões como cozinhar, limpar, trabalhar na agricultura, etc.

²⁰ Original: “The era of ‘systems’ of penal treatment was past.”

²¹ Original: “Labor was the central and organizing factor of the daily life of the nineteenth-century penitentiary.”

Com o tempo, percebeu-se que nenhum sistema único servia para todos os contextos, populações ou tipos de crime. Assim, foi necessário experimentar estratégias mais flexíveis, diversificadas e ajustadas à realidade de cada região, encontrando soluções de reabilitação e abordagens mais humanas. (Johnston, 2000)

O aumento das penas fora do sistema prisional alterou a quantidade da população encarcerada. Houve menos indivíduos a serem condenados pela primeira vez, no entanto passou a ser mais frequente a permanência em reclusão de criminosos considerados perigosos ou reincidentes.

A Bélgica foi o primeiro país europeu ocidental a adotar a pena suspensa²² em 1888. Esta medida visava significativamente a redução do número de reclusos nos estabelecimentos prisionais, funcionando como uma oportunidade aos prisioneiros que cometessem crimes pela primeira vez. A estes era atribuída uma duração de pena de prisão e depois suspensa, desde que respeitassem as condições de suspensão.

Outra medida aplicada foi a liberdade condicional²³ prévia à prisão, variante da pena suspensa. Neste caso, o condenado não iniciava de imediato o cumprimento da pena, ficando em liberdade mediante condições específicas — como apresentar-se regularmente ao tribunal ou manter bom comportamento. O não cumprimento destas condições implicava o cumprimento da pena original, acrescida de eventuais novos delitos.

Já a liberdade condicional após a reclusão, consistia na libertação antecipada por bom comportamento, mas também seguindo as condições implícitas pelo tribunal. Este modelo foi utilizado pela primeira vez como uma experiência em França em 1830 com jovens, contudo, foi em Portugal - com o código penal em 1861 — que a liberdade condicional foi utilizada para toda a população reclusa. (Johnston, 2000)

O final do século XIX retratava assim o objetivo da prisão: diminuir a quantidade de pessoas encarceradas e ter um papel de reabilitação. No entanto, os efeitos desta mudança variaram: em algumas regiões, a prisão manteve-se como principal forma de punição, enquanto noutras a transformação foi mais evidente.

²² Suspensão da execução da pena de prisão acontece quando a pessoa é condenada à prisão, mas não vai para a cadeia, podendo cumprir certas condições em liberdade. (Fonte: <https://dgrsp.justica.gov.pt/>)

²³ Liberdade condicional consiste na antecipação da liberdade de um condenado durante um período não superior a 5 anos, após ter cumprido um período mínimo legal. (Fonte: <https://dgrsp.justica.gov.pt/>)

A partir da década de 50, muitos países da Europa Ocidental reformaram os códigos penais, introduzindo alternativas às penas longas para manter as pessoas fora da prisão. Apesar disso, verificou-se um aumento da criminalidade e das populações prisionais. A permanência de penas como a prisão perpétua²⁴ ou as sentenças superiores a cinco anos passou a preocupar os especialistas em justiça penal. Embora as penas fora do sistema prisional tenham prevalecido em muitas regiões da Europa, as populações prisionais continuaram a crescer, o que revela uma certa contradição. (Johnston, 2000)

A arquitetura prisional passou também a considerar aspetos como a ventilação, iluminação natural, higiene e conforto térmico, refletindo uma maior preocupação com as condições básicas de habitabilidade, como foi o caso de *Fresnes*, onde a água da torneira da cela já era quente. Surgiram prisões com janelas maiores, celas individuais com casas de banho privativas, zonas comuns e espaços verdes, aproximando-se mais de centros de reabilitação do que de instituições puramente punitivas.

Por um lado, as prisões deixaram de se preocupar com a aparência exterior uma vez que ficavam situados fora da malha urbana e a população não reparava com tanta frequência. A vigilância também começou a ter outros tipos de método, nomeadamente muros mais consistentes, com vedações e farpões de aço.

Por outro, a cela ao deixar de ser essencial para as punições de menor gravidade, deixou de ser um ponto importante do sistema prisional para atender às condições necessárias de reabilitação e reinserção social. Contudo, é uma oportunidade de repensar como tornar as celas mais modernas e melhorar o seu design para se assemelhar a um espaço de habitar. Em vez de ser apenas um espaço de confinamento como forma de punição, a cela pode ser refletida no ponto de vista sensorial, que promovam a transformação pessoal.

²⁴ Prisão perpétua é uma sentença no qual o condenado permanece na prisão o resto da vida ou até ser concedido a liberdade condicional.

“Existem 'prisões abertas' indistinguíveis de quintas agrícolas e 'reclusos' que passam os dias a trabalhar na comunidade, sem escolta nem supervisão; existem 'prisões de fim de semana' e 'prisões diurnas'; há 'prisões mistas' (com ambos os sexos); e há prisões marcadas por uma rotina esmagadoramente monótona, interrompida por raros episódios de violência e brutalidade. Existem prisões com campos de ténis e prisões onde o único exercício fora da cela consiste em uma hora a andar num pátio gradeado três vezes por semana; há prisões de aglomeração extrema e prisões de isolamento total. Existem centros de pré-libertação baseados na comunidade, chamados de 'prisões', indistinguíveis de albergues para trabalhadores; e há 'reclusos' a cumprir pena nas suas próprias casas, que para esse efeito são legalmente classificadas como prisões.” (Rothman & Morris, 1995, p.227)²⁵

²⁵ Original: “Here are ‘open prisons’ indistinguishable from farms and ‘prisoners’ who spend their days working unescorted and unsupervised in the community; there are ‘weekend prisons’ and ‘day prisons’; there are ‘coeducational prisons’; and there are prisons of grindingly dull routine interrupted by occasional flashes of violence and brutality. There are prisons with tennis courts and prisons where the only out-of-cell exercise is an hour of pacing an outdoor cage three times a week; there are prisons of excessively crowded congregation and prisons of utter isolation. There are community-based prerelease centers, called ‘prisons,’ indistinguishable from workers’ hostels; and there are ‘prisoners’ doing time in their own homes, which for this purpose are legally classified as prisons.”

2.4. Punição vs Reabilitação

“É indecoroso ser passível de punição, mas pouco glorioso punir.” (Foucault, 1999, p.14)

O início do livro *“Vigiar e Punir”* descreve o desfecho reservado de *Robert-François Damiens*, o último condenado em França a sofrer a pena de suplício. Acusado de tentativa de regicídio contra o rei Leão XV – a quem lhe causou apenas um ferimento superficial devido às camadas de roupa do monarca a 5 de janeiro de 1757, à saída do Palácio de Versalhes – Damiens foi julgado de forma excecional, refletindo a gravidade simbólica do seu ato. (Foucault,1999)

“Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757, a pedir perdão publicamente diante (...) da Igreja de Paris, onde devia ser levado e acompanhado numa carroça, (...) na praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, a sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir o seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e os seus membros e corpo consumidos ao fogo reduzidos a cinzas.” (Foucault, 1999, p.8)

As punições eram, de facto, uma tradição a partir do século XVII. O povo era convidado a presenciar os espetáculos de terror realizados nos pelourinhos – símbolos do poder e da justiça – onde estavam posicionadas estruturas como o patíbulo²⁶ ou a guilhotina²⁷. Os corpos mutilados em praça pública serviam também como afirmação do poder, para lembrar à população que a lei era bem seguida e inescapável.

A tortura, frequentemente realizada com chicotes ou outros instrumentos que causassem dor, servia para testar os limites físicos do corpo e acentuar a dimensão exemplar da punição. Estes espetáculos públicos não apenas legitimavam a justiça, como também transformavam o povo em testemunha ativa da punição – uma audiência convocada para repudiar o criminoso e, ao mesmo tempo, ser intimidada pelas consequências da desobediência. (Foucault,1999)

²⁶ Lugar onde os condenados sofrem a pena capital (Fonte: <https://www.infopedia.pt>)

²⁷ Instrumento de decapitação, constituído por uma lâmina cortante que se move verticalmente (Fonte: <https://www.infopedia.pt>)

“As pessoas não só têm de saber, mas também ver com seus próprios olhos. Porque é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantias da punição.” (Foucault, 1999, p.75)

A multidão sentia-se simultaneamente aterrorizada e fascinada, talvez pela curiosidade em torno do mistério de todo o processo. Cada condenado tinha as suas últimas palavras, a sua forma particular de punição e exposição pública. Apesar de haver esse tipo de espetáculos frequentemente, cada execução era vivida como uma ocasião especial - um momento de escapar da rotina e de envolvimento coletivo da população.

No fundo, tratava-se de um entretenimento ao vivo, onde o povo não apenas testemunhava, mas também participava simbolicamente no ato punitivo. Como refere Foucault (1999, p.76):

“O condenado, depois de ter andado muito tempo, exposto, humilhado, várias vezes lembrado do horror de seu crime, é oferecido aos insultos, às vezes aos ataques dos espetadores.”

Uma das peculiaridades destes espetáculos públicos era o momento em que o condenado, já no auge da dor e da exposição, podia ainda assim proferir as suas últimas palavras — uma última oportunidade de se dirigir ao povo, expressando arrependimento, revolta ou até proclamando inocência. Essa liberdade final não atenuava o suplício, mas acrescentava à teatralidade à execução. (Foucault, 1999)

“A certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro.” (Foucault, 1999, p.13)

Foucault enumerou vários manifestos da execução pública das penas que eram tomadas no século XVIII. Primeiramente, o condenado era forçado a tornar-se ele próprio o mensageiro da sua culpa através do desfile antes do suplício onde levava cartazes com a descrição do seu crime, paragem à frente de várias igrejas e posteriormente ao patíbulo para ler a sentença – era quase como Jesus a carregar a cruz pelos seus pecados no meio da multidão.

Em segundo lugar, o tribunal supremo podia ainda recorrer aos últimos momentos de vida do réu para obter mais informações, aplicando novas formas de torturas com o objetivo de descobrir, por exemplo, possíveis cúmplices - como se o suplício, por si só, tivesse o poder de revelar a verdade.

Em terceiro lugar, depois de todo o suplício, o corpo, já sem vida, era frequentemente erguido perto do local onde o crime fora cometido, permanecendo como um marco visível da justiça da autoridade soberana como “aviso” à população. (Foucault, 1999)

E por fim, o suplício final funcionava como uma última prova pública da culpa do condenado. À medida que se aproximavam do cadafalso²⁸, o momento tornava-se mais tenso para o condenado como para os espetadores. No limiar final, “a morte é certa, trata-se de salvar a alma” (Foucault, 1999, p.64). Era nesse instante que o sofrimento se convertia num espetáculo moral onde o corpo punido confirmava, diante de todos, a justiça do poder soberano.

Com o passar do tempo, países europeus como a França, Suíça, Áustria e Inglaterra começaram a abolir, entre o final do século XVIII e inícios do século XIX, o suplício público, numa tentativa de defender a integridade do condenado. A punição foi gradualmente deixando de ser um espetáculo público para se transformar numa medida penal orientada para a correção e reeducação dos infratores. (Foucault, 1999)

Benjamim Rush (citado por Foucault, 1999, p.14) um reformador social apresenta um discurso para a *Sociedade para a Promoção de Inquéritos Políticos* em 1787, afirmando:

“Só posso esperar que não esteja longe o tempo em que as forcas, o pelourinho, o patíbulo, o chicote, a roda, serão considerados, na história dos suplícios, como as marcas da barbárie dos séculos e dos países e como as provas da fraca influência da razão e da religião sobre o espírito humano.”

De facto, a pena deixou de ser assumida em forma de suplício, passando a ser considerada inadmissível pelo público, por ser vista como vergonhosa e contrária à dignidade humana pela perspectiva da vítima. A punição corporal foi substituída por uma nova abordagem: a “punição mais humana”, em que o castigo se traduzia no trabalho forçado. Estas novas regras eram inseridas em instituições fechadas – tal como o *Rasphuis* e a *Spinhuis* – onde o objetivo era investir na disciplina através do corpo.

Cesare Beccaria, um dos primeiros reformadores prisionais, levanta questões fundamentais sobre a génese e legitimidade dos meios de punição. Ao interrogar a origem das penas, bem como o direito de punir, o filósofo questiona não só a forma

²⁸ O mesmo que patíbulo; ferramenta usada para a pena capital

como a sociedade escolhe castigar, mas também o custo moral e humano que essa punição impõe ao condenado.

Através das ideologias do Iluminismo Penal²⁹ do qual era pregador, Beccaria argumentava que a punição devia ser proporcional ao delito cometido, e que penas demasiado severas, acabavam por se tornar ineficazes.

“Quanto mais rápida for a pena e mais próxima do crime cometido, tanto mais será ela justa e tanto mais útil (...) porque poupa ao réu os tormentos cruéis e inúteis da incerteza (...); mais justa, porque a privação da liberdade, sendo uma pena, só ela poderá preceder a sentença quando a necessidade o exigir.”
(Beccaria, 1999, p.71)

Beccaria chegou ainda a propor a substituição da pena de morte pela pena de escravidão perpétua no século XVIII — uma forma de pena física em que o condenado seria submetido ao trabalho forçado até à morte. Esta alternativa seria, segundo ele, mais eficaz e economicamente vantajosa, pois o sofrimento prolongado, aliado à incerteza do fim, funcionaria como dissuasor. Além disso, também eliminaria a possibilidade de reincidência, mantendo o condenado afastado da sociedade de forma permanente.

(..) de modo geral, as práticas punitivas se tornaram pudicas. Não tocar mais no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente (...). O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará à distância, propriamente, segundo regras rígidas (...).” (Foucault, 1999, p.15)

Le Peletier de Saint-Fargeau apresentou à Assembleia Constituinte, em 1791, o seu projeto onde acreditava num sistema de penas progressivamente mais leves ao longo do tempo. O condenado começaria por uma sanção mais grave, sendo acorrentado, isolado, com pouca iluminação e apenas a pão e água. Gradualmente, poderia ter acesso ao trabalho e mais tarde à possibilidade de receber um salário. À medida que se aproximasse do fim da pena, passaria a um regime mais leve que autorizava o convívio com outros detentos, à opção de trabalho individual ou coletivo e alimentar-se com os

²⁹ O Iluminismo Penal foi um movimento reformista que surgiu no século XVIII no campo do direito penal que defendia as penas humanizadas, e consequentemente reprovando as torturas e suplícios públicos.

frutos do próprio trabalho. Graças a esta intervenção, foi incluída a possibilidade de os condenados receberem uma visita mensal. (Foucault, 1999)

“Tem que haver relações exatas entre a natureza do delito e a natureza da punição; aquele que foi feroz em seu crime sofrerá dores físicas; aquele que tiver sido preguiçoso será obrigado a um trabalho penoso; aquele que foi abjeto sofrerá uma pena de infâmia.” (Le Peletier, citado por Foucault, 1999, p.125)

Contudo, um mesmo castigo pode não ter o mesmo sucesso em todos os indivíduos. Duas pessoas que cometam o mesmo crime, podem reagir de forma distinta ao tipo de punição, dependendo da educação, saúde mental ou traços de personalidade. Assim, um sistema penal que pretende prevenir a reincidência deve considerar cada pena individualmente - ainda que o crime seja idêntico - a fim de aliviar a gravidade do ato em relação à sua intenção e ao potencial de reintegração do culpado.

Georg Rusche e Otto Kirchheimer na sua obra "*Punishment and Social Structure*" (1939), argumentam que os sistemas punitivos não devem ser compreendidos apenas como resposta aos delitos cometidos, mas também pelo contexto dos princípios sociais e económicos em que se inserem. Os autores estabelecem uma ligação entre os modelos punitivos e os sistemas produtivos: numa economia escravista, a punição fornecia a mão de obra adicional - no contexto feudal³⁰, o castigo incidia sobre o corpo, pois era considerado o único recurso disponível. Com o desenvolvimento das economias de mercado, surgem sistemas disciplinares - como as casas de correção - para converter o trabalho forçado em novas formas de castigos. (Foucault, 1999)

Assim, a prisão torna-se um modelo de organização de punição entre o trabalho produtivo e a disciplina:

“Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (Foucault, 1999, p.250)

De facto, estas instituições “modernas” assemelham-se pela disciplina rigorosa que exercem, controlando até os menores comportamentos, sejam eles pelo atraso, distrações, atitudes ou gestos considerados inadequados. Através das punições consideradas leves ou a pequenas humilhações, tornam qualquer detalhe mais insignificante como instrumento passível de correção. Funcionam com hierarquias bem

³⁰ Sistema político, económico e social que vigorou em partes da Europa medieval (Fonte: Infopédia)

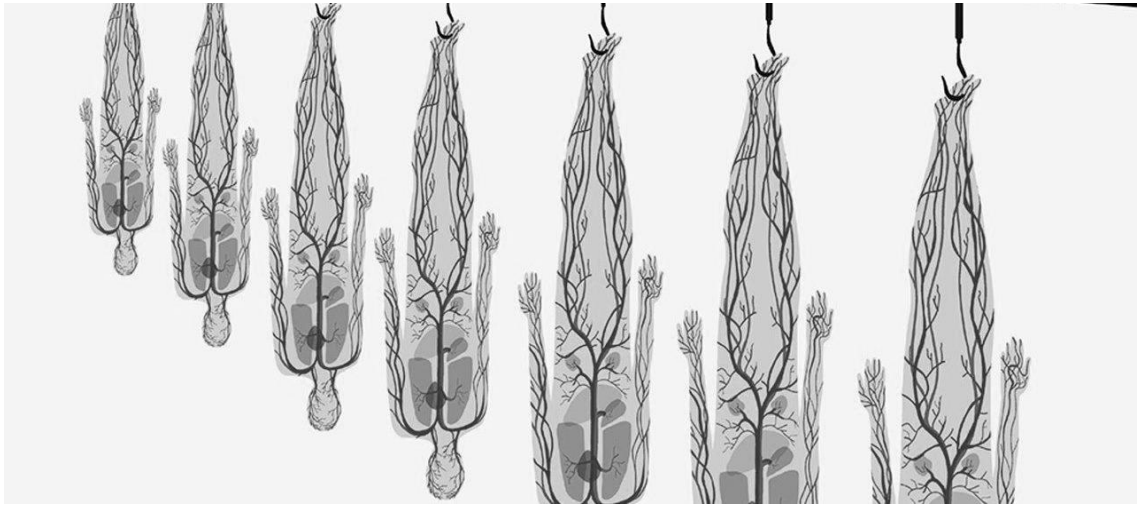


Fig. 31- “Corpus dóceis” e submissos

definidas e têm como objetivo educar os indivíduos para que estes se tornem obedientes e úteis para a sociedade.

“A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’”.
(Foucault, 1999, p.164)

A disciplina tem o poder de controlar e orientar as ações do indivíduo. Trata-se de um conjunto de “exercícios de poder” que atuam no comportamento e no corpo, com o objetivo de os tornar úteis e obedientes. Sob a forma de repartição disciplinar, cada pessoa é colocada num lugar estipulado (cela) dentro de uma multiplicidade organizada (prisão), de modo a extrair o maior aproveitamento possível: identificar cada elemento individualmente, e ao mesmo tempo organizar-se em grupo. Ou seja, esta ideia de ligar o indivíduo ao coletivo, permite que o poder que atua nos corpos de forma “celular” torne o controlo mais eficaz.

Neste sentido, levanta-se uma nova exigência à disciplina: para além de ser uma arte de distribuir corpos, esta torna-se uma “máquina” composta por elementos combinados, no sentido de reunir as forças necessárias para garantir um mecanismo eficiente. Ou seja, não basta organizar indivíduos em determinados espaços e tempos, como também é necessário estabelecer regras e rotinas de modo a criar um sistema disciplinar eficaz.

Assim, os corpos são moldados para aumentar a sua força a nível de utilidade e economia, enquanto diminuem a mesma força em desobediência, assegurando que a disciplina seja suficiente para produzir o comportamento desejado:

“Em resumo, pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças).” (Foucault, 1999, p.192)

Na perspetiva de Erving Goffman, os reclusos perdem a capacidade de comunicar e interagir socialmente quando entram numa instituição prisional. Estes são sujeitos a vários processos iniciais de privação desde a sua identidade visual e material até ao controlo da própria rotina que leva à degradação da sua autonomia e identidade social. Em resposta a este problema, surgiram programas de reabilitação para transformar estes padrões negativos em incentivo de relações mais humanas e estruturadas nos ambientes prisionais. (Rothman & Morris, 1995)

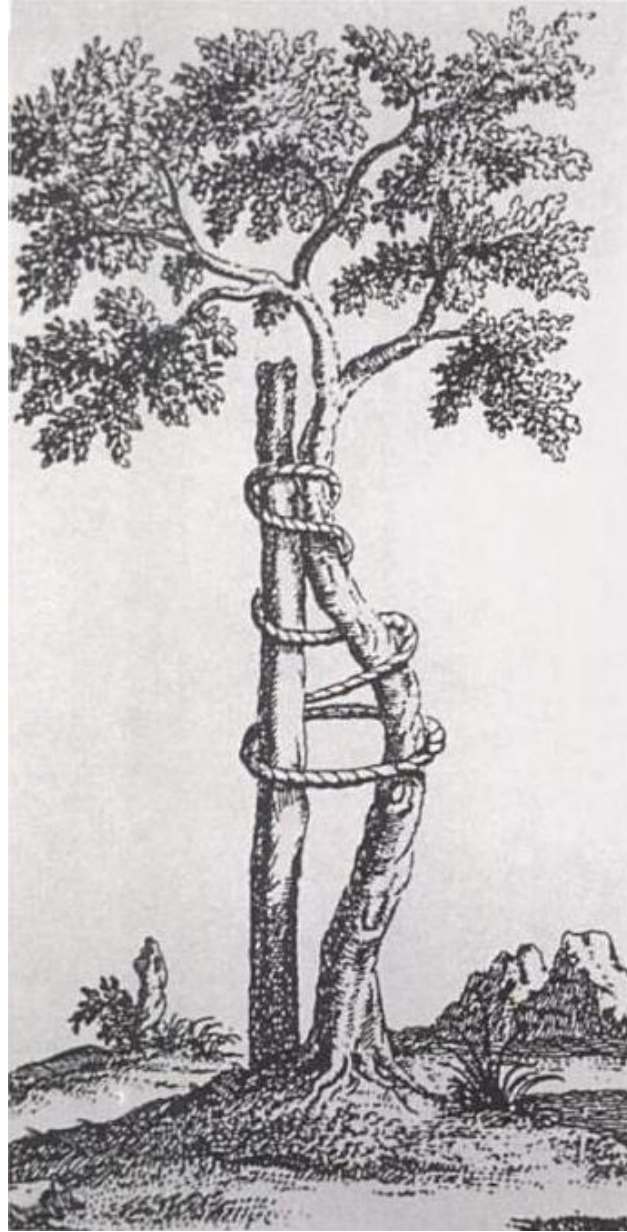


Fig.32- "Ortopedia ou a Arte de prevenir e corrigir" por Nicolas Andry, 1749

“(...) durante o período em que o indivíduo está na presença imediata dos outros, poucos acontecimentos podem ocorrer que forneçam diretamente aos outros a informação conclusiva de que necessitam para dirigirem sabiamente a sua própria atividade. Muitos factos cruciais estão para além do tempo e do lugar da interação ou estão escondidos dentro dele. Por exemplo, as atitudes, crenças e emoções ‘verdadeiras’ ou ‘reais’ do indivíduo só podem ser determinadas indiretamente, através das suas declarações ou através do que parece ser um comportamento expressivo involuntário.” (Goffman, 1956, p.1)³¹

Segundo Goffman, as interações sociais estão condicionadas por uma limitação que é fundamental de acesso à realidade interior dos indivíduos. Esses valores não são diretamente observáveis quando interagem com alguém e, portanto, recorrem – por vezes indiretamente - a comportamentos estratégicos para proteger a sua posição e segurança.

Na sua obra *“The presentation of Self in Every Day Life”*, o autor explica que quando um determinado prisioneiro se junta com um grupo, os restantes membros procuram obter informações sobre esse indivíduo, assim como também avaliam o seu comportamento. Esta observação serve como estratégia para definir a melhor forma de atuar perante ele.

Poder-se-ia então observar que o princípio da reabilitação ideal surge, em teoria, como antagónico ao conceito de punição. Enquanto a punição está ligada à dor, ao trabalho forçado, ao isolamento e às constantes sanções, a reabilitação responde de forma a promover a mudança no sentido positivo, onde o principal foco é a reintegração social e correção dos erros cometidos. No entanto, esta abordagem salienta um ponto em comum entre estas duas oposições: o controlo enquanto instrumento da disciplina. Os horários, a vigilância, o controlo e os castigos aplicados pelo incumprimento das regras mostram que, ainda que a intenção seja instrutiva, a reabilitação pode assumir contornos punitivos.

Os estabelecimentos prisionais do século XIX foram a virada entre o modelo punitivo e o modelo reabilitador:

³¹ Original: “(...) during the period in which the individual is in the immediate presence of the others, few events may occur which directly provide the others with the conclusive information they will need if they are to direct wisely their own activity. Many crucial facts lie beyond the time and place of interaction or lie concealed within it. For- example, the 'true' or 'real' attitudes, beliefs, and emotions of the individual can be ascertained only indirectly, through his avowals or through what appears to be involuntary expressive behaviour.”

“As prisões destinavam-se principalmente a albergar populações pobres, não qualificadas, desempregadas e consideradas necessitadas de instrução e disciplina social e moral. O receio público de que os jovens ociosos se aglomerassem nas cidades à procura de trabalho alimentava os receios da classe média de agitação política. A ideia de reabilitação através do castigo tornou-se uma panaceia para uma variedade de males sociais.” (Rothman & Morris, 1995, p.200)³²

No fim do mesmo século, a punição começou a ser desvalorizada pela sociedade. Através da *media*, dos relatos de sociólogos e criminologistas e dos diários de reclusos, a população tornou-se mais consciente do fracasso das prisões enquanto instrumento de reabilitação. Assim, as punições deixaram de ser corporais e começaram a ser espirituais e éticas, promovendo assim o condenado a repensar nas suas atitudes através da segurança e do isolamento, passando então a ter um espaço prisional com o termo que conhecemos atualmente.

Após a Segunda Guerra Mundial, as reformas europeias passaram a considerar a necessidade de adaptar as punições ao perfil do infrator – tendo em conta a personalidade, vontade de mudança e se era reincidente. Como resultado, as penas alternativas à prisão e as multas passaram a ser mais comuns para quem cometia delitos pela primeira vez.

A Lei n.º 115/2009 a 12 de outubro, artigo 3.º alínea 5 descreve “a execução, na medida do possível, evita as consequências nocivas da privação da liberdade e aproxima-se das condições benéficas da vida em comunidade”. É certo assim que o estado tenta teoricamente manter o espírito de privação - pois no final de contas cometeram uma ilegalidade - mas com o sentido de abertura para reabilitação.

A dicotomia entre a punição e a reabilitação revela assim a forma como projetamos um espaço prisional. A cela, enquanto espaço de habitar imposto, deve responder a esta dualidade no sentido de oferecer condições que, para além de imporem a restrição de liberdade, promovam também um instrumento de transformação para as condições necessárias para a reinserção do indivíduo.

³² Original: “prisons had been primarily intended to house populations who were poor, unskilled, unemployed, and judged to be in need of social and moral instruction and discipline. Public fears about idle young men crowding the cities in search of work fueled middle-class fears of political unrest. The idea of rehabilitation through punishment became a panacea for a variety of perceived social ills.”

“Menos sofrimento, mais suavidade, mais respeito e humanidade”. (Foucault, 1999, p.20)

2.5. A cela como espaço de habitar

Durante décadas na história prisional, a sobrelotação tem sido um problema persistente na maioria das prisões, especialmente nas mais antigas ou inseridas em aglomerados urbanos, levando a condições degradantes para os reclusos.

A privacidade nas instituições prisionais está intrinsecamente ligada aos padrões de ocupação, nomeadamente a distinção entre as celas individuais e coletivas. A forma como o espaço é desenhado e dividido - incluindo a presença ou ausência de barreiras físicas e a distância social - desempenha um papel central na capacidade de os reclusos melhorarem o autocontrolo sobre o seu comportamento no ambiente.

Os espaços delimitados por grades podem oferecer certa separação física, porém revelam-se ineficazes na contenção de estímulos visuais e sonoros, comprometendo assim a integridade da experiência individual. Nos dormitórios comuns, a possibilidade de isolamento é praticamente inexistente, o que acentua a vulnerabilidade e a falta de privacidade. (McConville, 2000)

A ausência de condições que permitam respeitar normas sociais básicas, sobretudo no que diz respeito às funções corporais, assume um caráter desumano. Por exemplo, instalações sanitárias visivelmente expostas ou desprovidas de divisórias apresentam uma clara violação da dignidade pessoal, comprometendo não apenas a privacidade do recluso, mas também a sua perceção de valor próprio e sensibilidade social que reflete negativamente no processo de reabilitação que o estabelecimento prisional deveria promover. (McConville, 2000)

Por muitos anos que o problema da sobrelotação carcerária persegue a maior parte das prisões, sobretudo aquelas que são edificadas há mais tempo. Quando o número de reclusos ultrapassa a capacidade estabelecida, a perda de privacidade e a impossibilidade de manter comportamentos adequados geram níveis de stress e aumentam a agressividade, tanto entre reclusos como em guardas prisionais.

Embora haja uma concordância idêntica relativamente à subdivisão do espaço prisional, verifica-se uma divergência de opiniões no que concerne à dimensão ideal das subdivisões. Os defensores de unidades menores, compreendendo entre 12 e 20 reclusos, argumentam que tal escala promove maior espontaneidade, apoio coletivo, autonomia e o desenvolvimento de relações sociais entre os guardas e funcionários. Uma perspetiva mais comum sugere uma média de 40 a 50 reclusos por setor, sendo 50

considerado o valor ótimo. Já no relatório de Woolf, este recomenda uma capacidade entre 50 e 70 reclusos por subdivisão, que parece existir um consenso generalizado de que o limite máximo aceitável se situa nos 80 indivíduos. (McConville, 2000)



Fig. 33- EP de Viseu, 2016, por Luís Barbosa

Fig. 34- Quarto partilhado no Estabelecimento de Santa Cruz do Bispo (feminino), 2017, The portuguese prison photo project



Fig. 35- Quarto partilhado no Estabelecimento Prisional do Porto, 2022, Peter Schulthess

Fig. 36- Quarto no Estabelecimento Prisional do Porto, 2022, Peter Schulthess



Fig. 37- Quarto partilhado no Estabelecimento Prisional de Izeda, 2017, Peter Schulthess

O gráfico seguinte, com dados da DGRSP, apresenta a taxa de ocupação de cada Estabelecimento Prisional em Portugal no ano de 2023.

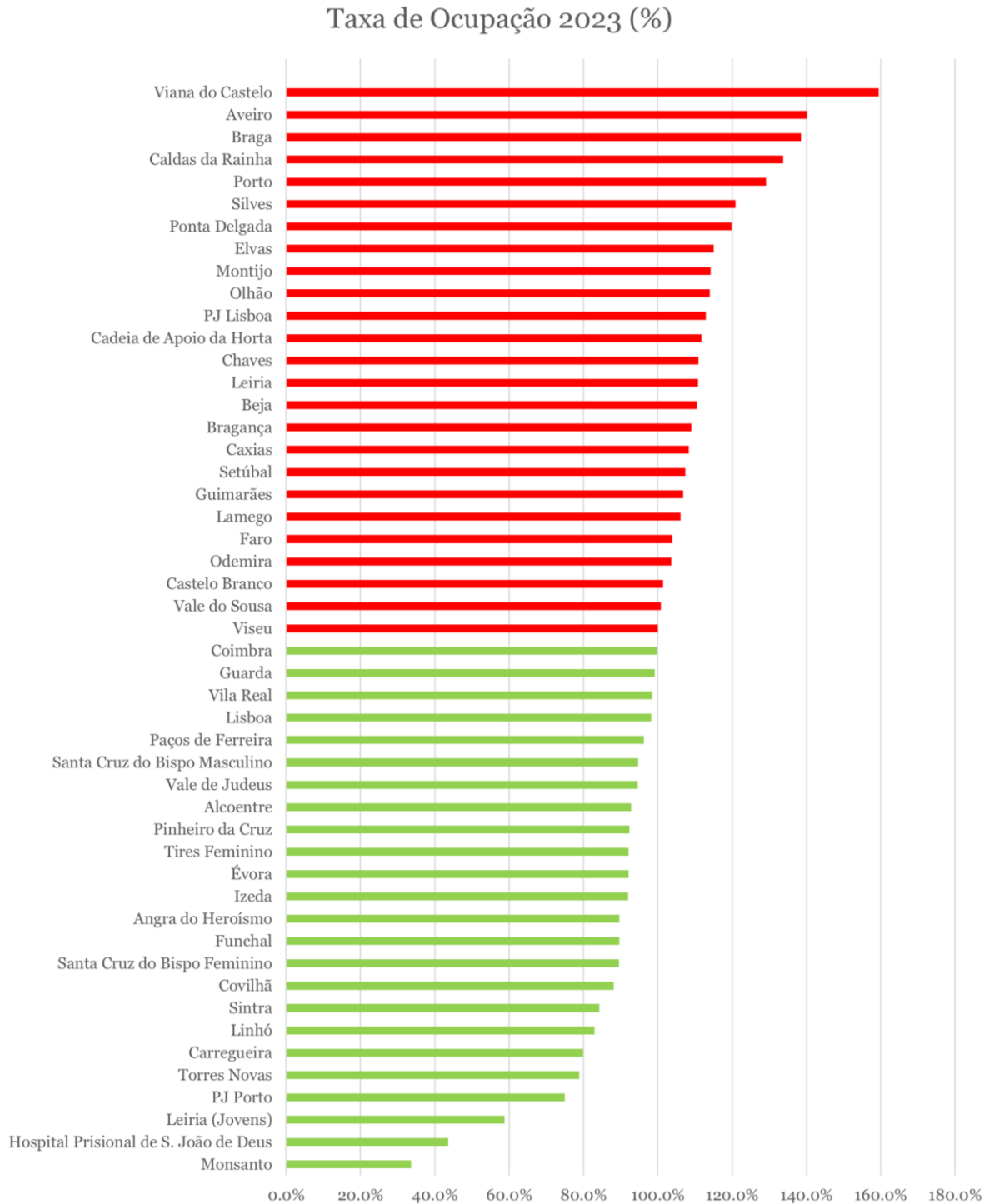


Fig. 38- Gráfico da taxa de sobrelotação em Portugal no ano de 2023

Salienta-se também os seguintes dados referentes à faixa etária dos reclusos no mesmo ano, assim como a natureza dos crimes cometidos que permitem compreender o tipo de indivíduos privados de liberdade nos estabelecimentos portugueses:

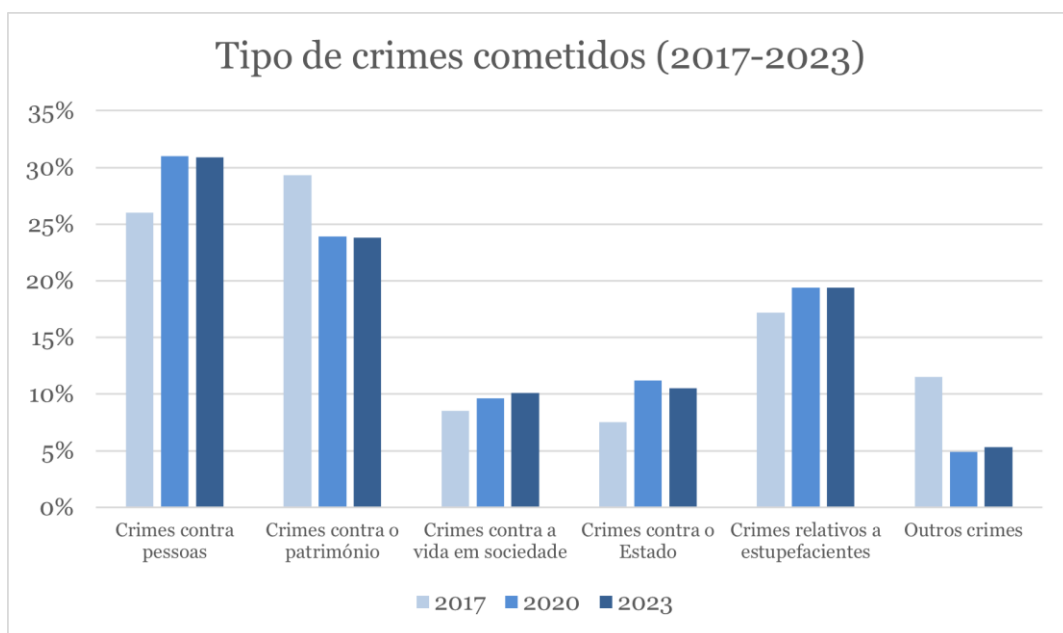
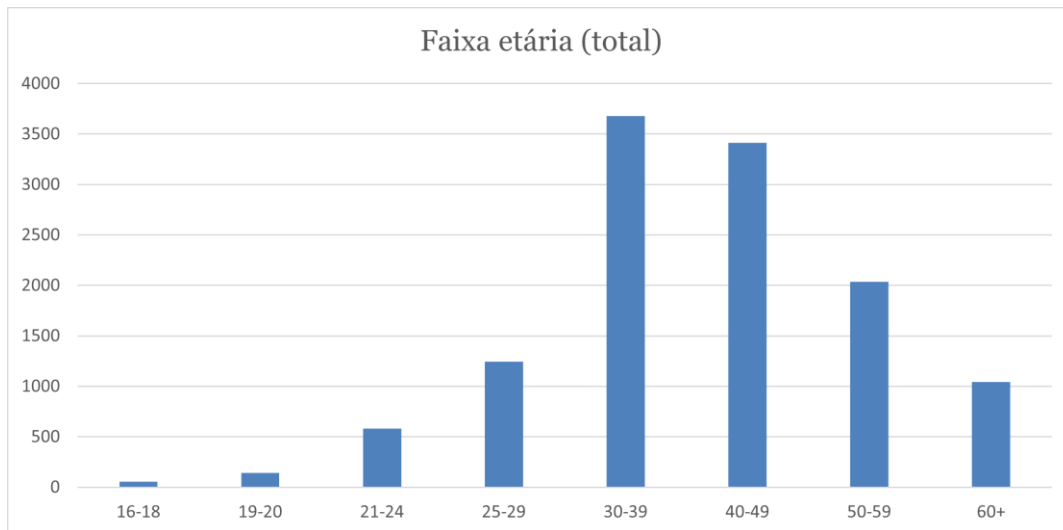


Fig. 39- Faixa etária dos indivíduos nos estabelecimentos em 2023

Fig. 40- Tipo de crimes cometidos nos anos de 2017, 2020 e 2023

Em Portugal, de acordo com o RASI³³, a taxa de ocupação nos Estabelecimentos Prisionais em 31 de dezembro de 2023 era de 94,4% (subindo para 96,8% em 2024), correspondendo a um total de 12 193 reclusos, incluindo 347 inimputáveis³⁴. Quase 70% destas instituições estão com sobrelotação de alto risco, representando o comprometimento da segurança, funcionamento e saúde.

Este problema reflete diretamente com as condições de habitabilidade da cela, na medida em que o espaço mínimo necessário e legal para o bem-estar dos reclusos é afetado. Quando o número de detidos ultrapassa a capacidade inicialmente projetada, a cela deixa de ser um espaço de autorreflexão e torna-se num ambiente mais ruidoso e complexo para uma reabilitação saudável.

Em 2023 também foram contabilizadas 72 mortes dentro das prisões portuguesas – 58 por doença e 14 por suicídio – e abrandou para 56 em 2024, sendo que a causa por doença continuou a ser a mais elevada, ainda que que a estimativa da faixa etária em 2023 ser entre os 30 e os 49, como mostra na fig.39. Os fatores mais alarmantes que estes detentos passam nos estabelecimentos prisionais estão relacionados com a alimentação e as condições desumanas em alguns dos espaços.

Apesar de não haver dados concretos sobre a taxa de reincidência em Portugal, a Reshape³⁵ estima que esse valor esteja perto dos 60%, ou seja, mais de metade da população que esteve anteriormente encarcerada, voltam a cometer crimes. No entanto, o documentário realizado pela Linha da Frente³⁶ a 15 de maio de 2025, demonstra que existe 30% de reincidência na população juvenil, representando metade da percentagem de adultos. Esta diferença de taxas sugere que as intervenções antecipadas com os jovens inseridos em programas socioeducativos e apoio psicológico, bem como uma menor taxa de ocupação nestes espaços de reintegração, mostram ser mais eficazes e contribuem para uma menor probabilidade de reincidência.

Assim, a sobrelotação não é apenas um indicador quantitativo da população prisional, mas um dado qualitativo essencial para compreender como a cela é – ou deixa de ser – um verdadeiro espaço de habitar.

³³ Relatório Anual de Segurança Interna

³⁴ Pessoas que não podem ser diretamente responsáveis pelos seus atos criminais.

³⁵ A Reshape é uma organização que investiga e defende uma reabilitação digna dos que estão e já estiveram nos estabelecimentos prisionais.

³⁶ Programa da RTP1. Título “Eu Devia Estar na Escola” transmitido a 12 de maio de 2025.

“(...) talvez devamos inverter o problema e nos perguntar para que serve o fracasso da prisão; qual é a utilidade desses diversos fenómenos que a crítica, continuamente, denuncia: manutenção da delinquência, indução em reincidência, transformação do infrator ocasional em delinquência.” (Foucault, 1999, p.299)

Estruturalmente, a cela é projetada segundo os critérios legais vigentes, de modo a intensificar a vigilância e a disciplina, como Foucault ilustra na sua obra *Vigiar e Punir* (1999). O autor reforça ainda, em *Olhos do Poder* (1998, p.106), que:

“A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório.”

Roberto Machado (citado por Foucault, 1998) identifica três mecanismos fundamentais da disciplina nomeadamente: a organização do espaço, o controlo do tempo e a vigilância constante. Primeiramente, explica que a disciplina funciona como uma distribuição das pessoas em espaços bem definidos, sendo estes divididos e classificados para diferentes fins. Em segundo lugar, a disciplina regula o tempo, no sentido de não focar apenas o resultado nas ações, mas no seu desenvolvimento e eficiência. Por fim, a vigilância constitui um instrumento essencial de controlo, sendo eficaz não pela sua visibilidade, mas pelo facto de ser percebida como permanente e constante.

A prisão serve, na teoria, que os reclusos cumpram pelos seus atos através do isolamento, seguindo de apoio devidamente estruturado para a reabilitação e, idealmente, regressem à sociedade sem possíveis reincidências. Contudo, apesar da cela ser caracterizada como um bem punitivo e disciplinar, esta não deixa de ser um espaço de habitar, na medida em que é onde o indivíduo privado de liberdade, em algumas prisões, passa maior parte do seu tempo – a dormir, a refletir, por vezes a comer, ou simplesmente a existir.

Embora a cela disponha dos mínimos imprescindíveis para uma rotina diária – assim como um quarto comum no quotidiano –, é simultaneamente uma habitação provisória. No entanto, esta é projetada de forma a valorizar o controlo através das grades para garantir a visibilidade contínua do indivíduo, e a organização espacial para impedir qualquer tentativa de fuga.

Mesmo neste ambiente restrito, o recluso não deixa de exercer a sua necessidade de apropriação do espaço, tentando recuperar os valores que lhes foram tirados ao entrar na prisão. Pequenos gestos - como a afixação de ilustrações ou fotografias nas paredes, ou a forma de organização de certos objetos - testemunham a urgência do ser humano em transformar um local de sobrevivência num espaço de existência. É essa capacidade de personalização, por mais discreta que seja, que revela a resistência da própria identidade.

“O homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente ocupar um alojamento.” (Heidegger & Krell, 1977, p.324)³⁷

Para Heidegger, habitar não significa apenas ocupar fisicamente um lugar, mas a estabelecer-se no espaço construído onde o ser humano se relaciona com o mundo à sua volta, ainda que se possa pensar que primeiro é preciso contruir para depois habitar - “Habitar e Construir estão na relação de fim e meio” (Heidegger & Krell, 1977, p.324)³⁸. Esta visão separa artificialmente duas dimensões que, na verdade, estão inteiramente ligadas, na medida em que o ato de construir já abrange um modo de habitar, pois ao moldarmos o espaço, estamos também a moldar a forma como nos relacionamos com ele, portanto, só é possível habitar o que pode ser construído.

“Construir já é em si mesmo habitar.” (Heidegger & Krell, 1977, p.324)³⁹

Neste sentido, a forma como a cela é concebida no ponto de vista arquitetónico, influencia diretamente a experiência existencial do recluso, uma vez que os elementos espaciais ajudam a criar rotinas, percepções e maneiras de ser. Assim, a experiência de habitar a cela pode não só reforçar ou fragmentar a identidade do indivíduo, como também atuar como uma motivação para a transformação pessoal.

³⁷ Original: “He inhabits them and yet does not swell in them, if to dwell means solely to have our lodgings in them”.

³⁸ Original: “Dwelling and building are related as end and means”.

³⁹ Original: “to build is in itself already to dwell.”

No despacho n.º 5863/2015, de 2 de julho publicado pelo DR, as celas no estado português em regime comum não deverão ser menores que 6m² no caso de alojamento individual e 8m² caso se trate de espaço coletivo.

Abaixo é considerada uma cela standard com cerca de 6,80m² que dispõe dos elementos necessários e dimensões mínimas do Artigo nº4 do mesmo despacho:

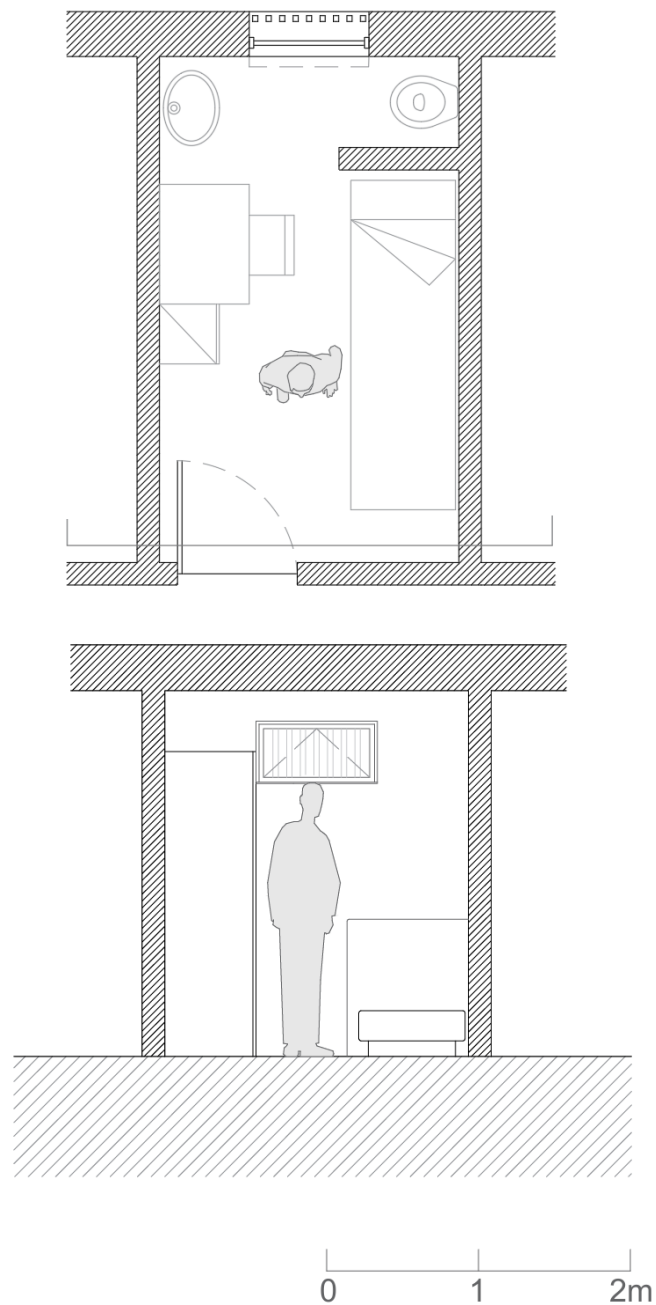


Fig. 41 – Planta e corte de uma cela standard em Portugal (esc:1:50)

A cela-tipo projetada, com uma dimensão de 3,50m x 2,00m, respeita as regras mínimas previstas no Regulamento em vigor para o alojamento de celas individuais nos estabelecimentos prisionais de Portugal. Ao analisar o interior carcerário e os elementos que compõem este espaço, torna-se evidente a falta de manobra que um recluso tem para se movimentar - principalmente quando este passa maior parte do tempo neste espaço - sendo pensado apenas para garantir o mobiliário essencial. A cama, por exemplo, é constituída por maciço em betão com 2,40m x 0,70m de dimensão e 0,30m de altura, ocupando uma parte significativa da cela e limitando ainda mais a liberdade de circulação.

A janela, embora se torne possível com os requisitos mínimos aplicados de 0,35m² e colocada a uma altura mínima de 1,80m acima do pavimento, está protegida pelo gradeamento que afeta de certa forma a luz natural suficiente para o interior.

A privacidade durante a higiene pessoal revela-se insuficiente, uma vez que a divisão da retrete está resguardada por uma baia de 0,90m de altura, o que não garante o recolhimento visual nem a dignidade do ato. Este cenário expõe o indivíduo a uma constante sensação de vigilância e desconforto, acentuado pelos odores onde por vezes nem sequer existe qualquer separação, como ilustrado na figura 41.

Ainda que o regulamento preveja a presença de alguns objetos pessoais – nomeadamente livros, peças de roupa, artigos religiosos, alimentos e aparelhos de multimédia limitados – o uso de cortinas ou comandos de iluminação são proibidos, revelando o elevado grau de controlo a que o indivíduo está sujeito. A apropriação do espaço é deveras condicionada uma vez que é necessário algum investimento para atender aos objetos permitidos por lei no interior da cela.

A presença de superfícies duras – o betão maciço no mobiliário, a chapa de ferro da porta e o aço inox das peças sanitárias – acentua uma atmosfera austera do alojamento, transmitindo uma sensação de rigidez no ambiente habitado. Estes materiais, escolhidos pela sua durabilidade e resistência ao fogo, eliminam qualquer traço de conforto ou humanidade, transformando o espaço num cenário de contenção, onde o *corpo dócil*⁴⁰ é constantemente submisso e controlado sobre o meio que habita.

Neste contexto, sendo possível uma pessoa privada de liberdade passar maior parte da sua rotina neste espaço reduzido é confrontar-se com a realidade de uma habitação sem lugar para o corpo refletir, para o pensamento fluir no caminho certo ou uma

⁴⁰ Conceito de Michel Foucault na obra “*Vigiar e Punir*” no qual refere que o corpo é controlado pelas práticas disciplinares, tornando-se um alvo submisso.

organização mais livre. A cela, enquanto espaço arquitetónico carcerário, deixa de ser apenas um lugar físico e torna-se num parâmetro de condições mínimas para que seja possível garantir o mobiliário imposto, sem atender ao impacto psicológico e sensorial que o habitante deste espaço possa lidar.



Fig. 42 e 43- Quarto num espaço correccional na Suíça, 2006, Peter Schulthess

Fig. 44- Quarto no Estabelecimento de Santa Cruz do Bispo (feminino), 2017, The portuguese prison photo project



Fig. 45 e 46- Cella na Penitenciaría de Lisboa, 2024

Fig. 47- Espaços de reclusão do EP de Lisboa, 2017, The portuguese prison photo project

III |

Casos de estudo

3.1. Referências

A arquitetura não é apenas a construção de edifícios funcionais. A premissa de qualquer projeção é procedida por uma etapa de estudo prévio, fundamentada por uma inspiração, seja ela de natureza tangível ou abstrata. Esse ponto de partida apenas influencia a metodologia e os instrumentos imprescindíveis no estudo preliminar, possibilitando que a investigação se desenvolva de forma dialética, em constante diálogo entre a teoria e prática, culminando, por fim, uma configuração final própria.

No meio prisional, esta relação é particularmente significativa, uma vez que o espaço edificado compromete de forma direta o comportamento dos indivíduos, mesmo quando os efeitos dessa influência não são imediatamente perceptíveis.

Assim, os casos de estudo selecionados não são apenas limitados à análise formal dos edifícios prisionais, mas que revelam uma dicotomia entre a restrição e a potencialidade humana. A arquitetura de espaços de reclusão revela uma relação complexa entre a restrição física e a procura por transcendência, seja ela social ou espiritual.

Para evidenciar a diversidade e as distintas abordagens na concepção de espaços prisionais, foram selecionados três casos de estudo representativos que ilustram diferentes formas de habitar em contextos espaciais limitados. Numa fase inicial da investigação, procedeu-se à recolha e análise de diversos exemplos de arquitetura prisional, com o objetivo de construir uma base comparativa sólida. Esta seleção abrangeu contextos distintos na União Europeia, incluindo Portugal, permitindo assim observar de que forma a experiência do encarceramento — e o modo como o indivíduo habita o espaço — tem evoluído em função de fatores culturais, sociais e arquitetónicos específicos a cada país.

Ao longo dos últimos dois séculos, os edifícios prisionais foram concebidos com base em princípios de simetria, refletindo uma procura constante por novas abordagens arquitetónicas que promovessem simultaneamente a disciplina e a reabilitação dos reclusos. Após a análise teórica realizada, torna-se mais evidente como determinados elementos arquitetónicos típicos das prisões encontram paralelos em espaços não destinados ao encarceramento, revelando uma certa apropriação simbólica dessas formas.

O primeiro exemplo paradigmático é o muro. Nos estabelecimentos prisionais, este elemento assume a função de impedir a fuga, garantindo o isolamento e o controlo do espaço. Contudo, estruturas semelhantes são também utilizadas em contextos como fortalezas militares, onde o objetivo é o oposto: impedir a entrada de inimigos e manter uma vigilância eficaz do exterior. Trata-se, portanto, de uma aparente contradição — dois contextos distintos que, através da arquitetura, recorrem a um mesmo elemento para garantir segurança e controlo, ainda que em sentidos inversos.

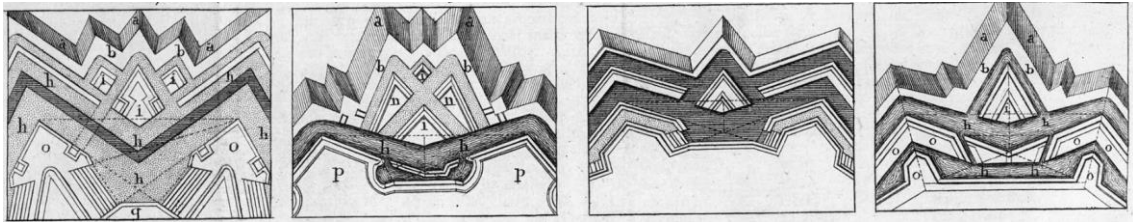


Fig. 48- Fortificações

Como analisámos anteriormente, o estudo de novas tipologias prisionais influenciou não só o desenvolvimento do espaço prisional, como também teve repercussões em outras tipologias arquitetónicas, nomeadamente os hospitais.

Alguns dos hospitais eram referenciados pelos sistemas prisionais, pois tinham espaços separados por tipo de doença, tal como as prisões dividem por categoria de crime. O *hotel Dieu* (hospital), construído por *Antoine Petit* em 1774, era dividido por alas, onde o pátio era murado e a vigilância era constante. A sua forma era projetada como referência às prisões da época.

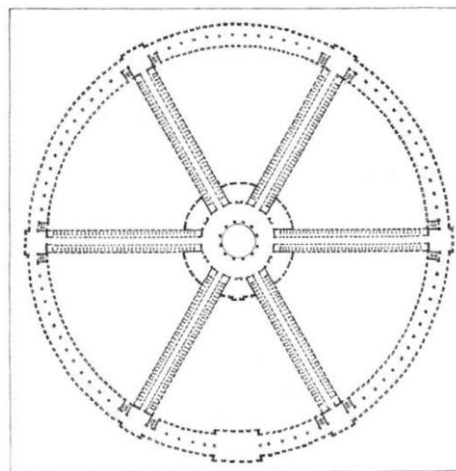


Fig. 49- *Hotel Dieu* (hospital), 1774

Por sua vez, os sanatórios, também bastante comuns na época devido à limitada compreensão científica e terapêutica de certas doenças, eram geralmente implantados em zonas isoladas, frequentemente em áreas montanhosas. Esta escolha tinha como finalidade proporcionar acesso ao ar puro do campo e, simultaneamente, afastar os doentes da população urbana. Ainda que com uma função distinta aos estabelecimentos prisionais, a lógica de confinamento e separação permanece presente, demonstrando como certos conceitos arquitetônicos associados ao encarceramento se expandiram para outras tipologias, particularmente as relacionadas à saúde mental.



Fig. 50- Sanatório das Penhas da Saúde

Numa perspectiva mais particular, as celas monásticas dos conventos e mosteiros foram das primeiras a ser concebidas para uso individual, um princípio posteriormente utilizado na arquitetura prisional como meio de promover a disciplina e remissão. Estes espaços religiosos partilhavam também de corredores longos e estreitos, pois o propósito era a contemplação e introspeção.

Tradicionalmente desenhadas com dimensões reduzidas, as celas monásticas refletiam uma vida simples e humilde, reforçando o foco na espiritualidade. No entanto, os monges partilham a vida em comunidade e procuram transmitir um ideal de simplicidade, fundamentado nos ensinamentos bíblicos que valorizam a disciplina e o enclausuramento voluntário como caminho para a elevação espiritual.

O *Convento de Gensterbloem*, localizado na Bélgica, foi um espaço dedicado à Comunidade Franciscana Feminina, representando um exemplo relevante da arquitetura monástica aplicada ao quotidiano religioso feminino durante o século XX.

O convento medieval visava retirar o espaço privado e reduzir as distrações materiais com o objetivo de promover e aprofundar a vida espiritual. A simplicidade da cela e a posse de bens mínimos favoreciam a meditação, enquanto os rituais complexos — envolvendo objetos preciosos, encenações simbólicas e momentos de oração, resposta e música coletiva — celebravam a primazia do espiritual sobre o mundo material, refletindo um equilíbrio entre a vivência individual e a dimensão comunitária.



Fig. 51- Convento de Gensterbloem, urbex

No decorrer da história dos modelos prisionais, estes foram fortemente influenciados pelas referências anteriormente mencionadas. No entanto, com a transformação do paradigma social e tecnológico, começam a ser abordados novas classes de valores, priorizando o bem-estar e a reintegração.

Não obstante a dificuldade inerente ao abandono de práticas passadas, a implementação de novos instrumentos de apoio à reabilitação é, de facto, imprescindível. Tais instrumentos devem fundamentar-se nos ensinamentos legados pela experiência pretérita, integrando, simultaneamente, os valores que regem a contemporaneidade.

Os casos de estudo analisados vão de encontro a três exemplos emblemáticos que sintetizam a evolução dos conceitos arquitetónicos nos espaços onde o confinamento é fundamental, consistindo na interseção entre passado, presente e as perspetivas futuras, nomeadamente a Fortaleza de Peniche, o Convento de La Tourette e a Prisão de Halden.

Esta comparação permitirá uma análise comparativa e estratégica entre três abordagens que revelam funções distintas - nomeadamente prisional de carácter militar, a espiritual e a prisional contemporânea.

As diferentes interpretações do conceito de enclausuramento desenvolvidas ao longo de meio século refletem-se nas diversas formas de compreender e aplicar o sentido de isolamento e a disciplina. Ainda que orientadas por objetivos distintos, todas estas abordagens partilham uma característica essencial: constituem espaços para serem habitados pelo ser humano.

Nesse sentido, constituem exemplos significativos na procura de um modelo arquitetónico que permita uma transição mais natural entre a vida em sociedade e a experiência de reclusão, contribuindo assim para uma visão mais humanizada e integrada no meio prisional.

3.1.1. Fortaleza de Peniche

“Este museu é uma grande lição de história. No fundo dá a conhecer os milhares de pessoas que lutaram, que viram as suas vidas sacrificadas.” – Ex-presidiário, José Pedro Soares



Fig. 52- Museu Nacional Resistência e Liberdade, Peniche, 2024

A cadeia do Forte de Peniche (1934-1974) foi assumida como um dos mais marcantes símbolos da repressão política em Portugal, onde passaram mais de 2600 presos. A história da cadeia reflete as múltiplas funções que a Fortaleza foi assumindo ao longo do tempo, destacando-se como um espaço emblemático da memória portuguesa.

Inicialmente, foi mandado construir o Baluarte Redondo da Fortaleza em 1557 por D. João III. Mais tarde, em 1572, procedeu-se ao início de construção por D. Manuel I e foram concluídas em 1645 no mandato de D. João IV com a finalidade de um forte marítimo, um dos maiores da costa portuguesa. (Almeida, 2005)

Entre 1868 e 1917, a fortaleza acolheu refugiados provenientes de diversas partes do mundo, transformando-se num abrigo em tempos de instabilidade devido às diversas revoluções. Em 1934, o lugar foi reconvertido num estabelecimento prisional destinado à detenção de presos políticos que se opunham ao regime ditatorial do Estado Novo, tornando-se, com o tempo, num dos mais simbólicos instrumentos de repressão política em Portugal baseado na “violência física e psicológica, e na destruição psíquica e moral dos presos”. (Museu Nacional Resistência e Liberdade, Peniche, 2024)

Poucos anos depois, em 1938, o edifício foi reconhecido pela sua importância histórica e arquitetónica, tornando-se assim, Monumento Nacional. Já em 1953, iniciaram-se obras em grande escala para a implementação de um novo modelo prisional pelo arquiteto Rodrigues Lima e aprovada pelo regime como uma penitenciária de alta segurança, ainda que, em 1960, se tenha dado a fuga coletiva que Álvaro Cunhal participou. (Rosas, 2014)

Com a Revolução do 25 de Abril de 1974, deu-se finalmente a libertação dos presos políticos, marcando o fim de uma era de opressão política. Em 1977, a Fortaleza ainda serviu como acolhimento humanitário de refugiados, tendo recebido mais de 500 famílias até 1982, e atualmente funciona como Museu Nacional Resistência e Liberdade.

Durante a Revolução em Portugal, havia três prisões principais para os opressores ao regime, nomeadamente a do Aljube, em Lisboa, o Forte de Caxias e o Forte de Peniche. Estes estabelecimentos não eram apenas centros de detenção, pois funcionavam como verdadeiros centros de repressão, onde os indivíduos que se opunham ao regime, eram frequentemente alvo de tratamentos desumanos, numa tentativa de silenciamento. Fora do continente, havia ainda a Fortaleza de Angra do Heroísmo, nos Açores, que funcionava igualmente como um espaço prisional do regime, e os campos de concentração em Cabo Verde, Angola, Moçambique e Timor.



Fig. 53 e 54- Vista aérea e muralha, 1992

A prisão do Forte de Peniche foi concebida como um estabelecimento de alta segurança, na medida em que pudessem cercar os opositores ao Estado Novo. Inserida numa estrutura fortificada, junto do mar, a prisão de sistema militar refletia um regime disciplinar rígido, onde o ambiente físico e as condições de vida refletiam a brutalidade institucionalizada do regime.

No interior da muralha entre os anos de 1930 e 1940, “as condições prisionais eram terríveis, abundando os ratos, as baratas, os percevejos, as pulgas e até galinhas, num ambiente de imundice generalizada. A assistência médica e a alimentação eram ambas deficientíssimas.” (25 de Abril, 2014)

Os blocos prisionais A, B e C situavam-se separadamente do bloco D, no qual era nomeado de «o segredo» no Fortim Redondo, além de outras dependências como o Parlatório, a casa de água e as celas disciplinares. Estes blocos integraram o projeto do arquiteto Rodrigues Lima da nova prisão de alta segurança que demorou cerca de dez anos para entrar em total funcionamento.

A partir de 1950, o projeto passou por um processo contínuo de transformações, refletindo mudanças nas intenções programáticas e nas exigências funcionais, já que, no relatório elaborado por Roberto Pinto nesse mesmo ano identificou “deficientíssimas instalações sanitárias, ausência total de arrumação para roupas, tosco imobiliário (...)” (Carmona, 2021, p.2). O estabelecimento também não possuía uma zona de serviços clínicos, sendo os únicos cuidados de enfermaria feitos num local improvisado ou nas camas dos reclusos.

De modo geral, os presos em regime celular permaneciam encerrados nas suas celas durante a maior parte do dia, totalizando cerca de 20 horas. As saídas autorizadas eram limitadas a ocasiões muito específicas. No recreio - apenas autorizado em dias sem chuva - podiam praticar atividades e jogos, bem como caminhar ou lavar e estender a roupa.

“O recreio era uma pequena pausa no martírio, mas mesmo aí havia regras rígidas. No pátio, éramos obrigados a andar em círculo, sem poder parar ou conversar. As paredes altas dos blocos impediam qualquer visão do exterior, reforçando a sensação de isolamento total.” - Carlos Costa, ex-recluso

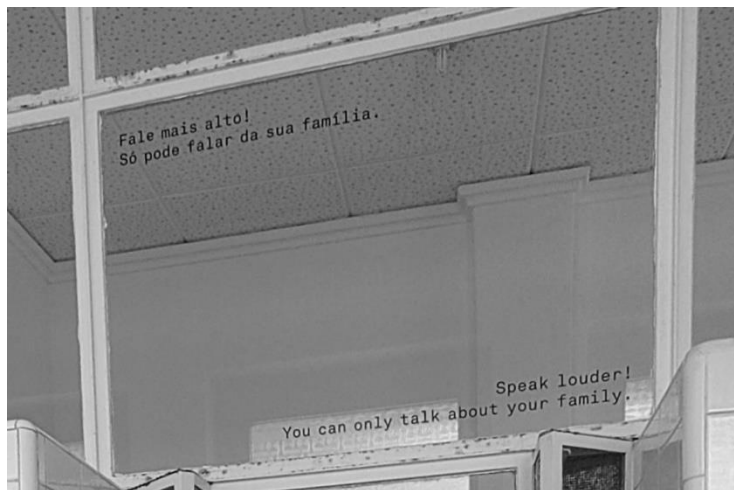
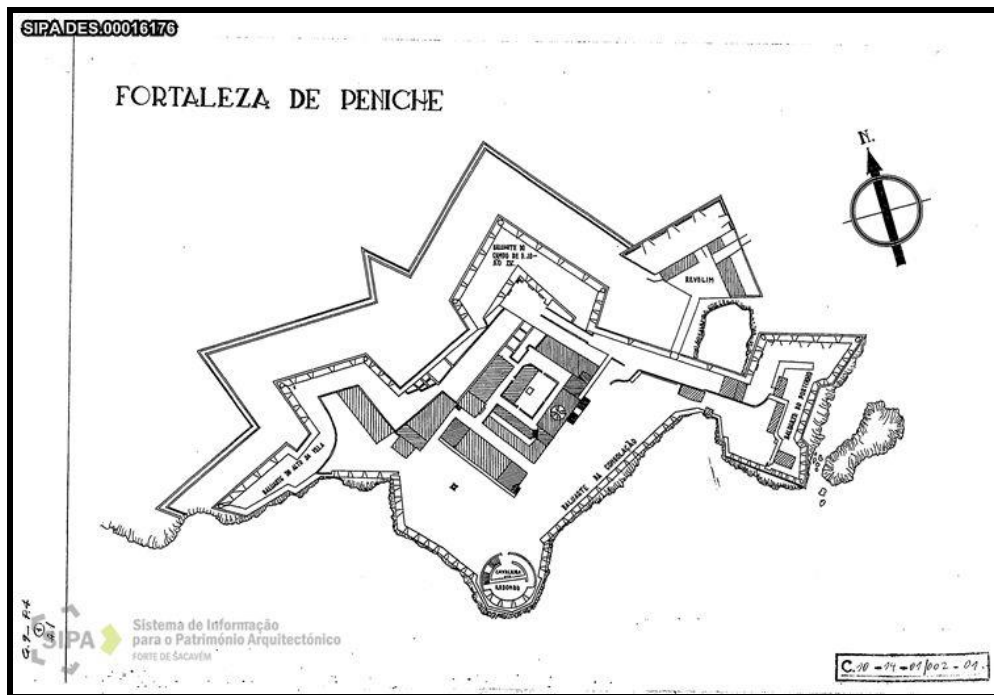


Fig. 55- Planta geral da Fortaleza de Peniche
 Fig. 56 e 57- Parlatório, 2024

A ida ao refeitório era feita três a quatro vezes ao dia e a sala de convívio, com mesas e cadeiras, onde apenas quatro pessoas se podiam sentar por mesa, sem a possibilidade de trocar de lugar ou comunicar com indivíduos de outras mesas, juntando o facto das conversas serem muito restritas.

A rotina era baseada nos mais de 40 apitos dos guardas. “Havia apitos para levantar, apitos para sentar, apitos para sair da cela”. (25 de Abril, 2014)

3.1.1.1. Parlatório

O parlatório era o espaço da prisão onde os presos em regime celular recebiam as visitas de familiares e amigos. O local era pensado de forma a impossibilitar qualquer contacto físico, contendo um vidro até ao teto que fazia essa separação. Estes tinham de comunicar muito alto para que os guardas atrás de cada preso pudessem ouvir, e só podiam falar de assuntos familiares. Se um guarda interrompesse a conversa, o que acontecia com alguma regularidade, significava que o preso iria receber punições que ia desde a suspensão de visitas ou proibições dentro da Fortaleza. (Museu Nacional Resistência e Liberdade, Peniche, 2024)

3.1.1.2. Blocos

O bloco A era composto por dois pisos e destinava-se a salas coletivas. Servia de 1 copa, 1 cantina, 4 dormitórios e instalações sanitárias. “Em cada piso existem uma camarata para 5 presos, com dimensões de 4,90x4m e 3 camaratas de 8x5m com capacidade de 11 presos.” (Carmona, 2021, p.12)

O bloco B, concluído em julho de 1961, era constituído por três andares separadamente, na medida em que os presos não tinham qualquer contacto entre pisos, e era destinada a regime celular com 42 ao todo, sendo que quatro dessas celas eram individuais em cada piso.

O bloco C foi o que sofreu mais alterações. Foi o primeiro a ser concluído, mais precisamente em 1956 e ficou destinado aos que pegavam penas mais longas. O edifício continha três pisos, sendo que no piso térreo albergava celas coletivas, no segundo piso estavam situados os serviços clínicos e o último com a ala de alta segurança, totalizando uma lotação para 29 indivíduos.

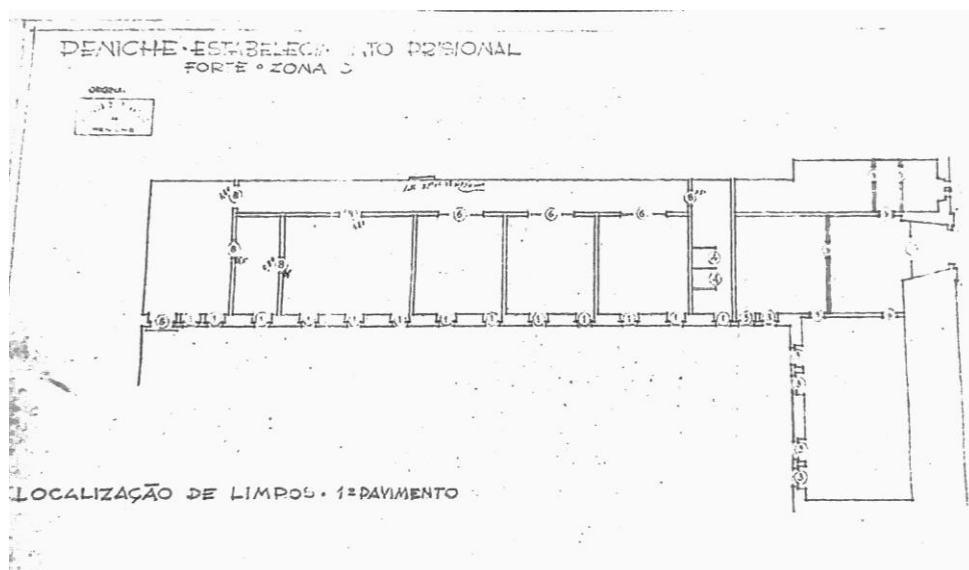


Fig. 58- Planta do bloco C

Fig. 59- Corredor do bloco C, 2024

Fig. 60- Janela do corredor do bloco C, 2024

O rés-do-chão era constituído por “uma copa, 1 refeitório, 3 camaratas (com uma dimensão de 4,90mx4,57m) de 6 presos cada, 1 arrecadação, sanitários e balneários.” (Carmona, 2021, p.4)

No piso a seguir, estão implantados os serviços clínicos que dispõe de um posto de socorros, um local para armazenar os medicamentos, uma enfermaria com lotação para 6 presos, uma sala de apoio, instalações sanitárias e um espaço reservado ao diretor. (Carmona, 2021)

Já o último piso servia a parte do refeitório, 8 celas individuais ao longo do corredor com cerca de 4,00mx2,50m, uma biblioteca e instalações sanitárias com balneários. No fundo do corredor havia outra zona, em forma de T, com mais 4 celas individuais (atualmente estão apenas 3 apresentadas possivelmente após a fuga de 1960) que continham um chuveiro e retrete cada uma. (Carmona, 2021)

Sendo o Bloco C concebido como um espaço de alta segurança, apresentava particularidades que o distinguiam dos restantes edifícios. O chamado “olho de judas” era uma pequena abertura nas portas das celas que possibilitava aos guardas de observar os reclusos de forma discreta, tendo a perceção da constante vigilância. Este mecanismo permitia manter um controlo mais eficaz sobre os detidos, reforçando a vigilância sem que estes tivessem plena consciência de estarem a ser observados, o que contribuía para um ambiente de tensão e constante insegurança psicológica.

“O bloco C era uma prisão dentro da prisão. Ali, o isolamento era absoluto. As celas eram frias, húmidas e praticamente sem luz. Só ouvíamos o barulho do vento e o som distante do mar a bater nas muralhas.” José Casanova, ex-recluso

Em relação à cor das celas dos blocos, esta mostra-se atualmente como branca. Porém, Vanessa Rodrigues que operou como arqueóloga no Museu, conta que nem sempre teve essa tonalidade. A cor chegava a ser mais intensa nos corredores que era pintado com castanho-escuro e alguns espaços com verde-escuro ou azul, e cores mais suaves em espaços mais pequenos, como o uso do bege e o rosa. (Rodrigues)

Era expressamente proibido que os reclusos se aproximassem das janelas que continham vidros fumados e grades, sendo essa uma regra rigorosamente vigiada pelas autoridades prisionais. Não havia a entrada suficiente de claridade e nem sequer a existência de luz artificial. Antes dos reclusos irem dormir, entregavam-lhes uma manta e um colchão no qual tinham de ser dados de volta ao amanhecer.



Fig. 61- “Olho de Judas”

Fig. 62 e 63- Cella do bloco C, 2024

Os dejetos eram feitos num balde no interior das celas, o que contribuía para um forte odor naquele ambiente, especialmente em tempos de verão. Os banhos eram realizados apenas uma vez por semana, em instalações velhas que eram chamados de balneários, o que mostrava uma falta de higiene e desumano a que os reclusos eram sujeitos.

As celas individuais eram fechadas a quatro paredes, apenas com uma porta de chapa de um lado e uma janela com vidros foscos do outro. No interior estava disposta com um armário de uma porta estreita, uma cama com alguma arrumação com cima, o balde para os dejetos com uma meia parede a separar a fim de terem o mínimo de privacidade durante esse momento, um lavatório e uma mesa com uma cadeira. (Moreira, V. 2018)



Fig. 64 e 65- Cella disciplinares, 2024

3.1.1.3. Espaços disciplinares

A zona da solitária no qual os presos denominavam como «segredo» ou «castigo» eram celas disciplinares ligadas à tortura e punições, tanto psicológicas como físicas quando estes desrespeitavam as regras da cadeia. Estes espaços eram executados em várias subsecções da fortaleza para que ninguém tivesse acesso ao local onde os presos castigados se encontravam e não existisse qualquer comunicação entre eles.

Estes espaços eram normalmente pequenos, escuros e mal ventilados, muitas vezes sem qualquer mobiliário. Os presos políticos podiam ficar ali durante dias ou semanas, dependendo da gravidade da infração, e não tinham quaisquer visitas ou acesso ao espaço do recreio ou de leitura. A comida era geralmente a pão e água e não havia qualquer zona para fazer as suas necessidades. (Carmona, 2021)



Fig. 66 e 67- O lugar das casamatas

3.1.1.4. A casa de água

A casa ou cela de água localizava-se à esquerda do Forte e era uma estrutura isolada que foi convertida como método de punição. Este poço consistia num pequeno espaço estreito onde apenas cabiam os degraus que estavam inseridos na rocha e onde os presos teriam de permanecer no fundo. O funcionamento deste tipo de castigo torna-se mais claro através do testemunho de Saul Gonçalves:

“Era uma espécie de poço existente (...). A humidade escorria pelas paredes e a água acumulava-se no poço. Não existia (...) um chão; o preso permanecia agachado no chão num degrau da escada, e era obrigado a ficar num dos últimos. Lá muito em cima fechava-se a porta e de quando em quando os guardas vinham verificar se o preso continuava no fundo. Um dia, ao ouvir os ferrolhos, percebi que me chamavam para o pequeno-almoço. Mas eu, de cócaras, estava enregelado no degrau de baixo e não consegui levantar-me. Tiveram os guardas de ir lá buscar-me. Içaram-me pelos sovacos.” (Carmona, 2021, pp. 7-8)

3.1.1.5. As casamatas

As casamatas, abrigos militares destinados à proteção e defensiva da Fortaleza, foi durante muito tempo um espaço de cavaliças ou de armazém, até ter sido adaptada a uma cela disciplinar. O único pavimento era a pedra de cascalho, a ventilação era insuficiente e a única abertura de vão era no topo com uma claraboia, sendo a única entrada de luz para o interior.

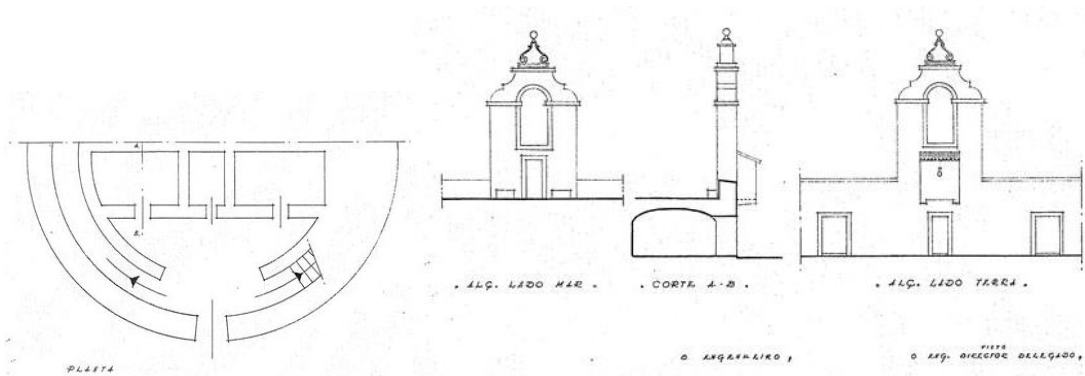


Fig. 68 e 69- Fortim Redondo, 2012
 Fig. 70 e 71- Desenho técnicos do Fortim Redondo

3.1.1.6. O «segredo» ou «castigo»

O «castigo» situado no Fortim Redondo, foi o espaço que mais funcionou para as punições. O denominado bloco D localiza-se de forma isolada em relação aos restantes departamentos, destinado a reclusos que eram punidos. Este encontrava-se “separado do pátio da cisterna por um muro alto e abrangia a cozinha, a zona de preparação de alimentos, lavandaria e outras dependências dos serviços internos da cadeia. Nessa zona, fechada por muros e um grande portão, ficavam as duas celas disciplinares anexas ao acesso das casamatas.” (Carmona, 2021, p.21)

As celas ficavam por baixo da torre sineira e tinham uma área com cerca de 8m², sem qualquer abertura de vãos e pavimento cimentado (outrora de terra batida antes das alterações) e as paredes eram cobertas de humidade, talvez pela presença ao lado do mar e a falta de sistema de ventilação. As celas eram fechadas por uma porta robusta de madeira e reforçada por uma estrutura de ferro com uma vigilância constante por parte dos guardas. (Carmona, 2021)

Durante o dia, os detidos eram forçados a permanecer de pé ou, em alternativa, sentavam-se no chão frio e húmido. A entrega de mantas para dormir durante a noite era feito da mesma forma dos demais indivíduos e a comida era consumida sem qualquer luz, dando à pessoa a incógnita da condição dos alimentos. As únicas interrupções a que eles tinham direito ocorriam duas vezes por dia, para que despejassem os dejetos dos baldes no mar, o que lhes possibilitava de apanhar um pouco de ar fresco e luz solar.

Ao longo da estadia nestas celas, os presos políticos não tinham acesso aos seus pertences pessoais e eram impedidos de tomar banho ou barbearem-se, e podiam permanecer algemados durante o dia. No decorrer da noite, estes também eram acordados duas vezes durante a noite para que os guardas confirmassem as suas presenças. (Carmona, 2021)

3.1.2. Convento de la Tourette

“A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz.”

– Le Corbusier



Fig. 72- Convento de la Tourette

Situado em *Eveux-sur-l'Arbresle*, Lyon, o Convento de Sainte-Marie de la Tourette é considerado uma das obras mais emblemáticas da Arquitetura do século XX. Começou a ser projetada por Le Corbusier em 1953, sendo entregue à comunidade dominicana em julho de 1959.

O projeto foi influenciado por duas visitas importantes de Le Corbusier: à *Chartreuse de Ema*, em Itália de 1907, e ao mosteiro cisterciense de *Le Thoronet*, em França, em 1953. Essas experiências marcaram o arquiteto, que incorporou as qualidades desses espaços no desenho do convento. (Virtudes, 2015)

Em 1970, o convento deixou de acolher estudantes, levando a Ordem Dominicana a considerar a sua venda. No entanto, o edifício foi preservado e continuou sob a responsabilidade da Ordem. Em 2006, pela responsabilidade do arquiteto *Didier Répellin*, começaram as obras para o restauro do Convento de La Tourette, que se estendeu até 2013.

Como qualquer convento ou mosteiro, o princípio baseia-se na centralidade, normalmente estruturada à volta de um claustro. No entanto, este projeto é reinterpretado com duas aberturas, fazendo a separação entre o volume da igreja e o convento. (Virtudes, 2015)

Le Corbusier concebeu o edifício para se situar nos subúrbios da comuna rural, *Eveux* – onde escolheu o ponto mais elevado do monte *Turdine* – com o intuito de encontrar natureza que garantisse alguma paz e isolamento “para estar intimamente ligado a Deus”. (Vélez, 2023, p.28)

Inserido numa propriedade de 70 hectares com um declive acentuado, o edifício tira partido do terreno onde estão implantados dois pisos recuados abaixo da cota de soleira da entrada principal, sustentados por pilotis. Ao redor, é possível observar uma floresta densa com acessos pedonais e pontos históricos, e uma área agrícola envolvente que contribuem para o isolamento e a serenidade pretendidos pela comunidade dominicana.

“O importante é ter ideias, registar o impulso de uma intenção de criar uma abstração que contém uma enorme quantidade de ideias...” (Corbusier, citado por Aizpún, 2016, p.21) ⁴¹

⁴¹ Original: “Lo importante es tener ideas, registrar el impulso de una intención para crear una abstracción que contenga una enorme cantidad de ideas...”



*Fig. 73- Vista do Convento de la Tourette
Fig. 74- Entrada principal do convento “Caixa dos milagres” com o Modulor*

Apesar de não se considerar católico, Le Corbusier procurou alcançar a espiritualidade através da arquitetura modernista. Ainda assim, respeitou as funções essenciais de um convento e manteve os elementos fundamentais dos espaços monásticos convencionais. O seu objetivo era criar um espaço onde a arquitetura e a religião pudessem ser interligadas, demonstrando que a vida religiosa não precisa de estar limitada aos edifícios medievais, porém demonstrou que é possível ter uma linguagem arquitetónica contemporânea, como é o caso do brutalismo.

Inicialmente, o arquiteto concebeu uma planta quadrada, mas esta foi posteriormente alongada para uma forma retangular, permitindo estabelecer uma ligação mais ampla entre a igreja e o convento que reforça o ambiente espiritual pretendido.

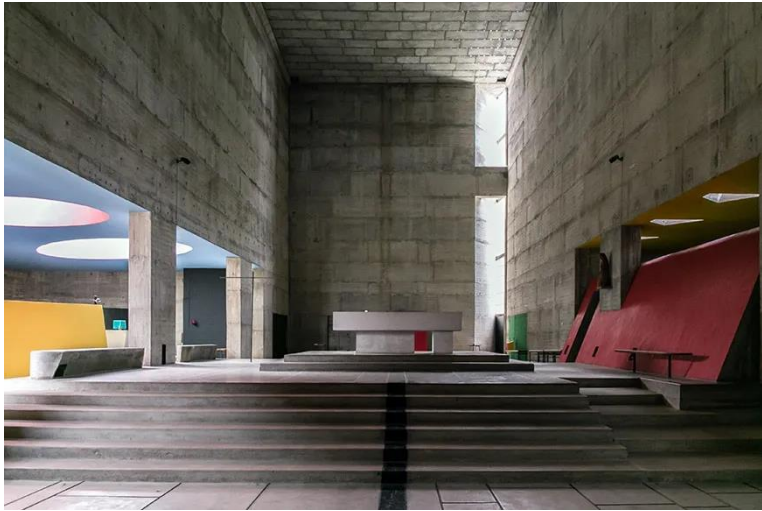
O material predominante em todo o edifício é o betão bruto. A entrada é desenhada na forma de um quadrado – também ele em betão – que fica isolado do edifício em si, marcando a sua principal posição do acesso. (Trevisan, 2012)

Ao entrar nesse momento inicial de entrada, são oferecidos dois acessos para áreas distintas: a igreja ou o convento. Em carta dirigida ao escritor Albert Camus, em 1957, Le Corbusier referiu-se à igreja do convento como uma “caixa de milagres”, destacando a sua forma simples e a intensa atmosfera espiritual que ali se cria, resultado do uso expressivo da luz natural e da materialidade austera do betão bruto:

“Caixa dos milagres’: é um cubo, com o qual são dadas todas as coisas necessárias para fazer milagres, levitação, manipulação, distração, etc. O interior do cubo está vazio, mas a sua mente inventiva enchê-lo-ia com todos os seus sonhos, à maneira dos antigos espetáculos da ‘Commedia dell’Arte’”.
(Vélez, 2023, p.49)⁴²

A igreja do convento apresenta um volume retangular. Este não possui de vãos aparentes no exterior, porém é possível notar dentro do edifício pequenas janelas horizontais. Localizadas na zona destinada ao povo, estas pintadas com amarelo, vermelho e verde que permite uma iluminação controlada, bem como a criação de uma atmosfera mais contida. Na zona do altar, uma abertura vertical percorre toda a altura do edifício, orientada para a luz nascente, acentuando a espiritualidade do espaço.

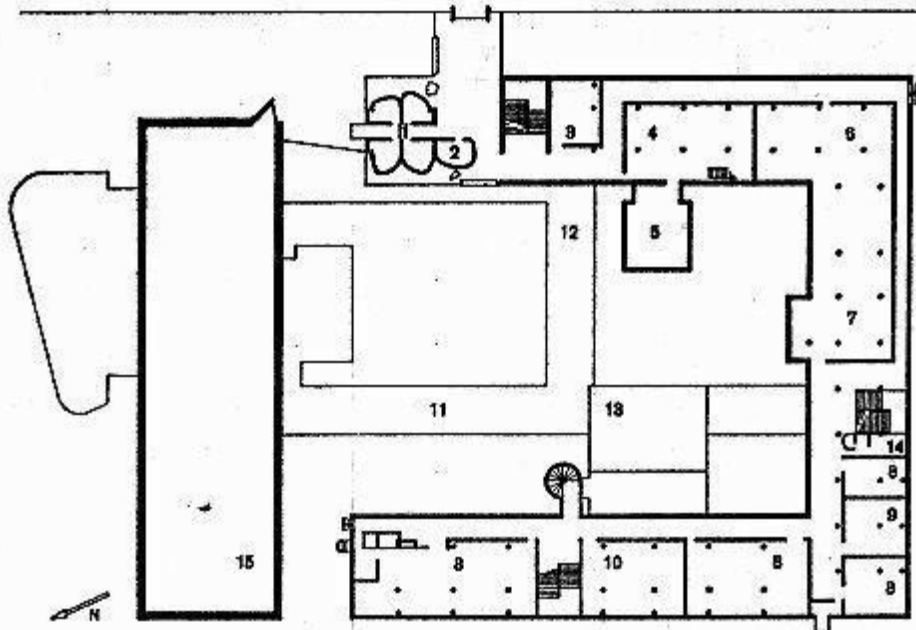
⁴² Original: “Caja de milagros’: es un cubo, con él se dan todas las cosas necesarias para hacer milagros, levitación, manipulación, distracción, etc. El interior del cubo está vacío, pero tu mente inventiva lo llenaría con todos tus sueños a la manera de las antiguas representaciones de la ‘Commedia dell’Arte’”.



*Fig. 75- Altar da igreja; Fig. 76- Área destinada ao público
Fig. 77- Altares secundários; Fig. 78 – Aberturas de iluminação para os altares*

O interior da igreja divide-se entre o espaço reservado aos monges e a área destinada ao público. Encontram-se dois volumes anexados ao corpo principal: a cripta, separada por uma meia parede que permite a circulação da luz e iluminada por três aberturas zenitais; e a sacristia, onde se encontram sete altares. Cada um destes altares era destinado à celebração individual da missa uma vez por dia por cada sacerdote (atualmente encontram-se fora de uso pela revogação do Concílio Vaticano II). Este espaço é iluminado por sete pequenas aberturas inclinadas na cobertura, permitindo a entrada de luz indireta. (Copans, 2002)

O conjunto da igreja organiza-se, assim, na forma de um transepto – planta fortemente utilizada nas igrejas –, e é complementado por uma torre que se eleva sobre o edifício, tendo no topo uma forma retangular orientada de modo a assinalar o eixo norte-sul.



Entrance floor

1 Conversation cells, 2 Porter, 3 Room for the lay-brothers, 4 Common-room for the student brothers, 5 Oratory, 6 Reading-room, 7 Library, 8 Lecture rooms, 9 Common-room for the student brothers, 10 Common-room for the fathers, 11, 12 Cloister, 13 Atrium, 14 WC, 15 Church

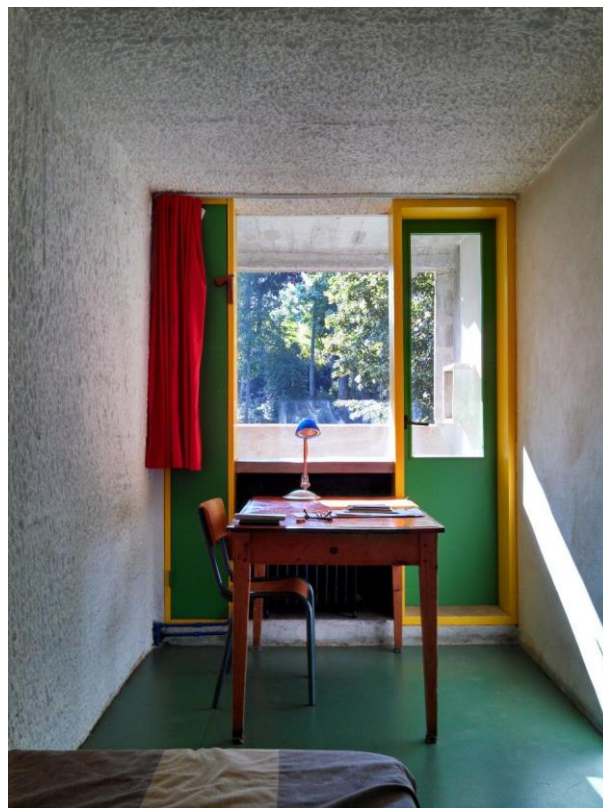


Fig. 79- Planta do piso 0
 Fig. 80- Cella monástica

“Recorrer o espaço é vivê-lo com todo o corpo. É a relação física com ele e as suas dimensões. É a largura e a altura, a materialidade fria e rugosa, lisa ou transparente, a presença ou ausência de luz, a velocidade dos passos incentivada pela própria arquitetura, a obstrução ou libertação da vista.”
(Vélez, 2023, p.101)⁴³

O edifício organiza-se em quatro pisos funcionais. No primeiro piso localizam-se os espaços de uso mais coletivo: a igreja principal, o átrio de entrada, o refeitório, a sala capitular e uma igreja inferior que integra várias capelas.

No segundo piso distribuem-se os espaços dedicados ao estudo e à vida comunitária dos monges, incluindo o salão dos monges, a sala de estudo, a biblioteca, a sala de leitura, a sala comum e o oratório — este último com uma cobertura em pirâmide que se destaca do volume no seu exterior.

Já os dois últimos pisos encontram-se numa zona mais privativa, onde o arquiteto salienta um pequeno afastamento do perímetro exterior do edifício e albergam os espaços privados. Neles estão dispostas cerca de 100 celas monásticas, organizadas ao longo de corredores, assim como as instalações sanitárias e os serviços clínicos.
(Copans, 2002)

Foram construídos 84 quartos para estudantes, com dimensões de 5,92m x 1,83m x 2,26m, e os restantes para professores ligeiramente mais largos, com 5,92m x 2,26m x 2,26m. Cada cela foi concebida para albergar um monge. O espaço é composto por uma secretária, uma cama, um armário e uma pequena varanda. Todo o mobiliário é em madeira, enquanto as paredes apresentam acabamento em chapisco. A cor predominante é o branco, contrastando com o verde aplicado no pavimento e nas caixilharias.

“A disciplina organiza um espaço analítico. E ainda aí ela encontra um velho procedimento arquitetural e religioso: a cela dos conventos. Mesmo se os compartimentos que ele atribui se tornam puramente ideais, o espaço das disciplinas é sempre no fundo, celular.” (Foucault, 1999, p.70)

⁴³ Original: “Recorrer el espacio es experimentarlo con todo el cuerpo. Es la relación física con él y sus dimensiones. Es la anchura y la altura, la materialidad fría y rugosa, lisa o transparente, la presencia o ausencia de luz, la velocidad de los pasos incentivados por la propia arquitectura, la obstrucción o liberación de la vista.”



*Fig. 81- Corredor com as janelas com vista para o pátio; Fig. 82- Vista exterior das janelas horizontais
Fig. 83- Rampas com o átrio no centro
Fig. 84- Janelas inspiradas pelos quadros de Piet Mondrian*

Os corredores têm uma altura de 3,66m e as janelas horizontais com apenas 0,33m de largura, e são posicionadas estrategicamente à altura dos olhos, permitindo uma contemplação visual para o pátio. Entre cada segmento envidraçado, encontram-se pequenos volumes verticais – os monges costumavam chamá-los de “cubinhos de açúcar” – que é possível, deste modo, controlar a luz. (Copans, 2002)

No exterior dos edifícios, foi desenhado um pátio com rampas cobertas, destinadas às procissões dos monges ao longo do convento. Assim, estas rampas – com iluminação natural numa das paredes que deixam entrar luz natural – estabelecem ligações entre os principais espaços do edifício – estão orientadas para a igreja, a entrada principal, o refeitório e a sala capitular, e cruzam-se num átrio interior com uma cobertura inclinada como mostra na figura 83.

O percurso diário do monge, desde a cela até à igreja, adquire uma dimensão simbólica, na medida em que reflete metaforicamente o trajeto dos monges durante a sua vida. Essa mesma caminhada pode também ser vista nos sentidos opostos – a cela que representa o momento de descanso, e a igreja que representa o local de trabalho do monge. São duas faces de uma mesma realidade, entre as quais o monge circula num movimento contínuo de procura pelo equilíbrio.

Desta forma, existem espaços individuais – como a igreja ou a cela monástica e onde se pode meditar, orar e relaxar – e espaços de partilha, como é o caso do refeitório, da biblioteca ou do pátio onde se pode apreciar o tempo a partilhar experiências. (Virtudes, 2015)

As fachadas foram concebidas de forma a estabelecer uma relação entre a arquitetura e a natureza envolvente. Para isso, Le Corbusier recorreu à composição de painéis envidraçados integrados no betão, cuidadosamente desenhados segundo o sistema de proporções do Modulor⁴⁴.

“Fachadas diferentes para funções diferentes.” (Copans, 2002, 12:55min)

As fachadas voltadas para o pátio apresentam janelas com 2,26m de largura e correspondem a espaços como a biblioteca, o refeitório, as salas de estudo e a sala capitular. A disposição geométrica dessas aberturas foi inspirada nos quadrados e retângulos do pintor *Piet Mondrian*, como se observa na figura 84.

⁴⁴ Proporção idealizada por Le Corbusier.



Fig. 85- Vista superior do Convento de la Tourette

As fachadas da sala capitular e o refeitório, em particular, são áreas marcadas pela grande quantidade de iluminação natural, com janelas estrategicamente posicionadas para oferecer vistas abertas sobre o vale. (Copans, 2002)

A cobertura do edifício é plana e ajardinada, permitindo aos monges circular e meditar “entre o céu e a terra”, como descreve Le Corbusier, estando protegida por um parapeito de 1,70m de altura para não tirar o partido de toda a paisagem. (Copans, 2002)

“Tudo aqui é geometria (...). O cubo, a pirâmide, o paralelepípedo, o cilindro e o quadrado permitiram a Le Corbusier criar uma sábia complexidade e infinitas variações sobre a plasticidade da arquitetura.” (Copans, 2002, 22:00min)⁴⁵

⁴⁵ Original: “Aquí todo es geometría (...). El cubo, la pirâmide, el paralelepípedo, el cilindro y el cuadrado permitieron a Le Corbusier crear una sabia complejidad e ifinitas variaciones sobre los placeres de la arquitectura.”

3.1.3. Prisão de Halden

“Uma vida com sentido dentro dos muros tem efeitos duradouros.” – Erik Møller,
Arquiteto



Fig. 86- Fachada da Prisão de Halden

Halden é uma cidade norueguesa localizada junto à fronteira com a Suécia e acerca de 6km da cidade. A paisagem envolvente é marcada por campos de cereais, florestas e criação de gado.

O estabelecimento prisional de Halden, considerada a “prisão mais humanizada do mundo” foi a primeira instituição penal construída na Noruega com base nos direitos humanos surgido após a aprovação em 2007 por uma nova política do Serviço Correcional. Esta abordagem prioriza a reintegração dos reclusos em sociedade através da educação e formação profissional, com o objetivo de facilitar o acesso à habitação e emprego com rendimentos acessíveis ainda antes da libertação.

Inaugurada em 2010, a prisão de Halden foi projetada pelos escritórios *Erik Møller Arkitekter* e *HLM Architects*, vencedores de um concurso internacional em 2001. A instituição com classificação de segurança máxima tem uma capacidade de 251 reclusos do sexo masculino dividida em 227 celas e as outras 24 fora do muro.

O muro perimetral é caracterizado por uma altura de 6 metros e construído em betão liso, simbolizando o principal limite físico da área prisional. Apesar de se tratar de uma prisão de segurança máxima, não apresenta os elementos convencionais associados a esse tipo de instituição, como o arame farpado ou cercas elétricas letais.

O ambiente foi intencionalmente desenhado para evitar um carácter opressivo ou ameaçador, e ainda assim, nunca foi registado uma tentativa de fuga. *Gudrun Molden*, uma das arquitetas responsáveis, afirma que “este castigo, tirar-lhes a liberdade- o sinal disso é o muro, claro”. (Benko, 2015)⁴⁶

Para *além* dos muros da prisão, estendem-se cerca de 5 hectares de árvores de floresta *blåbærsko*⁴⁷, composta por vegetação densa e árvores provenientes do país. Quando questionado sobre o risco de fuga associado a este cenário natural, *Stromnes* afirma:

“se eles subirem, podem sentar-se lá até se cansarem, e depois descem. (...) Nunca ninguém tentou esconder-se lá dentro. Mas se eles fugirem para lá, não vão muito longe- ainda estão lá dentro”. (Benko, 2015)⁴⁸

⁴⁶ Original: “This punishment, taking away their freedom — the sign of that is the wall, of course”.

⁴⁷ Nos países nórdicos, “blåbærskog” referem-se a florestas (geralmente pinheiros) onde crescem mirtilos.

⁴⁸ Original: “if they climb up, then they can sit there until they get tired, and then they will come down. (...) “Never has anyone tried to hide inside. But if they should run in there, they won’t get very far — they’re still inside.”

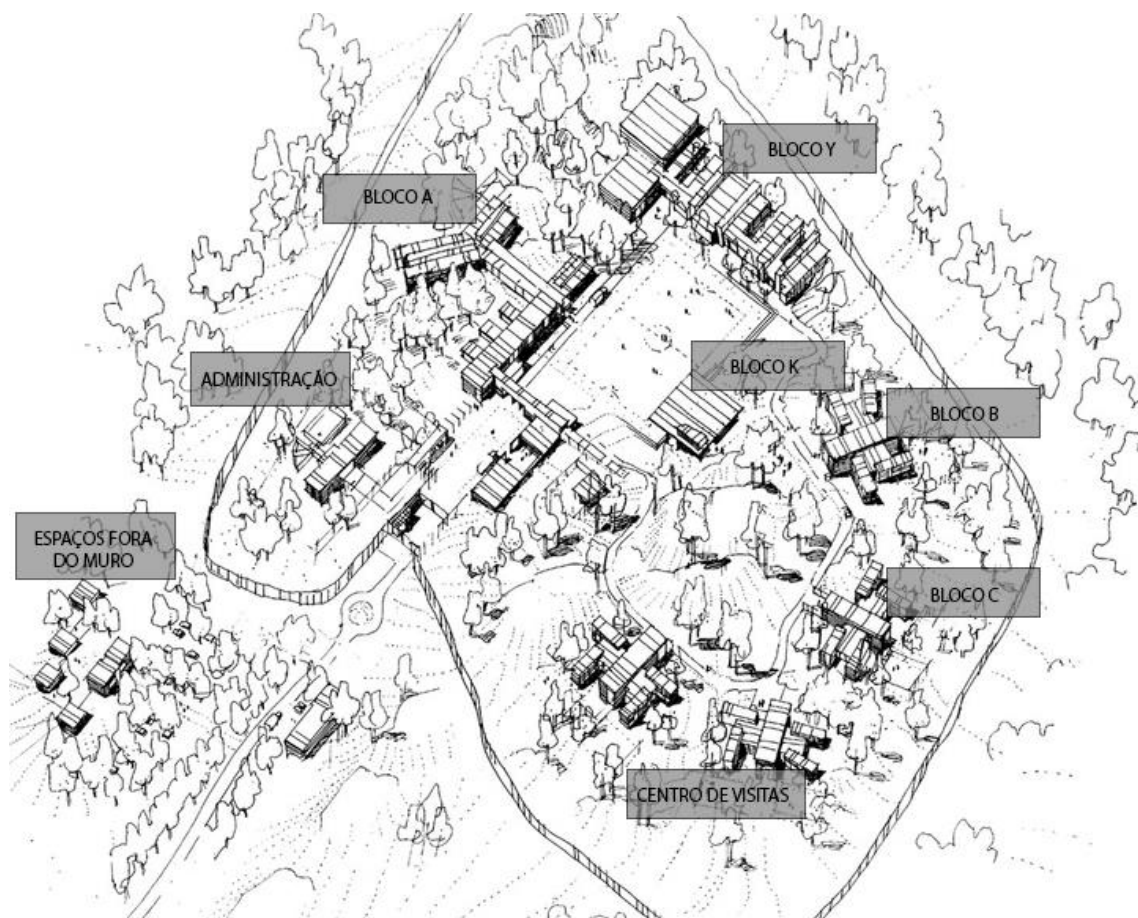


Fig. 87- Vista aérea da prisão

Fig. 88- Muro na zona do pátio; Fig. 89- Espaço exterior

O terreno é na sua generalidade irregular, assemelhando-se a percursos naturais. Essa configuração foi pensada para recriar uma rotina semelhante à vida em liberdade, reforçando a conexão com a natureza e a normalidade do quotidiano, como parte essencial da estratégia de reintegração social. (Benko, 2015)

A composição espacial organiza-se em torno de um polígono fechado que acolhe 12 seções de construção. Estes edifícios foram concebidos à escala humana, com apenas dois andares cada, que visa propositadamente acentuar a presença imponente do muro perimetral.

A seleção de materiais foi fortemente influenciada pela paisagem envolvente, marcada pelo tijolo cozido, painéis de aço galvanizado prateado, que introduzem uma leitura mais austera e resistente, e madeira de lariço envelhecida, cuja tonalidade acinzentada está simbolicamente ligada ao processo de reabilitação dos reclusos. (Benko, 2015)



*Fig. 90- Exterior do Departamento A; Fig. 91- Zona de exercícios do Departamento A
Fig. 92 e 93- Quarto em regime celular
Fig. 94- Espaço comum do regime celular; Fig. 95- Espaços verdes entre o departamento B e C*

O departamento A está situado numa zona mais isolada do estabelecimento prisional e integra a área administrativa e quatro secções distintas. A ala A1 acolhe reclusos com comportamentos considerados ameaçadores ou que preferem estar isolados e a A2 é destinada a quem precisa de um ambiente mais calmo, como os que aguardam julgamento. No piso superior, a ala A3 funciona como uma zona de avaliação antes de serem transferidos para alas comunitárias e a A4 que é utilizada a quem está sujeito a certas restrições ou optam pelo autoisolamento. (Sivilombudet, 2023)

A ala A dispõe de dois espaços exteriores separados para atividades físicas, de forma a impedir o contacto entre pessoas privadas de liberdade. As áreas menores são destinadas a reclusos em regime de isolamento, enquanto a maior serve para os que vivem nas alas comunitárias. Todos estes espaços são ao ar livre com vista para a natureza, incluindo rochas, mobiliário urbano e vista para a natureza. Existe também um campo de futebol exterior. (Sivilombudet, 2023)

Os departamentos B e C, geometricamente idênticos e com dois pisos cada, incluem quatro unidades residenciais por piso e com capacidade total para até 42 reclusos. Cada unidade oferece, entre 10 e 12 pessoas, uma cozinha totalmente equipada onde podem preparar as suas refeições, uma sala comum com sofá e televisão, e uma área exterior com vegetação. (Sivilombudet, 2023)

A maioria das celas são equipadas com portas de madeira às quais os reclusos têm acesso através de uma chave própria, promovendo um maior sentido de autonomia e responsabilidade. Tanto nas portas como nas janelas não apresentam qualquer tipo de gradeamento, permitindo a entrada de luz natural pelo amplo vão vertical. Com uma área aproximada de 10m², estes espaços são predominantemente brancos e mobilados com madeira clara, incluindo uma cama, mesa de cabeceira, secretária, armário e uma pequena estante. Cada cela dispõe ainda de um mini frigorífico, quadro magnético e televisão, bem como uma casa de banho privada com chuveiro. Os reclusos têm ainda a autorização para utilizar a sua própria roupa, podendo trocá-la de dois em dois meses, até um máximo de quatro vezes por ano. (Sivilombudet, 2023)

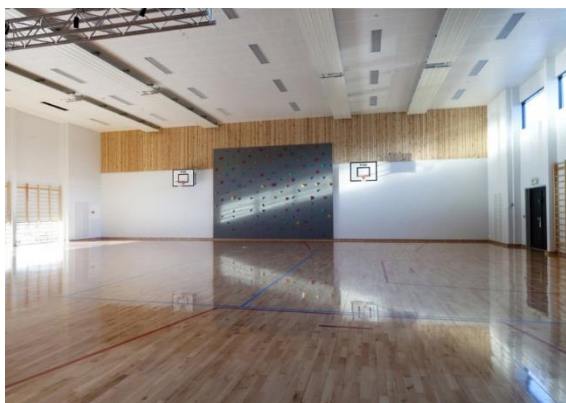


Fig. 96- Planta do Departamento B
Fig. 97- Espaço de oração; Fig. 98- Biblioteca
Fig. 99- Ginásio; Fig. 100- Espaço de oficina

De acordo com HLM Architects, "os presos deverão ter acesso a uma ampla e variada gama de atividades de lazer, atividades culturais e religiosas, educação e trabalho na prisão".⁴⁹

Neste sentido, os edifícios localizados na zona norte do perímetro prisional, designados por bloco K e Y, são dedicados à vertente cultural e educativa. Estes espaços incluem salas de aula e espaços para formações e workshops, ginásio, biblioteca, loja, estúdio, zona de oração e oficinas de trabalho, que promovem uma rotina mais adequada para a realidade exterior. (Ferreira, 2018)

Os espaços exteriores são igualmente valorizados, oferecendo um campo desportivo e de golfe, um jardim sensorial com estufas e zona florestal, que contribui para o bem-estar físico e emocional dos detentos.

Ainda no interior existe um espaço separado dedicado à sala de visitas e, fora do perímetro da muralha, um conjunto de 24 unidades habitacionais destinadas ao alojamento de transição, que permite aos reclusos preparar gradualmente o seu regresso à sociedade. (Sivilombudet, 2023)

Todo o estabelecimento foi concebido com uma abordagem arquitetónica que privilegia o contacto humano entre guardas prisionais. Assim, os dormitórios a eles destinados são de pequenas dimensões, com o objetivo de incentivá-los a interagir diariamente com os reclusos e reforçar uma lógica de segurança dinâmica baseada na proximidade e na confiança mútua. Os guardas não utilizam armas ou bastões e são convidados a manter conversas informais e a participar em atividades físicas ou de lazer entre todos. (Benko, 2015)

“Muitos dos prisioneiros vêm de maus lares, por isso quisemos criar um sentido de família”, diz o arquiteto Per Hojgaard Nielsen. Metade dos guardas são mulheres - Hoidal acredita que este facto diminui a agressividade - e os reclusos recebem questionários que lhes perguntam como podem melhorar a sua experiência na prisão.” (Adams, 2010)⁵⁰

⁴⁹ HLM Architects (Fonte: <https://hlm.no/en/>)

⁵⁰ Original: “Many of the prisoners come from bad homes, so we wanted to create a sense of family,” says architect Per Hojgaard Nielsen. Half the guards are women — Hoidal believes this decreases aggression — and prisoners receive questionnaires asking how their experience in prison can be improved”.

A segurança estática da prisão assenta maioritariamente em elementos indiretos. Não há gradeamentos, mas sim câmaras de vigilância estrategicamente posicionadas, contidas por portas telecomandadas e mobiliário inviolável que previne atos de vandalismo ou a construção de armas brancas. As janelas, apesar de não terem qualquer tipo de barreiras visíveis, estão devidamente preparadas com vidro de segurança resistente. (Sivilombudet, 2023)




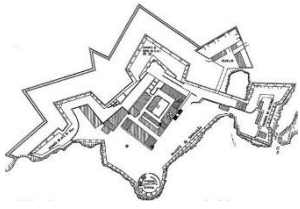
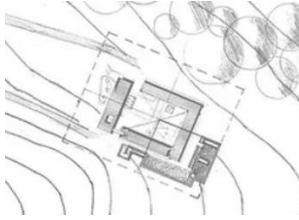
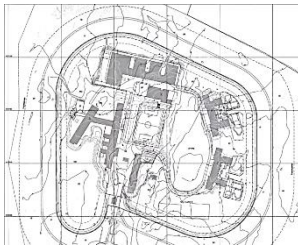
Esta abordagem parte da filosofia de que a reabilitação eficaz reduz substancialmente a reincidência criminal, mostrando que, na Noruega, apenas 20% dos reclusos volta a ser condenado num prazo de dois anos após a sua libertação. (Adams, 2010)

3.4. Matriz de análise

Com base no estudo das referências apresentadas, é possível desenvolver uma análise crítica dos três casos de estudo que representam abordagens arquitetônicas distintas ao conceito de enclausuramento. Através de um quadro comparativo aos edifícios apresentados, pretende-se observar de forma sistematizada os diferentes elementos espaciais e funcionais, e de que modo cada um deles pode contribuir para uma arquitetura mais orientada para a dignidade humana, ao mesmo tempo para a reabilitação social adequada.

Ao analisar criticamente os pontos de contacto e de divergência entre estes modelos, torna-se possível recolher aprendizagens aplicáveis ao desenvolvimento de novas propostas arquitetônicas no contexto prisional mais conscientes e humanizadas.

3.5. Tabela de análise

Identidade do projeto	Nome do projeto	Cadeia de Peniche	Convento de la Tourette	Prisão de Halden
	Imagem			
Enquadramento do projeto	Localização	Peniche, Portugal	Éveux, França	Halden, Noruega
	Ano de construção	1934	1960	2010
	Arquitetos	1953- Rodrigues Lima	Le Corbusier	Erik Møller Arkitekter e HLM Architects
	Capacidade	159 reclusos (1950-60)	100 monges	251 reclusos
	Tipologia	Militar	Monástica	Penal
	Malha envolvente	Rodeada pelo mar e próximo à malha urbana	Próximo a uma floresta densa e à comuna de Éveux	Cercada por floresta e terras agrícolas
	Separação dos indivíduos	Prisão masculina separada por tipo de delitos cometidos	Convento destinado a monges	Prisão masculina separada por níveis de segurança
Composição espacial	Planta da instituição			
	Forma	Fortaleza com volumes retangulares e um redondo; com pátios internos	Volume retangular da igreja; Convento em forma de "U" com um pátio no centro	Departamentos com vários volumes de 2 pisos
	Materialização	Pedra e tijolo com reboco	Betão aparente, com aberturas de luz	Tijolo cozido, aço galvanizado, madeira e vidro
	Áreas comuns	Pátio, sala de refeições, sala de convívio, balneários	Refeitório, biblioteca, salas de estudo, igreja, I.S., pátio exterior	Salas de estar, cozinha, salas de aula e oficina, biblioteca, loja, estúdio, ginásio, espaço de oração, espaços exteriores
	Programas e atividades	Limpar, jogar a jogos de tabuleiro, estudar	Rezar, ler, estudar	Cozinhar, limpar, trabalhar, estudar, cantar, compras, atividades no campo e/ou ginásio, rezar/meditar
Segurança	Elementos de segurança	Gradeamento nas janelas, muro da fortaleza	Nenhum	Muro de 6m; vedação metálica; janelas resistentes
	Tipo de vigilância	Guardas prisionais e o muro da fortaleza	Nenhum	Câmaras de segurança espalhadas por todo o estabelecimento
	Grau de complexidade	Alto	N/a	Alto

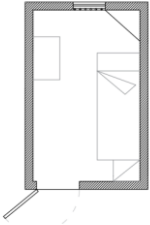
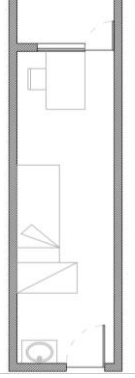
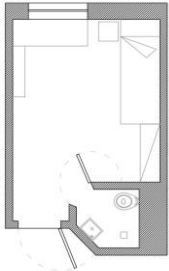
Identidade do projeto	Nome do projeto	Cadeia de Peniche	Convento de la Tourette	Prisão de Halden
Cela	Forma de habitar	Isolamento	Retiro espiritual	Autonomia
	Planta da cela standard			
	Dimensão da cela standard	4m ² por pessoa em celas partilhadas	10,8m ² ou 13,4m ²	10m ² (sem I.S)
	Nº de pessoas por cela	De 6 a 11 pessoas	Apenas celas individuais	Maioritariamente celas individuais
	Equipamento celular	Cama, secretária, armário, lavatório e balde	Cama, secretária, armário e varanda	Cama, mesa de cabeceira, secretária, armário e uma pequena estante, mini frigorífico, quadro magnético e televisão.
	Materiais	Mobiliário de madeira e ferro	Paredes e teto de chapisco; mobiliário de madeira e ferro	Madeira no mobiliário
	Cor utilizada	Branco	Verde no chão e caixilharias, e branco nas paredes	Branco e verde-claro
	Iluminação natural	Insuficiente	Suficiente	Abundante
	Aquecimento	Não	Sim	Sim
	Instalações sanitárias na cela	Balde de dejetos e lavatório	Não	Sim, com lavatório, sanita e chuveiro
Tipo de função	Punição, repressão	Meditação, reflexão	Reabilitação, reinserção	

Tabela.1 – Tabela de análise dos casos de estudo

Notas:

N/a Não aplicável

I.S. Instalações sanitárias

3.6. Caracterização dos contrastes espaciais e funcionais- Análise crítica

Como mencionado anteriormente, os três projetos foram selecionados com o objetivo de analisar tipologias espaciais distintas – um estabelecimento prisional histórico e militar (Peniche), um edifício religioso modernista (La Tourette) e uma prisão contemporânea (Halden). Esta diversidade permite-nos compreender que semelhanças e assimetrias os diferentes projetos arquitetônicas influenciam a vivência de cada um que experiencia o espaço.

No que diz respeito à **localização**, é possível observar que tanto La Tourette como Halden se situam fora da malha urbana, integrando-se, de forma isolada, no ambiente natural da paisagem, o que reforça a ideia de introspeção e distanciamento da sociedade. Já a Cadeia de Peniche situa-se junto ao mar e é integrada no tecido urbano, embora a sua função primordial tratasse de uma fortaleza.

Quanto à **organização espacial**, verifica-se uma clara distinção entre os três casos. Os estabelecimentos prisionais – Peniche e Halden – são compostos por edifícios dispersos entre si, o que facilita a divisão dos reclusos por categorias de delitos ou separação de idades/ géneros. Em contrapartida, o Convento de La Tourette é projetada com um claustro central interno, típico da arquitetura monástica, que reforça a ideia do recolhimento espiritual e do silêncio. Esta última disposição intensifica a relação entre o interior e exterior, que envolve a luz estrategicamente com os percursos lineares do claustro.

É interessante salientar que, apesar das suas diferentes funções, a prisão de Peniche e o convento de La Tourette partilham uma morfologia semelhante – ambas assumem uma forma mais fechada e ortogonal, como se delimitasse e controlasse os espaços exteriores através dos edifícios. Em contraste, a prisão de Halden apresenta uma composição mais fragmentada, com blocos e formas livres que são distribuídas pelo terreno de vegetação. Esta organização reflete uma abordagem mais contemporânea, que procura minimizar a referência das prisões tradicionais e promove um ambiente mais natural.

No que diz respeito aos **elementos de segurança**, apesar da diferença cronológica entre os estabelecimentos prisionais analisados, é possível identificar algumas semelhanças estruturais, nomeadamente a presença do muro perimetral e a vigilância

por parte dos guardas prisionais. Estes elementos são comuns tanto na Fortaleza de Peniche como no estabelecimento de Halden.

Partindo para uma análise mais particular, é possível notar que as **celas** acompanham a mesma forma ortogonal. Enquanto as celas da Fortaleza de Peniche apresentam uma dimensão mais reduzida na medida em que servia mais pessoas num mesmo espaço, a Prisão de Halden demonstra uma disposição mais ampla, dando mais atenção à qualidade espacial. Já no Convento de La Tourette, embora não se trate de celas prisionais, os quartos monásticos também partilham das mesmas características, porém no sentido mais espiritual.

Relativamente aos **equipamentos celulares**, embora em todos os casos dispensem do essencial, a Prisão de Halden destaca-se pelo número e qualidade dos elementos disponibilizados aos indivíduos. O material mais frequentemente apresentado no mobiliário nos três casos em análise é a madeira, o que sugere tratar-se de um material de baixo custo e de fácil acesso.

A nível **cromático**, o branco tende a ser predominante nas três tipologias, possivelmente por se tratar de uma escolha neutra e económica. No entanto, no Convento de La Tourette destaca-se também o uso do verde e a Prisão de Halden observam-se tons mais quentes, que oferece um ambiente visual mais suave.

A **iluminação** é outro fator determinante na perceção do espaço celular. Tanto a luz natural como a luz artificial são importantes na medida em que o ser humano precisa dessa claridade. No entanto, a Cadeia de Peniche revela algumas fragilidades neste aspeto, pois apesar de haver vãos que facilitassem a iluminação natural para o interior do Estabelecimento, estes eram fumados, tornando a luz um meio escasso para os reclusos.

Por fim, o último tópico da tabela remete à indicação das **instalações sanitárias** presentes no interior do espaço habitado. É importante salientar que a presença de uma casa-de-banho dentro da cela não determina, por si só, a sua qualidade, no entanto torna-se essencial num ambiente carcerário pela falta de viabilidade entre os prisioneiros e o guardas prisionais. Para que esta solução seja adequada, especialmente em celas partilhadas, é necessário garantir as divisões físicas e visuais que assegurem tanto a privacidade como a higiene. A forma como este elemento é integrado na cela reflete a visão institucional sobre o respeito pelo indivíduo.

Assim, o contraste espacial entre os três casos de estudo permite compreender as diferentes abordagens arquitetônicas que de certa forma influenciam a vivência dos indivíduos privados de liberdade.

Entre os principais **elementos positivos**, destaca-se o modo como a Prisão de Halden integra os materiais naturais no interior do perímetro prisional: o próprio terreno é tratado com o intuito de responder à realidade do exterior, assim como a vegetação da floresta com árvores da região e utilizando a madeira no mobiliário - o que promove um ambiente mais acolhedor e uma atmosfera mais sensorial. A organização espacial, composta por vários volumes dispersos no terreno, permite uma circulação mais fluída, especialmente para os reclusos que estão em regime comum⁵¹, o que encoraja uma maior autonomia para a reinserção em sociedade.

Já o Convento de La Tourette, por se tratar de um espaço espiritual, apresenta-se apenas com o essencial, na medida em que permite ao monge de apreciar os pequenos gestos e valorizar a simplicidade do dia-a-dia através das celas desenhadas segundo o Modulor, que refletem as proporções do corpo humano propostas por Le Corbusier.

Em contraste, a Cadeia de Peniche evidencia alguns **desafios arquitetônicos**. O edifício, que foi projetado como lógica da punição, mostra sinais claros a nível da qualidade do espaço: a luz natural era escassa – apesar da existência de janelas -, e a ventilação era insuficiente. A falta de privacidade nas celas partilhadas – onde o uso do balde para as necessidades fisiológicas não previa de separações – é um aspeto crítico para a reabilitação, ainda que se tratasse de crimes contra o regime ditatorial.

O mobiliário também revelava limitações que comprometiam a percepção sensorial do espaço, contribuindo para um ambiente mais rígido. Porém, importa salientar os limites inerentes a este tipo de contexto: a implementação de soluções arquitetônicas eficazes não depende apenas de um investimento financeiro significativo, mas exige sobretudo uma visão a longo prazo com o pensamento na reabilitação, na durabilidade dos materiais e, acima tudo, numa transformação cultural.

⁵¹ Regime comum é realizado nos Estabelecimentos Prisionais de segurança alta e é caracterizado pelo desenvolvimento de atividades em espaços de uso comum dentro da prisão. (Fonte: Lei n.º 115/2009, de 12 de outubro)

Ainda assim, é de notar algumas **oportunidades** para a arquitetura prisional contemporânea. Pequenas alterações no espaço podem definitivamente mudar a perspectiva de como o recluso se relaciona com o espaço de habitar. Deste modo, o contraste entre os três modelos apresentados demonstra que a forma de como o espaço é pensado e experienciado, pode ter um papel determinante no processo de reabilitação dos reclusos.

IV |

Modelo conceptual

4.1. Estudo sensorial

“Um espaço grande pode envolver ou conter um espaço menor dentro do seu volume. A continuidade visual e espacial entre os dois espaços pode ser facilmente acomodada, porém o espaço menor, contido, depende do maior, que o envolve, para a sua relação com o ambiente externo”. (Ching, 2007, P.186)⁵²

Ao reconhecer, no desenho de cada espaço e de cada elemento, o seu papel na definição do lugar e na forma como se relaciona com os espaços envolventes, abre-se a possibilidade de expressar essas relações através da forma, do espaço, da luz, da cor e da materialidade. Dessa forma, cada elemento adquire um significado próprio que contribui em conjunto para o projeto. (Hertzberger, 2005)

O estudo sensorial parte da premissa de que a experiência do espaço prisional não se limita à sua dimensão física e funcional, mas envolve também a percepção através dos sentidos. Assim, este capítulo é dedicado à investigação de forma mais aprofundada do modelo celular, explorando os elementos sensoriais que influenciam diretamente o modo como o recluso vive e sente o espaço. Neste sentido, serão abordados os principais sentidos desta análise – o tato, a visão e o olfato -, uma vez que desempenham um papel importante na forma como o ambiente da cela é estruturado e vivido.

“Nenhuma destas questões sensoriais é simples e nenhuma atua isoladamente sobre o indivíduo; pelo contrário, atuam de forma concertada como parte do contexto total da prisão.” (Fairweather, 2000, p.60)⁵³

A ausência destes estudos preliminares, especialmente em contexto prisional, pode afetar as capacidades sensoriais do indivíduo. Embora não exista estudos sobre os efeitos a longo prazo dos sentidos dentro das instituições, foi sugerido que o ambiente monótono, a falta de atividade e privação sensorial criam um estado de apatia que pode ter como consequência certos comportamentos destrutivos como forma de resposta à frustração. (Fairweather, 2000)

⁵² Original: “A large space can envelop and contain a smaller space within its volume. Visual and spatial continuity between the two spaces can be easily accommodated, but the smaller, contained space depends on the larger, enveloping space for its relationship to the exterior environment.”

⁵³ Original: “None of these sensory issues is simple and none acts singly on the individual; rather, they act in concert as part of the total setting of the prison.”

4.1.1. Espaço

“O espaço é a chave do significado da arquitetura. Falar de arquitetura significa falar de espaço - espaço delimitado por material tangível.” (Ramos, 2015, p.3)⁵⁴



Fig. 101- Imagem de Herman Hertzberger - Lessons for Students in Architecture

⁵⁴ Original: “Space holds the key to the meaning of architecture. Talking about architecture means talking about space – space delimited by tangible material.”

O espaço é uma presença constante na experiência humana, na medida em como nos deslocamos, percebemos e interagimos. A nossa percepção dos limites físicos — como paredes, volumes, luz e proporções — determina a forma como vivenciamos o espaço. A arquitetura surge precisamente quando esse processo se torna consciente, visto que o espaço é intencionalmente delimitado e organizado por meio da construção e composição formal. Quando o vazio é contido e estruturado por esses limites, o espaço adquire um significado, função e identidade, tornando-se lugar habitado. (Ching, 2007)

Peter Zumthor na sua obra “*Atmosferas*”, refere que o espaço se comunica de forma imediata e sensorial assim que nele entramos. Essa percepção não é apenas visual, mas envolve todo o corpo: o som, o cheiro, a temperatura, a textura dos materiais e a forma como a luz atravessa o ambiente. São esses elementos muitas vezes invisíveis que contribuem para a construção da atmosfera de um lugar, na medida em que nos transmite um sentimento imediato. Esta percepção sensorial inicial, embora difícil de quantificar, tem um papel determinante na forma como nos relacionamos emocionalmente com o espaço.

Ao contrário dos outros elementos, o espaço não pode ser facilmente substituível, já que a sua organização espacial é, em grande parte, fixa e condicionante. Por isso, o primeiro passo para qualquer forma de apropriação é, inevitavelmente, o próprio espaço. É o espaço que nos vai orientar para a ação daquele lugar, indicando o que pode ser feito, de que forma e com que intenção. É mais coerente pensar um projeto com base nas necessidades e características do utilizador que o vai habitar, do que tentar inserir um habitante a um espaço que não respeita a sua natureza. (Morgado, 1997)

Martin Heidegger descreve que “a relação entre o homem e o espaço não é outra coisa senão o habitar (...)” (Heidegger, 1977, p.335)⁵⁵. Ao ser habitado, o espaço transforma-se num novo lugar. Um lugar que adquire forma e proporção a partir do corpo que nele se inscreve, tornando-se numa relação de união.

Roger Scruton (citado por Luís Morgado, 1997), defende que o espaço adquire a sua identidade através dos pequenos detalhes que compõem os seus elementos. Quando num espaço esses elementos — como a natureza dos materiais, as cores, as formas e os pormenores — são removidos, a experiência do espaço é alterada, perdendo até a sua identidade.

A leitura do espaço pode ser feita a partir da sua estrutura direcional, marcada por

⁵⁵ Original: “The relationship between man and space is none other than dwelling (...)”

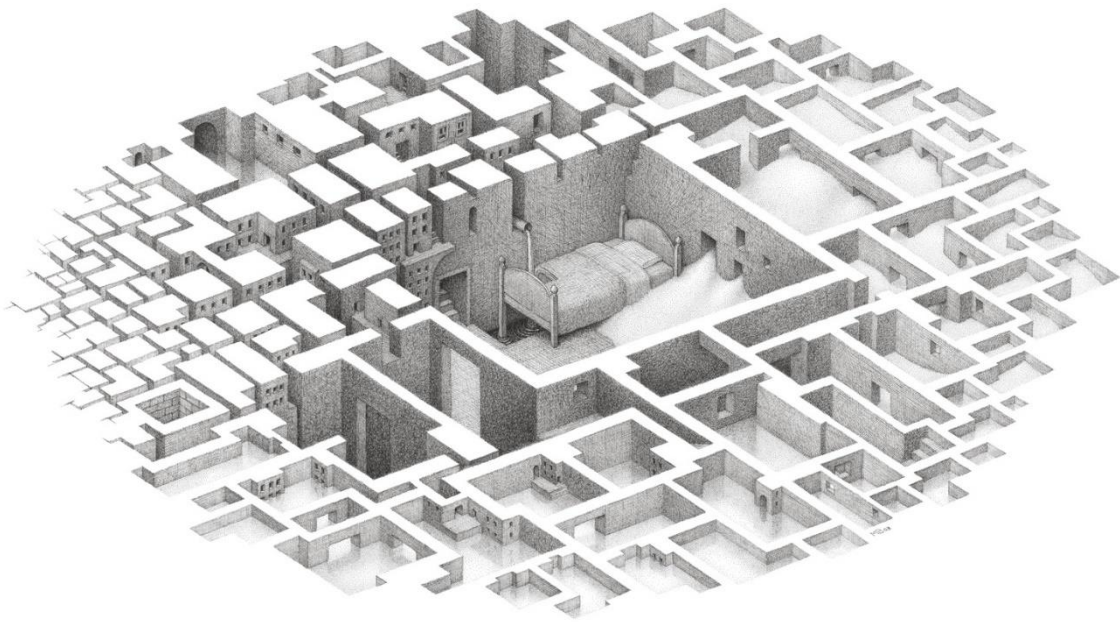


Fig. 102- Ilustração de Mathew Borret

elementos verticais, horizontais e por um ponto central. A Casa da Cascata, de Frank Lloyd Wright, evidencia esses sentidos através de um plano horizontal dominante, visível nos pisos e nas varandas em balanço, que se projetam sobre a paisagem. Em contraste, o plano vertical é enfatizado pela chaminé de pedra, que se impõe como eixo estrutural e simbólico da casa. Já a Villa Savoye, de Le Corbusier, também apresenta um plano horizontal aparente, que parece flutuar graças aos pilares que suportam essa forma. No entanto, esse volume suspenso organiza-se em torno de um ponto central que estrutura o percurso e a vivência do espaço. Ambos os exemplos reforçam a íntima relação entre arquitetura e habitar, revelando como os planos estruturais não apenas definem a forma, mas orientam a experiência sensorial e funcional do espaço.

No contexto prisional, o espaço assume um papel determinante para os que habitam num lugar mais restrito, uma vez que influencia diretamente a forma como o espaço é vivenciado. As características espaciais – escuro ou claro, aberto ou fechado, individual ou partilhado – condicionam não só como o indivíduo se vai relacionar no espaço onde se encontra inserido, mas também a sua relação com os outros e consigo mesmo.

Segundo Leslie Fairweather (2000), o comportamento dos reclusos tende a ser mais negativo em contextos de dormitórios coletivos do que em celas individuais. Refere ainda que as celas partilhadas geram mais conflitos e emergências médicas do que as individuais, embora não seja possível determinar se tal se deve ao número de ocupantes ou à limitação do espaço disponível.

Assim, a existência de um espaço privado é essencial à estabilidade e ao bem-estar dos reclusos, independentemente da tipologia da cela. O mais relevante não é a dimensão em si, mas sim a privacidade sobre um espaço próprio e o tempo de isolamento diário a que a própria instituição impõe. Portanto, o espaço de reclusão deve reunir as condições espaciais necessárias que permitam preservar a autorreflexão, sem, no entanto, acentuar o isolamento.

Os elementos impercetíveis que Zumthor se refere em relação ao espaço mostram que – também no sistema prisional - uma cela bem concebida pode transmitir, de forma imediata, uma sensação positiva ao recluso, incentivando uma maior abertura emocional e promovendo uma reabilitação mais eficaz.

A ilustração de Mathew Borrett transmite uma complexidade espacial que reforça a percepção do quarto como núcleo essencial. Num labirinto de compartimentos indiferenciados, o espaço íntimo e habitado ganha destaque, simbolizando a importância de um lugar pessoal e reconhecível num sistema espacial fragmentado.

4.1.2. Forma

“A forma arquitetónica é o ponto de contacto entre a massa e o espaço... As formas arquitetónicas, as texturas, os materiais, a modulação da luz e da sombra, a cor, tudo se conjuga para injetar uma qualidade ou um espírito que articula o espaço”. (Ching, 2015, p.33)⁵⁶



Fig. 103- Coliseu de Roma, 2023

⁵⁶ Original: “Architectural form is the point of contact between mass and space... Architectural forms, textures, materials, modulation of light and shade, color, all combine to inject a quality or spirit that articulates space.”

“As formas geométricas influenciaram a arquitetura clássica, e desde sempre foram naturalmente aceites, sendo ainda hoje consideradas como belas, ainda hoje por uma grande generalidade da população, talvez porque parecem perfeitas, simétricas e proporcionais, em comparação com a arquitetura atual, que muitas vezes é abstrata e vive de emoções provocadas pela sua utilização e interpretação.” (Pinto, 2020, p.169)

Começando por mencionar a figura 102 do Coliseu em Roma, construída em 72 d.C, é possível destacar momentaneamente as formas das arcadas ornamentadas com as colunas dóricas no primeiro piso, jónicas no segundo e coríntias no terceiro. Esta disposição não limita apenas ao lado decorativo, mas evidencia como a forma acompanha a função e respeita a lógica construtiva do monumento. A variação entre cheios e vazios – as arcadas e as colunas – que dão corpo à forma, tornando-a compreensível sensorialmente através da luz, da sombra e da proporção.



Fig. 104- A forma através dos cheios e vazios do Coliseu de Roma

A forma é assim, entendida por um conjunto de limites exteriores que definem e organizam visualmente um determinado corpo no espaço. É através da forma que um objeto se sobressai e ganha a sua identidade visual, muitas vezes acompanhada pela cor ou da forma como o corpo é interpretado pelo observador.

Francis Ching (2015) cita que Paul Klee defende que toda a forma começa por um ponto – a menor unidade de representação – e, ao mover-se, dá origem à linha, que ao ganhar direção, limites e ritmo, transforma-se num plano. Na transição do plano para o espaço, é através da interseção e do confronto entre planos que se gera o volume, dando origem ao corpo tridimensional.

Porém, Rudolf Arnheim descreve no seu livro "*Arte e Percepção Visual*" que forma e configuração são definições distintas. A configuração trata-se do contorno exterior que nos permite conhecer a natureza de determinado corpo ou objeto. Neste sentido, uma configuração de um objeto específico não é vista apenas pela sua forma, mas associamo-la automaticamente a um grupo ou categoria de formas semelhantes. Por exemplo, ao vermos um triângulo, não pensamos concretamente como um "tipo" de configuração, mas reconhecemo-la como um todo.

Para Arnheim (2005, p.90):

"A forma sempre ultrapassa a função prática das coisas encontrando em sua configuração as qualidades visuais como rotundidade ou agudeza, força ou fragilidade, harmonia ou discordância. Portanto são lidas simbolicamente como imagens da condição humana."

José Luis Moia (1968) define a estrutura visual dos objetos como aquilo que nos permite reconhecê-los pelas variações no campo visual, estando relacionada com a sua configuração espacial, independentemente da posição ou orientação que assumam.

Estamos constantemente expostos a diferentes formas e cada uma tem o seu significado que o nosso cérebro reconhece automaticamente através da percepção visual. Por exemplo, os sinais de trânsito transmitem ideias imediatas através da sua forma e cor. Sabemos que um sinal vermelho está ligado ao perigo - como o sinal de stop ou passagem proibida - e os sinais que contêm a cor azul são mais informativos.

Como refere Moia (1968, p.125), ao expor o pensamento de Theodor Lipps:

"O espaço estético não é um espaço inanimado, mas sim vivo. A ideia orientadora da sua estética baseia-se na simpatia simbólica (Einfühlung). A vida das formas é um facto subjetivo. Interpretamos as formas por analogia com os fenómenos que nos ocorrem, ou seja, projetando-nos e confundindo-nos com eles. É por isso que as formas parecem leves, graciosas, espontâneas, sérias, severas, com carácter de poder, etc. Assim, o ato estético não é um ato visual, mas pertence ao pensamento."⁵⁷

⁵⁷ Original: "*El espacio estético no es un espacio inanimado, sino viviente. La idea directriz de su estética está fundada en la simpatía simbólica (Einfühlung). La vida de las formas es un hecho subjetivo. Interpretamos las formas por analogía con los fenómenos que nos ocurren, es decir, proyectándonos y confundiéndonos con ellas. Por esto es que las formas nos parecen ligeras, graciosas, espontáneas, serias, severas, con carácter de potencia, etcétera. Así, el acto estético no es un acto visual, sino que pertenece al pensamiento.*"

Portanto, é possível afirmar que a forma segue a função. Os reformistas procuravam uma proposta ideal, tanto para os estabelecimentos prisionais, como para a cela. A forma arquitetônica foi surgindo como uma resposta direta a essas exigências funcionais – como é o caso do panótico que foi inicialmente concebido com a planta radial. A partir dessa configuração inicial, foram sendo desenvolvidos edifícios que continham este tipo de implantação, revelando uma evolução orientada pela função.

O mesmo princípio pode ser observado através do texto de Campo Baeza “Caverna, Cabana, Casa” (1996) onde o autor faz referência à evolução do homem no espaço de habitar – primeiro a caverna, o espaço primitivo inicial onde o ser humano procurava um abrigo para se proteger do tempo e dos animais; depois a cabana, uma tentativa de construção para um espaço habitável; e por fim a casa, onde o abrigo de defesa passou a ser um espaço para habitar, com a sua forma ortogonal.

Neste sentido, o estudo da forma vai mais além do que uma configuração meramente geométrica, compreendendo como a forma resulta de vários fatores, desde o seu significado, utilização e necessidade.

4.1.3. Psicologia da cor

“A cor impressiona, expressa e constrói. A cor é vista pela nossa retina, prendendo o nosso olhar; sentimo-la, dado que ela provoca uma emoção; é construtiva, na medida em que veicula significados, tendo uma linguagem própria”. (Mesquita, 2019, p.21)



Fig. 105- Ilha de Burano, Veneza, 2021

“O significado das cores poderá ajudar a potencializar os resultados e a conquistar os turistas e as pessoas que se deslocam, trabalham ou habitam, numa determinada rua.” (Pinto, 2020, p.165)

Tomemos o exemplo da Ilha de Burano (figura 105), situada em Veneza, que ficou turisticamente conhecida pelas casas coloridas. Cada habitação apresenta uma cor única da rua onde se encontra, com as guarnições das janelas pintadas de branco e muitas vezes decoradas com flores da mesma cor que a casa. Apesar de inicialmente essa prática ter sido com o intuito de ajudar os pescadores a notarem a vila, tornou-se uma visita visualmente atrativa.

A cor, mais do que um fenómeno espacial ou um elemento meramente visual, tem um impacto bastante relevante na forma como percebemos e experienciamos o espaço. Enquanto linguagem sensorial, a cor possui a capacidade de influenciar a forma como o indivíduo se relaciona com o ambiente envolvente.

"Eu existo na vida apenas se posso ver"- (Le Corbusier, citado por Pallasmaa, 2012, p.26)

Porém, a cor só existe graças à luz. É a luz que, ao incidir sobre os objetos, produz o efeito das cores. Isaac Newton revolucionou a compreensão da cor ao demonstrar que a luz branca é composta pelas cores do espectro visível – o que hoje conhecemos como arco-íris. Através da utilização de um prisma, Newton observou que a luz solar se dissocia em diferentes cores ao ser refratada, provando que a cor vem da origem da luz e não do próprio objeto. (Moia, 1968)

A cor que percebemos num objeto depende da luz que este reflete – uma determinada cor vai refletir de certa forma numa superfície lisa e emitir de outra numa superfície mais rugosa. Assim, podemos afirmar que a cor depende, antes de mais, da exposição da luz, e conseqüentemente depende das propriedades do material onde ela se reflete.

Com o passar do tempo, a cor passou a ser vista como um elemento estético, capaz de transformar a atmosfera de um espaço. A sua presença manifesta-se diretamente nas sensações, evocando memórias e condicionado a certos comportamentos, muitas vezes de forma inconsciente. (Mesquita, 2019)

É possível determinar que certas tonalidades são capazes de influenciar estados emocionais que promovem sensações de segurança, estímulo, calma ou desconforto. No entanto, existem também experiências e referências individuais que podem alterar significativamente o impacto emocional de uma determinada cor.

No dia-a-dia, a cor ensina-nos como a «*forma segue a função*». Neste caso, os tons cromáticos assumem funções simbólicas como para informar, orientar, alertar ou comunicar, que definem um código visual para os espaços. (Mesquita, 2019)

Assim, a cor deve ser entendida não apenas como um elemento decorativo, mas como um recurso multifuncional que interage com fatores emocionais, simbólicos, ambientais e culturais, desempenhando um papel ativo na construção da experiência espacial.

Desde os ambientes cromáticos intensos até às mais suaves, a cor sempre desempenhou um papel significativo na construção da percepção espacial. A cor permite criar contrastes, destacar elementos arquitetónicos e estabelecer hierarquias visuais. Mais do que uma superfície pintada, a cor é uma matéria invisível que contribui diretamente para a experiência sensorial e emocional do espaço.

O impacto da cor depende assim d contexto em que é utilizada – uma casa vermelha, por exemplo, não terá o mesmo impacto se estiver rodeada por edifícios brancos do que a casa estiver inserida numa malha habitacional colorida, como vimos que acontece na ilha de Burano, Veneza. Nesse sentido, a cor só se torna verdadeiramente impactante em relação ao ambiente que a envolve.

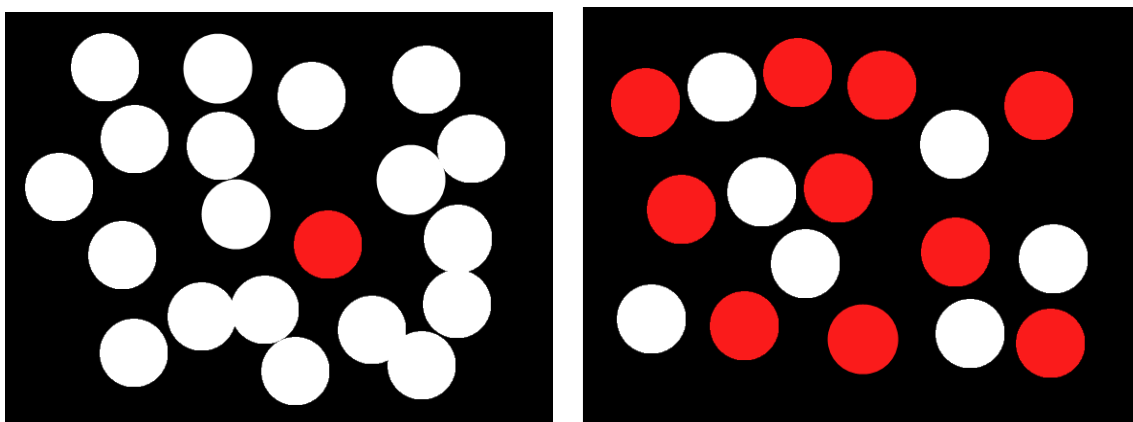


Fig. 106- Representação do contraste da cor

No contexto de encarceramento, “é geralmente aceite que a cor desempenha um papel importante na afetação do comportamento, mas tem havido muito pouca investigação no campo da correção.” (McConville, 2000, p.61)⁵⁸

A arquitetura prisional, historicamente marcada por ambientes austeros e despersonalizados, pode beneficiar de abordagens cromáticas que promovam o equilíbrio emocional, a humanização dos espaços e a facilitação dos processos de reabilitação e reintegração. Ainda que não exista uma lista cromática ideal para este tipo de ambiente, é possível identificar tonalidades que, com base em evidências empíricas, contribuem positivamente para o estado emocional dos indivíduos.

Assim, a cor não deve ser encarada como uma escolha meramente estética, mas como uma ferramenta visual que impacta diretamente na saúde mental, na percepção espacial e na vivência dos espaços arquitetônicos. A sua integração consciente no processo de conceção é essencial para a criação de ambientes que respondam verdadeiramente às necessidades sensoriais e emocionais dos indivíduos privados de liberdade.

⁵⁸ Original: “It is generally accepted that colour plays a large part in affecting behaviour, but there has been very little research in the correctional field.”

4.1.4. Forma e cor

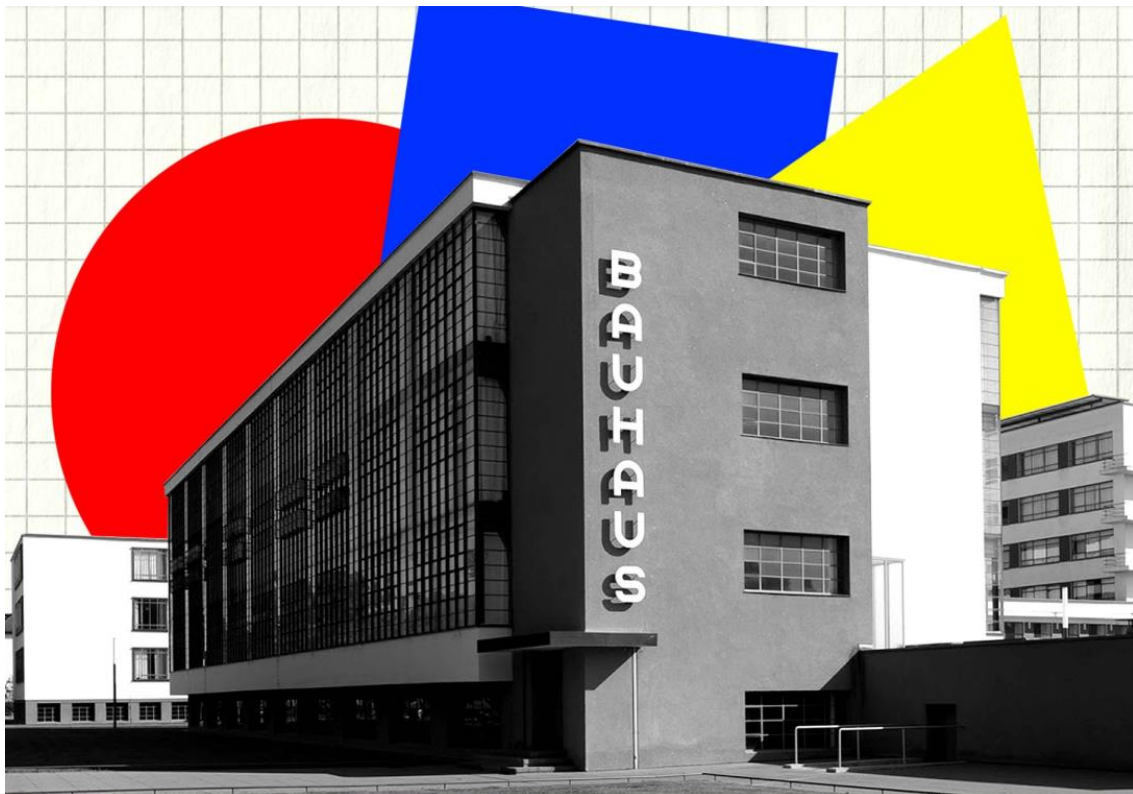


Fig. 107- Fotomontagem de Bauhaus

Fig. 108- Ilustração do inquérito realizado por Kandinsky

Ao cruzar os dados sensoriais da forma e da cor, surgem percepções que vão além da experiência isolada de cada elemento. Estudos como os de Kandinsky (1923) e Moreira Pinto (2020) evidenciam que a combinação entre determinadas formas e cores pode influenciar fortemente a experiência emocional dos utilizadores. Assim, são exploradas essas interações para refletir como a arquitetura pode beneficiar destas associações.

Na perspectiva de Kandinsky (1996, p.74):

Só a forma, enquanto representação do objeto (real ou não real), enquanto delimitação puramente abstrata de um espaço, de uma superfície, pode existir por si mesma”.

Em 1923, enquanto era professor na Bauhaus, Wassily Kandinsky desempenhou um papel bastante importante no desenvolvimento da teoria da forma e da cor, explorando a relação entre a geometria e a cor que visava entender as emoções através de composições visuais. Kandinsky acreditava que formas básicas — como o círculo, o triângulo e o quadrado — podiam revelar significados e sensações distintas, associando-as a cores primárias — vermelho, amarelo e azul. (Pinto, 2020)

Salienta-se que esta experiência foi influenciada por diversos fatores, como a faixa etária dos participantes, o seu estado emocional quando o inquérito foi apresentado, o género da pessoa, etc. A opção por utilizar cores primárias teve como objetivo orientar as respostas para escolhas mais diretas e específicas. Este resultado entre a forma e a cor foi posteriormente a imagem da própria identidade da Bauhaus.

Assim, concluiu-se que o quadrado — associado à cor vermelha — representa a solidez e a firmeza, sendo descrito por Kandinsky metaforicamente como a “matéria em repouso”. A forma do triângulo — ligado à cor amarela — simboliza a energia dinâmica e a expansão do pensamento em múltiplas direções. Por fim, o círculo — com a cor azul — transmite uma sensação de suavidade e o movimento constante. (Gonçalves, M. 2011)

Luís Moreira Pinto (2020) conduziu uma experiência semelhante na qual questionou participantes de diferentes faixas etárias — dos 6-8 anos aos adultos - e de vários países europeus sobre a associação entre três formas geométricas — quadrado, triângulo e círculo - com as três cores primárias. Através do questionário, foi possível observar que o quadrado era considerado a forma que transmitia maior felicidade por oferecer maior segurança e estabilidade. Por outro lado, o círculo foi considerado como a forma menos associada à felicidade. Já em relação à agressividade, o triângulo foi considerado a

forma mais agressiva pelos inquiridos, enquanto o círculo foi visto como o menos agressivo.

No que respeita à associação das cores à felicidade, o inquirido revelou que o amarelo é a cor mais frequentemente relacionada com este sentimento. No entanto, foi uma cor igualmente associada à agressividade. Já o azul, embora tenha sido considerada a cor mais triste, transmite uma sensação de suavidade e não é agressiva.

Por fim, o vermelho, que por sua vez encontra-se num meio termo, pois esta desperta tanto sensações de calma como de perigo. Não é por acaso que esta cor pode simbolizar o amor e a paixão para uns, enquanto para outros está associada à raiva e à morte.

Apesar dos inquiridos tratarem de forma simbólica as teorias da forma e da cor – tratando a forma enquanto corpo tridimensional – é interessante observar como ambos os elementos podem influenciar diretamente a perceção visual. Os exercícios realizados pelo arquiteto Luís Moreira Pinto foram desenvolvidos através de diferentes estratégias – desde à análise das cores primárias utilizadas nas ruas até aos elementos recortados em cartão – que mostram que o tipo de contexto pode ter de certa forma influenciado a forma como os entrevistados, de todas as idades, percecionam a cor.

Este estudo cruzado entre as formas geométricas e as cores primárias enquanto perceções sensoriais, permite compreender como certos elementos visuais influenciam a experiência visual e emocional dos indivíduos. Ainda que revelem associações universais, estes resultados são relevantes para demonstrar como a forma, em diálogo com a cor, pode influenciar diretamente a forma como as pessoas experienciam um espaço – seja ele público, na fachada de um edifício ou no interior de um espaço para habitar.

4.1.5. Luz e Sombra

"A luz do dia, a luz sobre as coisas, é tão comovente para mim que a sinto quase como uma qualidade espiritual. Quando o sol nasce de manhã — o que acho sempre maravilhoso, absolutamente fantástico — a forma como volta todas as manhãs e lança sua luz sobre as coisas, não me parece que pertença a este mundo. Não percebo a luz. Ela dá-me a sensação de que há algo além de mim, algo além de toda a compreensão." (Zumthor, 2006, p.61)



Fig. 109- Vocação de São Mateus (1600) por Caravaggio

A luz desempenha um papel crucial na concepção dos espaços arquitetônicos. A funcionalidade e a disposição dos vãos devem ser pensadas em função da qualidade e do tipo de luz natural desejada para que o espaço interior contenha a luz necessária para um determinado local. (Costa, 2013)

Já a iluminação artificial surge como um suplemento da luz solar, principalmente quando os espaços contêm uma quantidade limitada ou ausência de iluminação natural. No entanto, estes pontos de luz têm de ser estrategicamente planejados a fim de contribuir para o conforto e a atmosfera do ambiente de qualquer espaço. (Costa, 2013)

“A luz é um componente essencial para qualquer compreensão possível da qualidade do espaço.” (Baeza, 2006, p.35)⁵⁹

Contudo, nem sempre uma grande intensidade de luz significa o mesmo que boa iluminação e que essa quantidade nos ajuda a identificar melhor um espaço. A qualidade da luz depende da sua origem, direção, intensidade, cor e do grau de contraste que estabelece com as sombras. Esses fatores determinam não apenas a visibilidade dos elementos arquitetônicos, mas também a percepção das formas, texturas e profundidade do espaço. (Ramos, 2015)

A forma, a localização e o posicionamento de um vão têm um impacto direto na maneira como a luz natural penetra num espaço, influenciando a sua distribuição, intensidade e o modo como interage com as superfícies e volumes:

“Se fizermos uma abertura no teto, a luz que entra será difusa e homogénea; se fizermos uma abertura perto de um canto, a luz lavar a superfície do plano adjacente e perpendicular a essa abertura, e essas superfícies refletirão luz indireta (...). A luz é ‘certa’ quando a sua qualidade e quantidade são adequadas ao espaço a que pertence e se adaptam à função e às necessidades do projeto.” (Ramos, 2015, p.61)⁶⁰

⁵⁹ Original: “la luz es componente esencial para toda posible comprensión de la cualidad del espacio.”

⁶⁰ Original: “If we make an opening in the ceiling, the incoming light will be diffuse and homogeneous; if we make an opening near a corner, the light will wash the surface of the plane adjacent and perpendicular to that opening, and these surfaces will reflect indirect light (...). Light is ‘right’ when its quality and quantity are appropriate for the space to which it belongs and are adapted to the function and needs of the project.”



Fig. 110 e 111- Termas de Vals de Peter Zumthor, por Fernando Guerra

Fig. 112- Capela do Monastério Beneditino de Las Condes, 2022, Fabian Dejtiar

Em contexto prisional, a luz deve ser considerada um elemento fundamental na definição do ambiente espacial, estabelecendo uma relação coerente entre o que é a origem da luminosidade e o que é iluminado.

A luz natural, em particular, deve ser priorizada, uma vez que o seu impacto no bem-estar dos indivíduos é significativo na medida em que a cela é o espaço onde permanecem – em muitos casos - maior parte do tempo. Segundo Leslie Fairweather (2000), a falta de ligação com o mundo exterior proporcionada pelas janelas pode aumentar os riscos de stress e depressão nos espaços de reclusão. “As áreas de maior stress nas prisões, as celas de isolamento, são as que mais frequentemente não têm janelas”. (McConville & Fairweather, 2000, p.61)⁶¹

A posição, forma e orientação dos vãos devem ser cuidadosamente pensadas para permitir uma iluminação natural equilibrada, ajustada às necessidades do espaço e dos seus ocupantes. Mais do que apenas a presença de luz solar direta, importa também a forma como essa luz é projetada no interior, criando ambientes com claridade suficiente para tornar os espaços mais acolhedores e humanizados. Nesse sentido, as janelas devem possuir uma altura adequada que possibilite aos reclusos estabelecer uma ligação visual com o exterior, reforçando a perceção de abertura e reduzindo a sensação de isolamento. (McConville, 2000)

É essencial que esta se relacione com a luz artificial, de forma a garantir conforto visual e qualidade habitacional contínua, tanto durante o dia como pela noite. A complementaridade entre luz natural e artificial deve, assim, assegurar condições adequadas de luminosidade, promovendo um ambiente mais digno e favorável à reabilitação.

“A luz é o material básico e indispensável da arquitetura.” (Ramos, 2015, p.46)⁶²

⁶¹ Original: “The highest stress areas in prisons, isolation cells, are those that most commonly lack windows.”

⁶² Original: “Light is the basic, indispensable material of architecture.”

4.1.6. Materialidade

“Materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único.” (Zumthor, 2006, p.24)



Fig. 113- Termas de Vals - Peter Zumthor. Por Fernando Guerra, 2016

Na arquitetura, os materiais assumem um papel que vai muito além da dimensão estética. A cor, a textura e outras qualidades sensoriais que cada material transmite, influenciam diretamente a forma como o espaço é presenciado e experienciado. A materialidade estabelece, assim, uma ligação íntima entre o corpo e o ambiente construído, sendo capaz de despertar sensações, percepções e memórias.

Peter Zumthor destaca a importância de uma escolha consciente e sensível dos materiais, sublinhando que cada projeto possui uma intenção particular que se reflete na sua materialidade. Para o autor, os materiais não atuam isoladamente, mas ganham significado através da forma como se relacionam entre si e com o lugar onde são inseridos. (Zumthor, 2006)

“Apenas um material e já tem mil possibilidades.” (Zumthor, 2006, p.25)

Para Zumthor, o material não representa apenas uma etapa funcional no processo de concepção de um projeto. É uma ferramenta que contribui para criar atmosferas de um determinado espaço para que seja possível atingir a sua própria linguagem. (Zumthor, 2006)

Os materiais devem, portanto, ser selecionados de forma criteriosa, de modo a estabelecer uma ligação coerente com o contexto envolvente e a forma como o material é utilizado e transmitido, a fim de comunicar a sua identidade espacial.

Zumthor defende que os materiais devem ser sentidos e não apenas vistos. Ao trabalhar com os materiais, não se trata apenas de escolher o que é funcional ou esteticamente agradável, mas sim de encontrar aqueles que “falam” com o lugar, que dialogam entre si e com a atmosfera pretendida. (Zumthor, 2006)

Todos os materiais, na linguagem arquitetônica, possuem funções específicas e propriedades próprias. Cada um deles pode ser explorado até aos seus limites físicos e formais e ainda revelar novas práticas criativas e construtivas.

José Moia (1968, p.130) descreve a reflexão de Frank Lloyd Wright que “cada material tem a sua mensagem e, para o artista criativo, a sua poesia”, ou seja, cada material tem a sua forma e deve ser utilizado tal como eles são. Wright, conhecido pelo uso de materiais naturais nos seus projetos, afirmava que estes nunca foram utilizados como meros elementos decorativos, mas sim como parte integrante da estrutura do edifício. Por exemplo, ao utilizar a madeira na construção de uma lareira, o material não seria pintado, mas sim polido de forma a preservar a sua cor e características naturais.

“Em toda a boa arquitetura, cada material deve ser utilizado de acordo com a sua natureza própria e com a técnica estrutural que lhe corresponde.” (Moia, 1968, p.84)⁶³

Na arquitetura contemporânea, a escolha dos materiais nos sistemas de construção tem assumido cada vez mais um papel estético do que propriamente a sua função estrutural. Cada material possui um caráter próprio – uma identidade que comunica através da sua textura, cor e sombras. Quando se substitui um material por outro, essa identidade transforma-se, alterando a nossa percepção do espaço e da própria estrutura - por exemplo, o betão armado vai apresentar uma identidade diferente do que a madeira. Assim, a materialidade mostra que para além da beleza, é uma forma de comunicação arquitetónica.

“Foi demonstrado que a construção das novas prisões não é mais cara. São, de certa forma, mais baratas ao longo do tempo, porque o vandalismo é menos frequente e o dinheiro da construção pode ser poupado através da utilização de materiais normalizados, tais como sanitários de porcelana e dispositivos de iluminação comuns, em vez de versões mais dispendiosas à prova de vandalismo. No entanto, algumas prisões de nova geração satisfazem uma série de necessidades, fornecendo um certo número de unidades habitacionais equipadas com sanitas de aço e acessórios de lavagem para homens com um historial de vandalismo”. (McConville & Fairweather, 2000, p.53)⁶⁴

⁶³ Texto original: “En toda buena arquitectura, cada material debe usarse de acuerdo con su propia naturaleza y con la técnica estructural que le corresponde.”

⁶⁴ Original: “It has been shown that the new prisons are no more expensive to build. They are in some ways cheaper over time, because vandalism is less frequent and construction money can be saved by using standard materials such as porcelain sanitary fittings and ordinary lighting fixtures rather than more costly vandal-proof versions. However, some new generation prisons meet a range of needs by providing a number of living units equipped with steel WCs and washing fittings for men with a history of vandalism.”

4.2. Modelo Conceptual

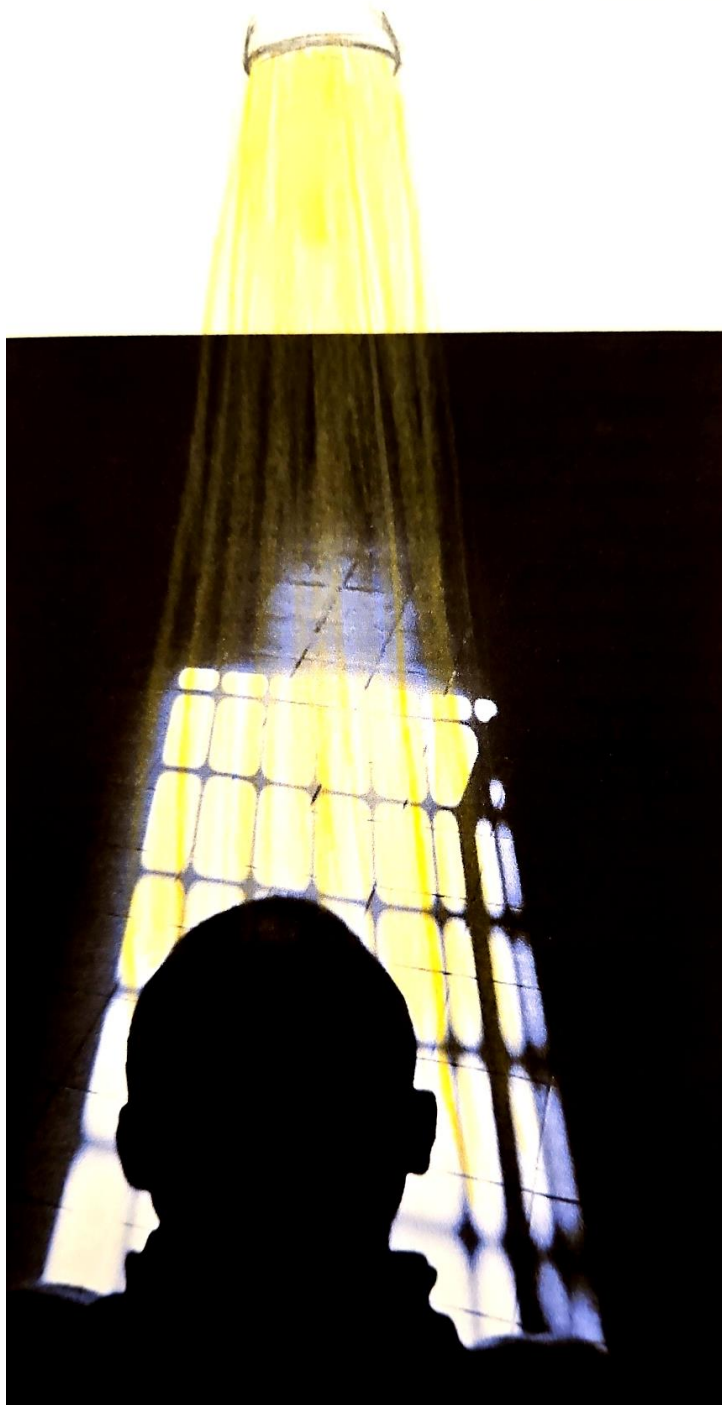


Fig. 114- Imagem intervencionada

Ao longo desta dissertação, procurou-se explorar de que forma o espaço prisional pode influenciar diretamente na vivência do recluso. Neste contexto, a cela adquire um papel mais central, por ser o único local onde o recluso consegue experienciar alguma privacidade.

Após um estudo aprofundado dos elementos que compõem este espaço - e compreender a sua origem e teorias -, foi possível reunir um conjunto de informações que permitem refletir sobre como a cela poderá evoluir para um espaço de habitar no sentido de desenvolver aspetos positivos para a reabilitação dos indivíduos privados de liberdade.

A estrutura dos subcapítulos foi organizada com base numa lógica de prioridade: iniciou-se pelo espaço, que como vimos, é o primeiro elemento a ser considerado para qualquer proposta arquitetónica, seguido a forma, a cor, a luz e por fim, a materialidade.

Propõe-se assim, uma reflexão crítica sobre a cela enquanto espaço habitável, funcional, e ao mesmo tempo capaz de responder às necessidades emocionais e sensoriais do recluso.

O **espaço** do edifício prisional deve ser cuidadosamente pensado, evitando a proximidade direta com a malha urbana. Isto permite, por um lado, fazer eventuais expansões futuras e, por outro, respeitar a alínea n.º 7 do artigo 4.º pelo Despacho n.º 5863/2015 que impede a abertura de vãos diretamente voltados para a via pública. Ainda assim, é essencial que esses vãos proporcionem uma ligação visual com a natureza ou com vistas que incentivem a contemplação.

O espaço da cela deve ter uma dimensão proporcional às necessidades de cada um – seja em regime individual ou partilhado - para garantir as condições mínimas de conforto, salubridade e privacidade para os reclusos. Tentou-se desenvolver o modelo a partir de uma dimensão média de um dormitório – com 10m² (incluindo I.S.) – que estivesse em conformidade com as proporções normalmente adotadas nas celas prisionais existentes.

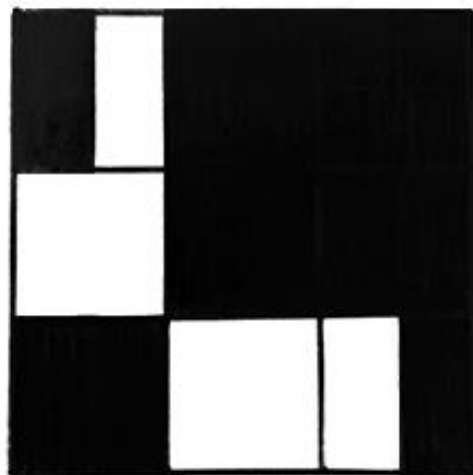
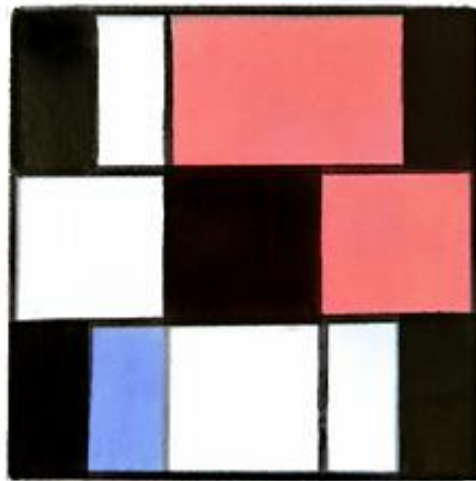
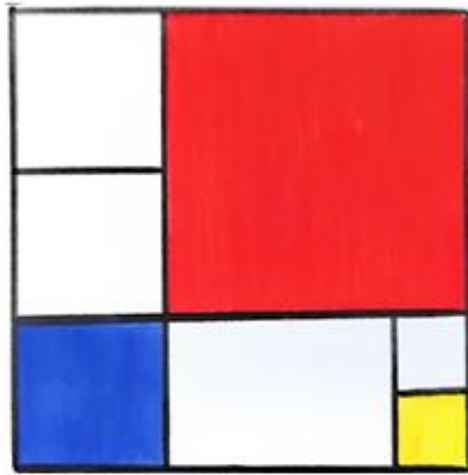


Fig. 115- Cheios e vazios de sobreposições entre Piet Mondrian e Le Corbusier

Quanto à **forma**, como vimos anteriormente, esta passou por diversas alterações ao longo do tempo – desde as circulares às configurações ortogonais. Assim, a forma retangular revelou-se, atualmente, a mais eficaz em termos de organização espacial. Contudo, importa que esta não seja demasiado estreita para evitar sensações de clausura, porém que tenha as dimensões necessárias para permitir a circulação com o mobiliário essencial disposto no interior.

A **seleção cromática** foi inspirada nos elementos naturais da Terra, com o objetivo de estabelecer uma ligação sensorial entre o interior da cela e o mundo exterior. Esta escolha pretende atenuar a sensação de clausura e promover uma experiência espacial mais dinâmica, introduzindo no ambiente prisional referências visuais que evocam a natureza. A utilização de cores associadas a elementos naturais – como o azul, que remete ao céu e à água; o verde, símbolo da vegetação; e o castanho, que representa a terra – visa criar uma atmosfera que induza tranquilidade, conforto e reconexão com o exterior.

Num espaço recluso e muitas vezes desprovido de estímulos positivos, como a cela, a introdução consciente destas tonalidades pode contribuir para reduzir o stress, a ansiedade e o sentimento de isolamento. Assim, estas cores não são meramente decorativas, mas assumem um papel ativo na construção de um ambiente que seja um suporte para o bem-estar psicológico e, potencialmente, facilite o processo de reabilitação dos reclusos em sociedade.

Sendo a **luz** um meio essencial para qualquer qualidade do espaço, esta deve ser privilegiada. As janelas devem garantir a entrada adequada de luz natural e ventilação para o interior das celas para assegurar um ambiente confortável para os reclusos. Mais do que fornecer luz solar direta, é importante considerar como a luz se distribui no espaço, tendo atenção à orientação e posição onde se encontram.

As janelas deste projeto nasceram da combinação de duas matrizes. Primeiro, traçou-se um quadro “*Composition with Red, Blue and Yellow*” (1930) de *Piet Mondrian* e em seguida, sobrepôs-se a grelha de vãos de Le Corbusier - como mostra na figura 115. A interseção dos dois desenhos gerou os vazios que definiram a forma e as dimensões finais de cada abertura. Assim, para além de as janelas oferecem vários pontos de luz natural, permitem aos indivíduos terem uma visão mais ampla do exterior.

A luz artificial deve ser cuidadosamente planeada para complementar a luz natural, garantindo um equilíbrio ao longo do dia. A variação da intensidade luminosa pode ser uma estratégia eficaz: uma luz mais intensa ao despertar para ajudar a estimular o corpo, enquanto uma luz mais suave no final do dia para promover um ambiente mais calmo e propício ao descanso.

Em relação à **materialidade**, trata-se de um aspeto mais restrito, sendo fortemente condicionada por exigências de segurança, durabilidade e resistência. Primeiramente, os materiais utilizados nestes meios devem ser suficientemente duráveis para suportar o uso

intensivo e minimizar a necessidade de manutenções frequentes. Paralelamente, a segurança dos reclusos e do próprio funcionamento das instituições impõem a exclusão de elementos frágeis, cortantes ou passíveis de serem manipulados de forma perigosa.

Deste modo, para o presente projeto, a seleção dos materiais procurou equilibrar estas exigências funcionais com a criação de um ambiente mais humanizado. Assim, a utilização do azul nas paredes corrobora com os inquéritos realizados por Kandisky e por Luís Moreira Pinto onde ambos tiveram como resultado a cor azul como sendo um tom suave e não agressivo.

A madeira MDF com acabamento de pinho no mobiliário garante a durabilidade e resistência ao desgaste, assim como um custo acessível em grande massa. E, levando também o outro modo da natureza à cela, a colocação de plantas – sejam elas naturais ou artificiais – contribuem para uma experiência sensorial ao espaço, alinhada com os princípios da reintegração social e da reabilitação.

O mobiliário consiste numa cama de 0,80mx1,90m, um armário de 0,50mx0,40m, uma estante que serve igualmente de cabeceira e assento, um local que serve para colocar a natureza e uma secretária de 1,45mx0,50m. A segurança tanto do mobiliário como dos espaços verdes foram pensados de forma a serem utilizados no interior de uma cela. O espaço reservado à natureza consiste em pequenos buracos onde é possível colocar as plantas e esta só pode ser aberta pelos guardas prisionais no caso de manutenção de terra – caso se aplique essa necessidade. No entanto os prisioneiros conseguem colocar água quando quiserem.

É apresentado também um modelo de cela partilhada para dois reclusos com uma área de 13m² (3,00mx4,40m) onde é incluído também uma zona dividida com instalações sanitárias. A cela comporta de um mobiliário idêntico à cela individual, apenas com a inclusão de espaços para dois indivíduos.

4.2.1. Cella individual



Fig. 116, 117, 118- Modelo conceptual da cela individual

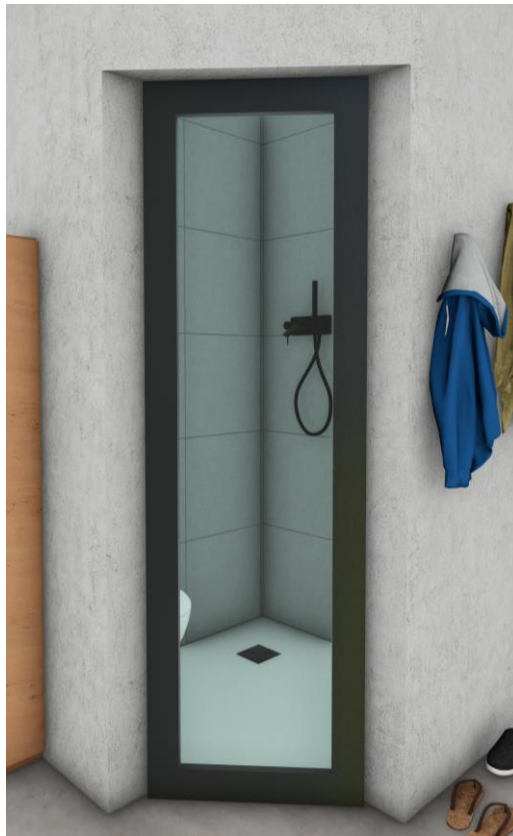
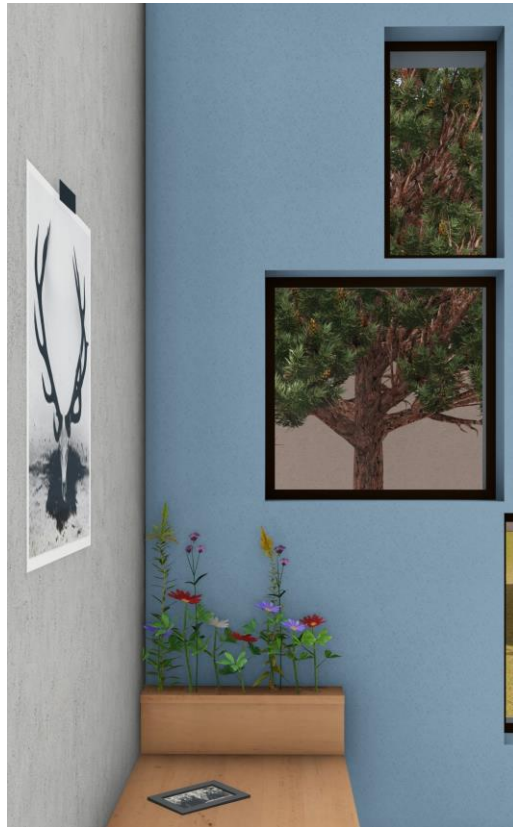


Fig. 119, 120- Modelo conceptual da cela individual

4.2.2. Cella partilhada

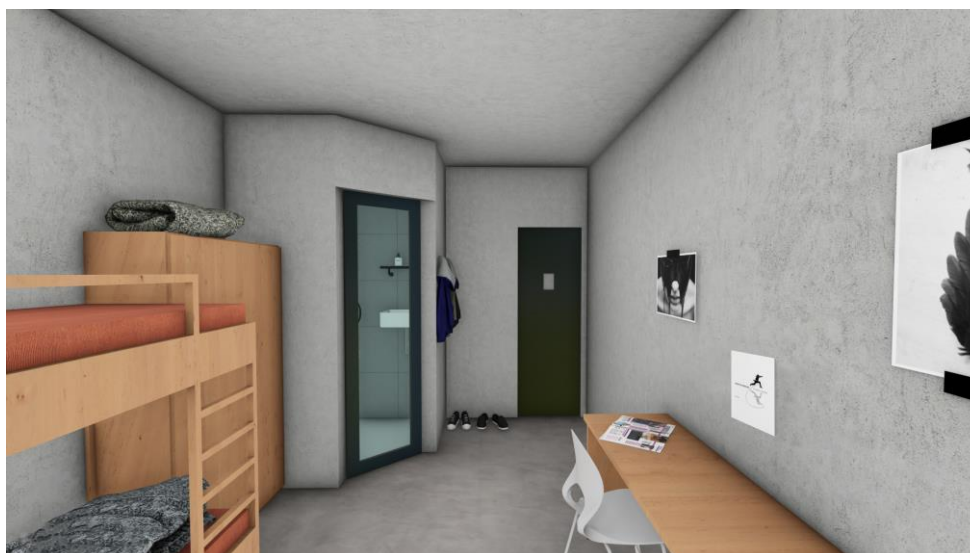
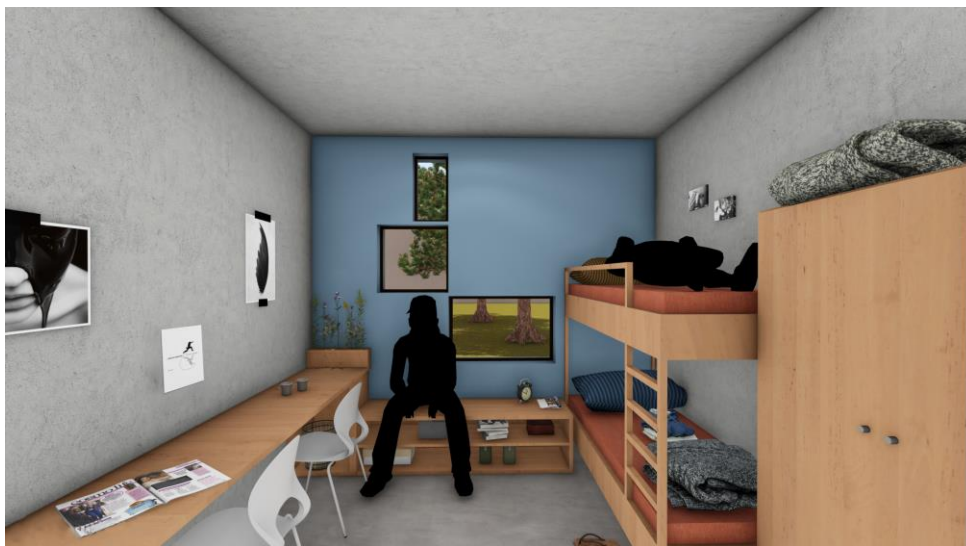


Fig. 121, 122- Modelo conceptual da cela partilhada



Fig. 123, 124- Modelo conceptual da cela partilhada

V |

Considerações finais

Esta dissertação de mestrado procurou explorar a importância do papel da arquitetura no contexto prisional, com especial atenção à cela enquanto espaço de habitar, disciplina e, potencialmente, reabilitação. Assim, o objetivo principal foi compreender sobre como os espaços prisionais, através das suas qualidades arquitetônicas, podem contribuir para a reintegração social dos reclusos para a sua transformação pessoal.

Esta análise foi desenvolvida em constante conexão entre dois processos: a transformação espacial e a transformação ideológica ao longo da história. No que diz respeito ao espaço, traçou-se uma linha evolutiva desde os primeiros espaços carcerários da Antiguidade que foram marcados por condições precárias – espaços sem ventilação, escuros e húmidos. A Idade Média foi ainda caracterizada por espaços prisionais improvisados, que gradualmente evoluíram para estruturas militares. Mais tarde, com o Era do Feudalismo, surgiram as casas de correção, introduzindo a separação dos reclusos pelo género e pela gravidade dos delitos. O avanço da arquitetura carcerária foi, entretanto, desenvolvido através de estruturas mais organizadas e pensadas, como os modelos radiais, panótics ou em espinha. A arquitetura foi-se adaptando aos valores sociais e às necessidades penais até à Idade Contemporânea, onde atualmente ainda se estuda de que forma os espaços prisionais podem ser melhorados.

Em paralelo, analisou-se a transformação ideológica: da punição e castigos corporais, para uma visão centrada na reabilitação do indivíduo. A religião também adotou os princípios morais e disciplinares, assim como reformadores e pensadores que tiveram um papel significativo em mudar a perceção do sistema prisional para tornarem esses espaços mais humanistas.

Apesar do tema prisional continuar a ser um tabu, existe uma evolução progressiva para a humanização dos espaços de reclusão. A cela, que foi anteriormente alvo de isolamento e punição, começa a ser pensada como um espaço potencial de habitabilidade com foco no bem-estar.

Foram analisados três casos de estudo – um português e dois europeus – que representam diferentes simbologias e contextos: um edifício de estrutura militar, um espaço religioso e uma prisão contemporânea focada na reabilitação. A comparação entre estas realidades permitiu observar as semelhanças e contrastes que existem entre diferentes espaços de encarceramento.

Um dos contributos relevantes desta investigação é a proposta de um modelo conceptual da cela, pensado a partir de uma perspetiva sensorial. O projeto visou

integrar os elementos considerados relevantes – a luz natural, o conforto térmico, a escolha cromática, os materiais – que pretende contribuir para uma discussão mais ampla sobre os modos de habitar a cela.

Ainda que a presente dissertação tenha a ausência de entrevistas – por problemas alheios de agendamento – e a restrição a três casos de estudo, acredita-se que este oferece um ponto de partida sólido para futuras investigações, especialmente para um elemento arquitetônico carcerário em pequena escala.

É importante reconhecer que o espaço da cela, por si só, não é suficiente para garantir a reabilitação prisional. Fatores como o histórico pessoal, a educação, a personalidade, a saúde mental e o contexto social de cada indivíduo são determinantes. No entanto, a arquitetura é um processo transformador, na medida em que ao criar ambientes mais humanizados, é possível construir um sistema prisional que contribua verdadeiramente para a reinserção social

Contudo, existem várias estratégias complementares que podem potencializar o espaço de reabilitação e, conseqüentemente, contribuir para um ambiente mais humanizado dentro dos estabelecimentos prisionais.

Em primeiro lugar, os espaços de meditação, oração ou silêncio devem ser valorizados e reforçados, pois são áreas que têm o potencial de promover momentos de reflexão e espiritualidade, e pode ser um caminho para autorreflexão do indivíduo. A criação de bibliotecas, espaços de lazer ou ginásios permite também ocupar o tempo de forma produtiva que promovam o bem-estar.

A educação, por sua vez, revela-se como um dos principais focos no processo de reabilitação. Mais do que o ensino formal, este aspeto engloba o comportamento e o envolvimento entre os guardas prisionais e os reclusos. As prisões de Halden e de Bastøy, na Noruega, são um exemplo onde se promove o convívio social entre ambos, ajudando a criar um ambiente natural entre tarefas e convívio.

Um objetivo que os estabelecimentos prisionais têm oferecido são as tarefas e as atividades que os ajudam, de certa forma, a passar o tempo. A criação de ateliers, laboratórios ou oficinas pode ser um suporte para simular ambientes de trabalho reais para ajudar na iniciativa e competências de cada um. Sendo o trabalho historicamente tratado como uma punição, tem vindo a transformar-se numa oportunidade de aprendizagem e desempenho de salários renumerados para assemelhar-se à vida quotidiana, a fim de os preparar para o regresso à sociedade. Para quem não consegue

ter apoio de terceiros, a reinserção pode ser mais complexa no sentido de o detento não conseguir uma vida minimamente estável depois que sai da prisão e ser um possível reincidente.

Outro aspeto importante é o bem-estar. Para além da educação, a qualidade das refeições – englobando a tarefa de serem eles próprios a cozinharem –, o acesso ao vestuário e a uma higiene adequada, são fatores que influenciam a autoestima e os ajudam a sentir bem.

Como foi falado anteriormente, a presença de espaços verdes no interior e exterior das prisões tem mostrado efeitos positivos ao nível psicológico. A criação de hortas comunitárias ou jardins arborizados funcionam como uma mais-valia de oferecer tranquilidade num contexto de encarceramento.

Por fim, defense-se a necessidade de uma área especializada em arquitetura prisional, pois é um estudo complexo que atende a diferentes necessidades entre a saúde mental e a arquitetura. Esta abordagem permite uma abertura de colaborações entre profissionais e reclusos no envolvimento de projetos tanto de conceção como de renovação, que ajuda a promover o sentimento de presença e aprendizagem.

Existem alguns programas como a APAR – que ajuda na reintegração e procura desenvolver medidas que previnam futuras reincidências –, assim como a BSAFE LAB (em colaboração com a UBI) que trabalha na investiga através da tecnologia novas formas de inovar os sistemas penitenciários.

Assim, a prisão não deve ser pensada como um sistema isolado da sociedade, mas em sociedade. A arquitetura prisional não deve reforçar a punição. Deve, pelo contrário, oferecer uma oportunidade de transformação.

A escolha dos materiais, das cores, da iluminação e da organização dos espaços deve ser feita com consciência do seu impacto emocional porque a arquitetura prisional, mais do que apenas responder às necessidades humanas, contribui para um processo de transformação e reabilitação.

Referências bibliográficas

Fig. 1- Rothman & Morris, *The Oxford History of the Prison*, Oxford University Press, 1995, p.7

Fig. 2- <https://www.romanoimpero.com/2010/05/carcere-mamertino.html>

Fig. 3- <https://www.romanoimpero.com/2010/05/carcere-mamertino.html>

Fig. 4 - Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.9

Fig. 5 - Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.12

Fig. 6- https://en.wikipedia.org/wiki/Newgate_Prison#

Fig. 7 –Esquema da autora

Fig. 8 – <https://janeaustenslondon.com/tag/bridewell/>

Fig. 9 – <https://www.alamy.com/>

Fig. 10 – Rothman & Morris, *The Oxford History of the Prison*, Oxford University Press, 1995, p.71

Fig. 11 – Rothman & Morris, *The Oxford History of the Prison*, Oxford University Press, 1995, p.74

Fig. 12 – Johnston, *The human cage : a brief history of prison architecture*, Institute of Corrections by Walker, 1973, p.11

Fig. 13 – Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.38

Fig. 14 – Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.38

Fig. 15 – Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.41

Fig. 16 – Ching, *Architecture, Form, Space, and Order*, John Wiley & Sons, Inc, 2007, p.217

Fig. 17 – https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1870-0625-633

Fig. 18 – Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.51

Fig. 19 - Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.52

Fig. 20- Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.63

Fig. 21- https://en.wikipedia.org/wiki/Millbank_Prison#

Fig. 22- https://en.wikipedia.org/wiki/HM_Prison_Pentonville#

Fig. 23- <https://www.meisterdrucke.pt/>

Fig. 24- <https://www.meisterdrucke.uk/>

Fig. 25- Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.54

Fig. 26- <https://www.theartnewspaper.com/>

Fig. 27- Johnston, *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*, University of Illinois Press, 2000, p.96

Fig. 28 - https://en.wikipedia.org/wiki/HM_Prison_Wormwood_Scrubs

Fig. 29- <https://www.frankfallaarchive.org/prisons/fresnes-prison/>

Fig. 30- <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9021577f.r=fresnes%20prison%20chapel?rk=257512;0>

Fig. 31- <https://razaoinadequada.com/>

Fig. 32- https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/25/Andry_tree.png

Fig. 33- https://wp.unil.ch/allezsavoir/files/2025/05/prison_89_10.webp

Fig. 34- <https://www.behance.net/gallery/62689593/the-portu>

Fig. 35- <https://www.prisonphotoproject.pt/en/prisons.html>

Fig. 36- https://wp.unil.ch/allezsavoir/files/2025/05/prison_89_3.webp

Fig. 37- https://wp.unil.ch/allezsavoir/files/2025/05/prison_89_5.webp

Fig. 38- DGRSP – Estatísticas Anuais de 2023– Esquema da autora

Fig. 39- DGRSP – Estatísticas Anuais de 2023– Esquema da autora

Fig. 40- DGRSP – Estatísticas Anuais de 2017, 2020 e 2023– Esquema da autora

Fig. 41 – Esquema da autora

Fig. 42 e 43- [https://www.behance.net/gallery/54918501/Hinter-Gittern-\(2006\)](https://www.behance.net/gallery/54918501/Hinter-Gittern-(2006))

Fig. 44- <https://www.behance.net/gallery/62689593/the-portu>

Fig. 45 e 46- <https://www.publico.pt/2024/01/23/sociedade/noticia/celas-bolorentas-ratos-custaram-portugal-823-mil-euros-ultimos-anos-2077513>

Fig. 47- <https://www.behance.net/gallery/62689593/the-portu>

Fig. 48- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza_\(arquitetura_militar\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza_(arquitetura_militar))

Fig. 49- Ching, *Architecture, Form, Space, and Order*, John Wiley & Sons, Inc, 2007, p.209

Fig. 50- <https://restosdecoleccion.blogspot.com>

Fig. 51- <https://www.urbex.nl/couvent-de-gensterbloem/>

Fig. 52- Fotografia da autora

Fig. 53 e 54- <http://www.monumentos.gov.pt/>

Fig. 55- <http://www.monumentos.gov.pt/>

Fig. 56 e 57- Fotografia da autora

Fig. 58- Fotografia da autora

Fig. 59- Fotografia da autora

Fig. 60- Fotografia da autora

Fig. 61- <https://mybrainsociety.blogspot.com/>

Fig. 62 e 63- Fotografia da autora

Fig. 64 e 65- Fotografia da autora

Fig. 66 e 67- Carmona, *As celas disciplinares ou «Segredo»*, 2021

Fig. 68- <http://www.monumentos.gov.pt/>

Fig. 69- <http://www.monumentos.gov.pt/>

Fig. 70 e 71- <http://www.monumentos.gov.pt/>

Fig. 72- <https://www.thibaudpoirier.com/>

Fig. 73- [Arquitecturas Canal Arte Convento de la Tourette de Evreux - YouTube](#)

Fig. 74- <https://blog.thal.art/wp-content/uploads/Gabarit-Modulor-couvent-de-la-Tourette.jpg>

Fig. 75- <https://www.inexhibit.com/mymuseum/le-corbusier-monastery-of-sainte-marie-de-la-tourette-eveux-france/>

Fig. 76-

<https://imagens.publico.pt/imagens.aspx/979870?tp=UH&db=IMAGENS&type=JPG&w=320&act=resize>

Fig. 77- <https://www.inexhibit.com/mymuseum/le-corbusier-monastery-of-sainte-marie-de-la-tourette-eveux-france/>

Fig. 78 – <https://www.flickr.com/photos/doctorcasino/2746562787/>

Fig. 79- https://www.archdaily.com/96824/ad-classics-convent-of-la-tourette-le-corbusier?ad_source=search&ad_medium=projects_tab

Fig. 80- <https://nunoladeiro.com/la-tourette-60-anos-depois/>

Fig. 81- <https://badarchitecturesucks.blogspot.com/2011/02/sainte-marie-de-la-tourette-corbus-cell.html>

Fig. 82- [Arquitecturas Canal Arte Convento de la Tourette de Evreux - YouTube](#)
11:15min

Fig. 83- https://www.itineraricamper.it/francia/le-corbusier/tourette.php#group_galle-4

Fig. 84- <https://www.couventdelatourette.fr/>

Fig. 85- <https://i.pinimg.com/736x/cc/31/2d/cc312dfe11d10d3b9c7904d197a341e7.jpg>

Fig. 86- <https://hlm.no/nyheter/1244>

Fig. 87- <https://www.archdaily.com/154665/halden-prison-erik-moller-arkitekter-the-most-humane-prison-in-the-world/untitled-2-15>

Fig. 88- <https://www.nytimes.com/2015/03/29/magazine/the-radical-humaneness-of-norways-halden-prison.html>

Fig. 89- <https://landskapsarkitektur.no/prosjekter/halden-fengsel>

Fig. 90- <https://www.kriminalomsorgen.no/halden-fengsel.5024512-237612.html>

Fig. 91- <https://www.kriminalomsorgen.no/halden-fengsel.5024512-237612.html>

Fig. 92 e 93- <https://habitatio.epitesz.bme.hu/portfolio/halden-fengsel/>

Fig. 94- <https://www.ntnu.no/concept/halden-fengsel>

Fig. 95- <https://habitatio.epitesz.bme.hu/portfolio/halden-fengsel/>

Fig. 96- <https://habitatio.epitesz.bme.hu/portfolio/halden-fengsel/>

Fig. 97- <https://www.kriminalomsorgen.no/halden-fengsel.5024512-237612.html>

Fig. 98- <https://www.nyugat.hu/galeria/gal20110528102200>

Fig. 99- <https://habitatio.epitesz.bme.hu/portfolio/halden-fengsel/>

Fig. 100- <https://www.nytimes.com/2015/03/29/magazine/the-radical-humaneness-of-norways-halden-prison.html>

Fig. 101- Hertzberger, *Lessons for Students in Architecture*, 010 Publishers, 2005, pp. 7-8

Fig. 102- www.mathewborret.com

Fig. 103- Fotografia da autora

Fig. 104- Esquema da autora

Fig. 105- Fotografia da autora

Fig. 106- Esquema da autora

Fig. 107- www.animato.uk

Fig. 108- Esquema da autora

Fig. 109-
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Voca%C3%A7%C3%A3o_de_S%C3%A3o_Mateus_\(Caravaggio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Voca%C3%A7%C3%A3o_de_S%C3%A3o_Mateus_(Caravaggio))

Fig. 110 e 111- <https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra>

Fig. 112- <https://www.archdaily.com.br/br/985646/classicos-da-arquitetura-capela-do-mosteiro-beneditino-gabriel-guarda-martin-correa>

Fig. 113- <https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra>

Fig. 114- Esquema da autora

Fig. 115- Imagem da autora

Fig. 116, 117, 118, 119, 120- Modelo da autora

Fig. 121, 122, 123, 124- Modelo da autora

Bibliografia:

- 25 de Abril, 50 anos. *Comissão comemorativa 50 anos 25 de Abril*. 2024. <https://50anos25abril.pt/historia/prisoas-da-ditadura/forte-de-peniche/?utm> . Acesso a 24 de Abril de 2025.
- Adams, William Lee. “Norway Builds the World’s Most Humane Prison.” *TIME* (2010). <https://time.com/archive/6597005/norway-builds-the-worlds-most-humane-prison/> Acesso a 16 de abril de 2025
- Aizpún, Alejandro Vírseda. *Learning from Greece*. Madrid: Mairia Libros, 2016.
- Alexandra Trevisan, Josefina González Cubero e Pedro Vieira de Almeida. *Ler Le Corbusier*. Porto: CEEA, 2012.
- Álvaro Duarte de Almeida, Duarte Belo, Júlia Mateus Soares. *Portugal: Atlas do Património*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2008.
- Arnheim, Rudolf. *Arte e percepção visual*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.
- Baeza, Alberto Campo. *La idea construída*. nobuko, 2006.
- Beccaria, Cesare. *Dos Delitos e das Penas*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999.
- Benko, Jessica. “The Radical Humaneness of Norway’s Halden Prison.” *NYTimes* (2015). <https://www.nytimes.com/2015/03/29/magazine/the-radical-humaneness-of-norways-halden-prison.html> Acesso a 19 de abril de 2025
- Carmona, Rosalina. “As celas disciplinares ou «Segredo».” Dezembro de 2021. Documento.
- . “Pavilhão C: Evolução e transformações no espaço prisional.” 12 de 02 de 2021: 14. Documento.
- Ching, Francis. *Architecture, Form, Space, and Order*. John Wiley & Sons, Inc, 2007.
- Colin, Silvio. *O Convento de La Tourette e o tema da cruz*. 10 de outubro de 2010.
- Costa, Leandra Luciana Lopes. *A luz como modeladora do espaço na Arquitetura* . UBI, 2013. Dissertação.
- Davis, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?* Rio de Janeiro: Difel, 2018.
- Eckersley, Chris. “Chris Eckersley on the joys of a Le Corbusier cell room.” *Hole and corner* (s.d.).

- Ferreira, Maria Beatriz. *O espaço prisional: reflexão sobre o papel da arquitetura prisional no processo de reabilitação e reintegração social do recluso*. UPorto, 2018.
- Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*. Brasil: graal, 1998.
- Fry, Elizabeth. *The Angel of the prisons*. Londres: John Lane Company, 1916.
- Goffman, Erving. *The presentation of Self in Every Day Life*. Edinburgh: University of Edinburgh, 1956.
- Gonçalves, Maria. *A cor e o Espaço*. Dissertação. Covilhã: UBI, 2011.
- Gonçalves, Pedro Correia. “A Era do Humanitarismo Penitenciário: as obras de John Howard, Cesare Beccaria e Jeremy Bentham.” 27 de novembro de 2009.
- Heidegger, Martin. *Basic Writings from Being and Time (1927) to The Task of Thinking (1964) - Martin Heidegger*. 1977.
- Henriques, Ana. *No princípio estava o Mar Peniche: O Património Cultural, o Turismo e o Mar*. Universidade de Coimbra, 2010. Dissertação
- Hertzberger, Hermann. *Lessons for Students in Architecture*. Roterdão: 010 Publishers, 2005.
- Howard, John. *The state of the prisons in England and Wales : with preliminary observations, and an account of some foreign prisons*. William Eyres, 1777.
- Imam, James. “Former panopticon prison on Italian island to be turned into 'academy' for Europe's future leaders—and artist residency.” *The Art Newspaper* (2022).
- Johnston, Norman. *Forms of Constraint: a History of Prison Architecture*. University of Illinois Press, 2000.
- . *The human cage : a brief history of prison architecture*. New York: Institute of Corrections by Walker, 1973.
- Kandinsky, Wassily. *Do Espiritual na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Krell, Mrtin Heidegger e David Farrell. *Basic Writings from Being and Time (1927) to The Task of Thinking (1964) - Martin Heidegger*. Harper & Row, Publishers, 1977.

- Le Couvent de la Tourette*. Real. Richard Copans. Artista Les films D'ici. 2002. Youtube.
- Louped, *Inside London's Worst Ever Prison*, 2024
<https://www.youtube.com/watch?v=C4mY3TAbxG4> Acesso a 13 de fevereiro de 2025
- McConville, Leslie Fairweather & Séan. *Prison Architecture: Policy, Design and Experience*. Routledge, 2000.
- Mesquita, Francisco. *Comunicação visual, Design e Publicidade*. Adverte, 2019.
- Moia, José Luis. *Cómo se proyecta una vivienda*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1968.
- Moreira, Vânia Daniela Martins. *As prisões políticas do Estado Novo*. UMinho , 2018. Dissertação.
- Morgado, Luís. “Pensar a casa como arquitetura - Pensar a arquitetura como metáfora.” Dissertação. 1997.
- Pallasmaa, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Bookman, 2012.
- Pinto, Luís Miguel de Barros Moreira. *A rua como uma marca no tecido urbano da Baixa Pombalina : caso de estudo da Rua da Madalena*. Lisboa, 2020. Tese de Doutoramento.
- Ramos, Elisa Valero. *Light in Architecture The Intangible Material*. RIBA Publishing, 2015.
- Raquel Blumenschein, Neuza Cavalcante e Patrícia Pina. *Teoria e Prática da Arquitetura Penal*. Brasília: UnB, 2023.
- Rodrigues, Vanessa. *Documentário "Arqueologia da Resistência na Fortaleza de Peniche"*. <https://www.youtube.com/watch?v=jnWrBaMLzac&t=10s>
Acesso a 16 de abril de 2025
- Rothman, Norval Morris e David J. *The Oxford History of the Prison*. Oxford University Press, 1995.
- Rosas, Fernando. *Fuga das Prisões Políticas do Estado Novo*. RTP Ensina, vídeo, <https://ensina.rtp.pt/artigo/fuga-prisoas-politicas-estado-novo/>.
Acesso a 17 de abril de 2025
- Sivilombudet. *Halden fengsel*. Relatório de visita. Halden, 2023.

Vélez, Catherine Echeverry. *La paussa y el silencio*. Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2023.

Virtudes, Ana Lúcia. “From the city to the building: approaches to modernity - La Tourette as a landmark.” março de 2015: 23.

Webb, Sidney and Beatrice. *English Poor Law History Part 1: The Old Poor Law*. Frank Cass and co. ltd, 1922.

Zumthor, Peter. *Atmosferas*. Gustavo Gili, 2006.

Outro material:

https://www.patrimoniocultural.gov.pt/wp-content/uploads/2024/08/Ficha-de-Projeto_Peniche.pdf Acesso a 17 de abril de 2025

<https://ensina.rtp.pt/artigo/memorias-de-um-presos-politico-na-cadeia-de-peniche/> Acesso a 17 de abril de 2025

<https://www.theguardian.com/society/2012/may/18/halden-most-humane-prison-in-world> Acesso a 28 de abril

<https://www.re-thinkingthefuture.com/architectural-community/a9023-how-norway-designed-a-more-humane-prison/> Acesso a 28 de abril

<https://hlm.no/prosjekter/halden-fengsel> Acesso a 29 de abril

<https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2013/designandviolence/halden-prison-erik-moller-architects-hlm-architects/> Acesso a 29 de abril

Where To Invade Next (Legendado) - Documentário Completo [HD], 2021
<https://www.youtube.com/watch?v=dSSbXvBPo-U> Acesso a 29 de abril de 2025

Linha da frente. “Eu Devia Estar na Escola” a 15 de maio de 2025
<https://www.rtp.pt/play/p14349/e850717/linha-da-frente> Acesso a 15 de maio de 2025

Decreto-Lei n.º 51/2011 - Acesso a 6 de maio de 2025

Despacho n.º 5863/2015, de 2 de junho - Acesso a 6 de maio de 2025

Lei n.º 115/2009, de 12 de outubro - Acesso a 26 de maio de 2025